



*An exclusive
school,
an unexpected
romance,
a dangerous secret*

Academy 7

ANNE OSTERLUND

Academy 7

Anne Osterlund

Aerin Renning e Dane Madousin lutam quando entram como estudantes da academia mais exclusiva do Universo, tantos segredos escondidos que são muito dolorosos para revelar, não percebendo que esses muito segredos irão vinculá-los.

Créditos:

Comunidade Traduções de Livros

[<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=25399156>]

Tradução: Lívia di Medeiros

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=17374734838963324488>]

Tradução: Júlia Gava

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=9885328759777619575>]

Revisão: Lívia di Medeiros

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=17374734838963324488>]

Com um passado terrível demais para falar, e um futuro sombrio, sozinha à frente dela, Aerin Renning fica chocada ao descobrir que ela ganhou uma vaga na escola mais exclusiva do universo.

Aerin se sobressai na *Academia 7* em tudo exceto Debate, onde Dane Madousin - filho de um dos homens mais poderosos na *Aliança*- consistentemente a supera.

Felizmente Aerin consistentemente supera ele em *sparring*. Eles estão no topo da sua classe até Dane prejudicar tudo e Aerin ser involuntariamente arrastada para baixo com ele. Quando é dado ao par um castigo comum, uma amizade inesperada - e um romance - começa a se formar.

Mas Dane e Aerin, ambos portam segredos perigosos, e os dois estão ligados de modo que nenhum deles jamais poderia ter imaginado. . . .

Amigos ou inimigos?

Dane tinha sido de longe o crítico mais veemente da *Aliança* ao longo do período. Menos de meia hora atrás, Aerin, tinha-o acusado de não ter valorizado a liberdade que ele tinha aqui. Ela desacelerou seus passos, em seguida, pressionou a cabeça contra a casca áspera de uma árvore na extremidade do jardim. Nesses primeiros dias de aula ela tinha sido um peão, com medo de tudo, e baseada em uma conversa, ela fez um julgamento apressado sobre um rapaz que ela realmente não sabia nada. Aquilo também não tinha sido parte da discussão de hoje? Dane dizendo que ela não sabia nada sobre ele. Sim, apenas antes que ele a ameaçasse.

E tentado salvar a vida dela.

Mesmo agora, ela podia sentir a intensidade do aperto de Dane.

Talvez ele não tivesse a intenção de ameaçá-la

Ou talvez ele tivesse.

Para Maria—

que define a palavra *amizade*.

E para Andy, Filipp, e Marcus, e todos os outros jovens homens que apertaram botões e fronteiras e têm o potencial para mudar o universo.

Agradecimentos

Obrigado aos meus pais por me deixar invadir seu porão para escrever, para minha melhor amiga, Maria, cujo talento artístico é responsável pelo meu web design, cartões postais, etc; para Elaine, Jan, Orice, Shirley, e Maria pela leitura de projetos e fornecimento de *feedback*; para Dawn, que é responsável pela parte técnica do meu Web site e é muito paciente com a minha falta de conhecimento tecnológico; para o povo surpreendente da Penguin, que têm sido tão favoráveis, apesar da minha falta de credenciais publicadas, e para Angelle que deu uma grande chance a uma princesa que não deveria ser uma princesa e uma escritora que nunca foi muito boa em ficar dentro da caixa. Nem *Academia 7* nem *Aurelia* existiriam sem todas estas tremendas pessoas. E obrigado a todos os alunos, amigos, bibliotecários, professores, co-escritores, parentes e funcionários das livrarias que têm sido tão favoráveis com esta louca curva de aprendizagem.

Sumário

[Prólogo: *Fugitive*](#)

.....
[..... 7](#)

Capítulo 1: Fogo

.....
..... 10

Capítulo 2: O Convite

.....
..... 15

Capítulo 3: Reconhecendo o terreno

.....
25

Capítulo 4: Confrontos fechados

.....
..... 34

Capítulo 5: Combate

.....
..... 40

Capítulo 6: O Inevitável

.....
..... 46

Capítulo 7: O Crime

.....
..... 53

Capítulo 8: Acusação

.....
..... 58

Capítulo 9: Punição

.....
..... 65

Capítulo 10: No Risco

.....
..... 72

Capítulo 11: Barganha

.....
..... 78

Capítulo 12: Toque de Pedra

.....
..... 88

Capítulo 13: As Cataratas de *Chivalry*

.....
95

Capítulo 14:
Natal.....

..... 105

Capítulo 15: Dor

.....
..... 116

Capítulo 16: Negação

.....
..... 119

Capítulo 17: A noite

.....
..... 123

Capítulo 18: Vôo

.....
..... 135

Capítulo 19: O Eixo

..... 140

Capítulo 20: Simulação

..... 145

Capítulo 21: Repercussões

..... 156

Capítulo 22: Autorizados

..... 159

Capítulo 23: A Fonte

..... 166

Epílogo: Punição (REPRISE)

..... 169

Prólogo: *Fugitive*

Aerin tentou ignorar a mancha de sangue no painel de controle do *Fugitive*. A nave espacial do seu pai. O sangue dele. Ela empurrou a imagem para longe, empurrando-a para o pequeno cofre na parte traseira de sua mente. Em seguida, batendo a tampa. *Basta de memórias!*

A velha nave espacial sacudia como se no seu exterior houvesse uma turbulência, mas a janela do *cockpit* mostrava apenas o vazio negro do espaço claro polvilhado com estrelas distantes.

A agitação cresceu mais intensa, cada pedaço da nave comercial antiga parecia se mover. O

revestimento metálico vacilou para frente e para trás nos parafusos arredondados. Os fios expostos tremiam nos fragmentos abertos na parede. Fios elétricos balançavam a partir do teto.

A mensagem era clara. Ela não tinha como fazer isso. Sem próximo planeta. Sem próxima estação espacial. Se somente o computador da nave dissesse a ela o que estava errado. Então, ela poderia ser capaz de solucioná-lo. Mas, embora o piloto automático funcionasse bem o suficiente para completar a decolagem e seguir em curso, a tela ficou em um mal-humorado branco.

Os reparos apressados que ela tinha terminado em seus momentos finais sobre *Vizhan* tinham sido suficientes para levar a frágil nave para fora do chão, através da atmosfera, no espaço. Eles não iam ser suficientes para salvar sua vida. Não sem ajuda.

Entrando em um apelo silencioso, ela ligou o rádio. Uma luz verde brilhou. *Obrigada*, ela sussurrou em sua mente, depois virou o seletor de volume com um agitar de dedos. Um suave zumbido ficou mais alto. Funcionando! Pelo menos, parecia que estava funcionando.

Aerin digitou o código para o sinal de socorro. *Beep, beep, beep, beep, beeeep, bip, bip, bip*— o código entrou na máquina e começou a repetir a mesma mensagem repetidamente.

Ela enfiou os pés descalços debaixo dela e deslizou para trás em sua cadeira. Nada que ela pudesse fazer agora. Bastava manter a nave nas coordenadas marcadas no

diário de bordo como os da estação espacial e esperar que alguém saísse no enorme vácuo.

Suas pálpebras ficaram pesadas com o aumento do cansaço. Talvez fosse melhor apenas arrastar-se para uma das camas da nave, a do seu pai, desde que a sua própria cama agora era muito pequena, mesmo para os membros magros do seu corpo de dezessete anos.

Talvez ela devesse ir dormir. Deixar-se a deriva, grata que ela morreria livre, aqui na nave de seu pai, como ele tinha morrido. Livre da fome e da violência de *Vizhan*. Longe do terror.

O medo não é o inimigo. O amor é— ela recitou o mantra que a manteve viva nestes últimos seis anos.

Nem a sua consciência nem a vibração na fuselagem iriam deixá-la descansar. Sentada aqui, ela sabia, olhando pela janela, ajustando botões e sintonizador, ela lutaria contra este pedaço retorcido de máquinas, enquanto ela pudesse.

Até que a ajuda chegasse, ou todo o fôlego deixasse o corpo dela.

O tempo não parecia mover-se, contudo. A luz das estrelas não conseguia marcar a passagem das horas, e o relógio no canto ficou escuro. Ela desparafusou o relógio, então verificou os bulbos minúsculos. Os filamentos eram negros. Destruído. Nenhuma surpresa nisso. Objetos de longe mais fortes se despedaçaram durante o acidente.

Aerin deslizou para trás em seu assento, mais uma vez, olhando à distância. Esperando. Para a vida. Ou morte. Seus olhos na janela.

Foi o rádio, porém, que finalmente trouxe a esperança. A crepitação, em seguida, uma fraca voz através da estática. Palavras aparecendo e desaparecendo. Irreconhecível. Sílabas perdidas em um submundo sem contexto.

Ela inclinou-se para frente, agarrando o bocal. Ele saiu em sua mão, o cabo decepado. Ela o atirou e assistiu ele bater em uma parede, bater no chão, e derrapar quinze pés batendo na parte traseira da cabine.

A voz no rádio voltou, puxando-a da frustração. As palavras cresceram mais fortes, mais claras.

"Este é o *Enviado*, respondendo a sua chamada de socorro. Você compreende?"

A mesma mensagem repetida inúmeras vezes. Ela olhou para baixo no rádio, sabendo que deveria haver uma maneira de reagir ao código.

Mas mais uma vez ela era vítima de sua própria ignorância.

A voz ainda não desistia. Em vez disso, a mensagem mudou.

"Este é o *Enviado*, acompanhando um pedido de socorro nas coordenadas 09-74-6002. Sem resposta verbal recebida. Mudança de curso para interceptar chamadas."

A voz desvaneceu-se e Aerin sussurrou a última frase em voz alta, agarrando-se a frase *interceptar chamadas*.

Será que a nave viria depois? Para ajudá-la? Ela esperou, contando os

segundos, ansiando por um senso de controle.

Em seguida, o *Enviado* emergiu centenas de metros da negritude elegante do nariz à cauda.

Sua fuselagem escura misturada tão profundamente ao espaço que primeiro fez a sua presença conhecida, bloqueando a luz das estrelas de seu ponto de vista. A nave inclinou-se em direção a ela, arestas planas delineando um nariz pontudo e as asas que varriam em volta dos lados como penas lustrosas em uma flecha. Em seguida, a nave rolou em seu eixo, revelando uma reta, no lado mais estreito.

O sensor interno de Aerin fragmentou as terminações nervosas no cérebro dela. O que ela fez? Quem havia convidado ela para seu mundo? O coração dela sacudiu no mesmo ritmo que os painéis na parede. Ela estava capturada, imóvel, presa no espectro do medo.

Capítulo 1: Fogo

Dane Madousin varreu através da atmosfera em um rápido arco, testando a velocidade de sua nova aeronave. Os dois, homem e aeronave cortando uma faixa de silêncio pelo céu azul.

"Afiado", Dane murmurou a máquina, em seguida, arremessou sua fuselagem brilhante de cabeça para baixo.

Sua cabeça caiu para trás, seu olhar fixo reconhecendo a superfície do planeta. *Chivalry* com uma vasta vegetação espalhada embaixo dele: abeto e cicuta, carvalho

silvestre e álamo alpino, vegetação tingida de vermelho e castanho, dividida agora nesse tempo por uma faixa azul, ou, mais freqüentemente, um córrego seco.

Natureza pura, Dane pensou, desejando que ele tivesse sido fixado nesse setor antes.

Ele estava farto da superfície artificial da Base e da altura dos arranha-céus da única cidade do planeta. Aqui era onde estava a ação, onde as rajadas de ventos quentes de verão reuniam-se com matérias secas e cheias de combustível. Primeira condição para um incêndio.

"Acho que temos alguma coisa!" Uma voz de garoto gritou pelo rádio.

Dane baixou o volume. "Bem, onde está?" ele ouviu o chefe dos bombeiros dizer.

"Quadrante sudeste", disse o garoto. "Parece como as coordenadas cinqüenta e quatro por sessenta e um."

Dane inclinou a cabeça, não se preocupando em verificar o mapa fixado no visor. Ele sabia que o lugar estava no seu setor. "Vamos lá, *Gold Dust*", disse ele, invertendo o lado direito da aeronave para cima e impulsionando nas coordenadas.

"Você conseguiu essa, Madousin?" a voz do chefe veio novamente através do rádio.

Dane pegou o bocal. "Sim, em movimento", disse ele. *Finalmente*. Dois verões voando em velhos batedores com a Companhia, mas nada mais emocionante do que um pequeno incêndio no Parque da Cidade. Então esta manhã ele tinha descontado suas economias para um

plano interplanetário, e agora, no mesmo dia, teve a chance de alguma ação.

Não porque os dois fossem parentes. Dane sabia que a única razão pela qual tinha sido atribuído a este setor era porque o incêndio estava grande no noroeste e exigiu todos os lutadores experientes. Aviadores com dezessete eram mantidos normalmente para fins específicos, e ele tinha mais duas semanas antes de atravessar esse marco.

"Qual o nível dos incêndios que estamos olhando?", Perguntou o chefe.

"Umm, na tela de exibição a fumaça parece preta e meio alta", resmungou o garoto.

Isso foi útil. Dane manteve seu sarcasmo para si mesmo. Ser baixo nos lutadores significava

que a pessoa que estava executando o monitores, tinha próximo a nenhum treinamento.

"Que tipo de material está em chamas?" O chefe disse em uma voz paciente.

"Árvores?" Disse garoto.

"Árvores em torno de uma casa? Ou um curso d'água? Ou uma floresta?", perguntou o orientador.

Uma maldita floresta, Dane teve sua resposta através da janela do *cockpit*, e não o rádio. Fumaça

negra no ar, escura demais para um pequeno stand de combustível no chão.

Ele agarrou seu bocal. "Eu tenho um incêndio florestal soprando à oeste, pelo menos no nível três."

Ele manteve a voz calma como ele tinha sido treinado, mas sua mente estava gritando lá dentro.

Garoto estúpido nunca deveria ter deixado isto perto do nível três antes de chamar ajuda.

Este não era o tipo de fogo que você poderia perder na tela do radar. Não se você estivesse prestando algum tipo de atenção.

"Cinco aviões em seu raio. Isso vai dar apoio suficiente?"
"O chefe perguntou.

Por esta altura, as cinzas estavam cobrindo o pára-brisa de Dane, e ele estava grato pelas retardadoras chamas que bloquearam o cheiro da fumaça e manteve o metal longe de cicatrização.

Ele podia ver com certeza agora que o fogo estava fora de controle. Cinco aviões não iriam controlá-lo. Eles teriam até mesmo sorte se fizessem um pequeno avanço.

"Nós vamos precisar de pelo menos trinta aviões aqui", Dane respondeu. "Essa coisa foi coroada".

"Coroada?" Pela primeira vez, a voz do chefe vacilou.
"Você está me dizendo que as chamas estão fora da vegetação rasteira e queima de folhas?"

"Needles. Estamos falando de centenas de abetos e cicutas espalhadas na medida em que os olhos podem ver. " Que não era muito longe, considerando a turva névoa cinza enchendo o ar.

Houve um barulho do outro lado da linha, e uma nova voz substituiu o chefe. "Madousin, procure o inferno fora de lá. Você não está com idade para lutar contra um nível quatro. "

Dane abaixou relutantemente o acelerador. A queda de cinzas estava crescendo mais espessa.

Carrancudo, ele olhou para fora de suas janelas. Toda a fumaça meramente eliminando sua opinião agora. Essa coisa estava crescendo rapidamente, e, a partir da aparência da mesma, a zona

quente

estava

aproximando-se

a

um

ritmo

veloz.

Quando ele começou a inverter, a estática queimou no rádio. Ele pensou ter ouvido a palavra *ajuda*, mas não podia fazer qualquer coisa.

"Aqui é Dane Madousin. Não entendi essa última. Por favor, repita. "

"Não perturbe comigo", foi a voz do controle. "Eu disse para sair de lá."

"Não", Dane tentou explicar. "Eu pensei ter ouvido outra coisa. Existe alguém lá fora? "

Mais barulho e nada claro.

Dane olhou para o radar. Nenhum sinal dos planos de reforço prometidos. Mas alguma coisa lá fora estava enviando um sinal muito fraco e não muito longe, para ele.

"Diga ao chefe que eu acho que há alguém—"

"Madousin, volte aqui agora!" O chefe dos bombeiros gritou Dane desligou rádio. Ele diminuiu a velocidade do *Gold Dust*, procurando pelo sinal. À

medida que a fumaça se dissipou o suficiente para manchar o chão, ele procurou por uma ruptura na cobertura arbórea. Espaços significavam água ou uma zona de proteção em torno de uma estrutura artificial. O que quer que seu radar havia pegado, não era natural, e nenhuma zona iria ser de muita ajuda no meio deste fogo.

Ele vasculhou sua memória, tentando lembrar se ele tinha visto todas as estruturas no mapa.

Não, não deve haver quaisquer prédios aqui em tudo. A menos que o mapa—

Então ele viu, saindo desse lado do incêndio. Não um edifício, mas uma estreita faixa que designava uma estrada. Um veículo terrestre enferrujado vermelho _gaguejando_ fora da fumaça. No caminho estava aquela geringonça indo para vencer o incêndio. Uma mudança no vento e a máquina de rodas seria forragem para as chamas.

Dane colocou a sua aeronave em movimento, e então o varreu para baixo em uma crescente inclinação. Espremido no estreito espaço entre os troncos das árvores e os veículos

terrestres, *Gold Dust* pairava ao lado da outra máquina. Dane sinalizou para o condutor encostar, mas a neblina era tão grossa que ele não tinha certeza de que os movimentos frenéticos de sua mão poderiam ser visto. Não até que o veículo de terra sacudiu a um impasse.

Manejando à frente, Dane abaixou a aeronave na terra compactada. Na zona de perigo agora.

Ele sentiu uma guinada de adrenalina quando ele colocou sua máscara de oxigênio, então, com um movimento fluido, empurrou a porta aberta do piloto para o lado e pulou, caindo a seis pés da superfície da estrada.

Um rugido crescente chocou-o ao chão, o som do fogo através dos golpes violentos na madeira.

Ele arrastou-se através do ar sufocante e procurou o veículo terrestre. O motorista havia deixado seu táxi, mas parecia estar tendo problemas para caminhar. Suas roupas estavam cobertas de fuligem, e ele tropeçou, debruçando-se sobre as costas, peito fraco até a cintura.

Inalação de fumaça.

Dane correu para frente, agarrou o homem em volta das costas, e arrastou-o para o lado da aeronave, com um balançante passo de cada vez. O ar quente batia forte no rosto de Dane, um lembrete de que estavam à mercê do vento. Foi-se a aeronave uma luz difusa de tinta fresca, a sua cor dourada untada com a cinza fundida. Liberando

seu domínio sobre o homem, a fim de escalar ao lado da aeronave, Dane empurrou a porta e saltou novamente à estrada.

O homem tinha caído no chão, o corpo de lado, enrolado em uma bola apertada. Ele esforçou-se para sentar-se, mas desmaiou de volta contra a terra. Dane abaixou para ajudar, de alguma forma, em seguida, empurrou, puxou e empurrou o corpo fraco em direção ao espaço aberto na porta da cabine.

A inclinação do braço travou a correia da máscara de oxigênio, puxando a tampa fora de posição. Fumaça acre invadiu os pulmões de Dane. Impedido, ele começou a movimentar o corpo no banco do passageiro e fechou a porta e, em seguida correu em torno do nariz da aeronave, os dedos rasgando sua máscara, mas só conseguindo emaranhar a correia. Ele desistiu, precisando de suas mãos para subir no assento do piloto.

Em segundos, a aeronave decolou do chão. A cabine estava cheia com fumaça, e os olhos de Dane estavam irritados quando dirigiu a aeronave para fora da névoa.

Ele tentou ligar o rádio novamente sem sucesso. Sem resposta, nem estática. O radar ficou em branco. Ou ele também estava falhando ou o reforço extra nunca tinha chegado.

Uma tosse áspera ecoou do homem no outro banco. Fuligem revestindo sua pele, fazendo com que idade e as características faciais fossem difíceis de discernir, mas a dor era fácil de

ler. Dane finalmente arrancou sua própria máscara e colocou-a em torno da cabeça do homem.

Em seguida, ele estabeleceu as coordenadas para o hospital da Base e deslocou-se a uma velocidade superior. *Zhzhzh!* Eles estavam subindo. Indo, indo acima do limite de velocidade, mas para o inferno com isso. O passageiro tinha caído mais, sua cabeça para baixo em um ângulo estranho contra a porta, e não havia nada que dissesse se ele ainda estava respirando.

A periferia da cidade apareceu em foco—formas retangulares, paredes retas, apontando como pirâmides desarrumadas no horizonte. Dane desviou para a esquerda, na esperança de evitar o tráfego e as patrulhas aéreas da cidade. Ele desviou ao redor da borda da cidade.

As estéreis estruturas cinza-esverdeadas da Base da Força Aérea da *Aliança* estenderam-se para o oeste. Dane rasgou o espaço aéreo militar sem perder uma batida, reduzindo seu poder, ele viu o helicóptero do hospital, e tocou para baixo com uma precisão que faria qualquer piloto ter inveja. Inclusive seu pai.

Mas não houve tempo para saborear o momento. Vultos correram para aeronave. Tossindo agora, Dane envolveu os braços em volta do tórax com fuligem do passageiro e baixou o corpo apático para os braços estendidos de um médico. Ele arrastou-se abaixo para responder às perguntas, mas um braço forte empurrou-o contra a lateral a aeronave.

"Dane Madousin?" A voz áspera gritou em seu ouvido.

Dane tossiu. "S-sim".

O aço frio se fechou em torno de seus pulsos. "Você está preso."

Capítulo 2: O Convite

A comporta para o compartimento de Aerin no *Enviado* abriu com um frio, som de sucção.

Há quatro semanas ela estava a bordo desta nave espacial, e ainda assim ela não conseguia habituar-se a esse som. Parecia que ele raspava os espaços do seu cérebro.

Ela endureceu, mas permaneceu sentada no banco estreito dos apertados quartos pessoais.

Eles não conseguiam ser definidos como uma sala, pois, além do banco e do espelho na parede oposta, a única mobília do compartimento consistia da cama retrátil, que, se tivesse sido desdobrada, teria enchido todo o espaço de seis-por-quatro-pés.

A subida da comporta revelou botas pretas, uniforme escuro, e a cabeça cinza do capitão.

Ele atravessou rapidamente a porta de entrada baixa, sem necessidade de abaixar. Ela sabia melhor por agora do que julgá-lo por seu pequeno tamanho. Nenhuma personalidade leve poderia ter controlado uma nave espacial enorme e ganhado o respeito da maciça tripulação.

E ele tinha feito. Como ele tinha feito isso, ela não sabia, mas ela tinha visto a forma com que os homens e mulheres sob o seu comando observavam cada movimento seu, saltando para obedecer, mesmo que isso significasse travar uma viagem importante para atender uma chamada de socorro de uma nave comercial quebrada.

Aerin ainda não conseguia acreditar que ele tinha respondido. Ela mantinha-se verificando sua sombra, esperando o chicote cair ou a trava deslizar no lugar, mas ela tinha sido submetida a nada mais do que uma série de testes físicos e mentais na primeira semana de sua chegada. Ainda assim, este poderia ser o tempo.

Calafrios em seu corpo.

O capitão deu um sorriso torto e entregou-lhe uma caixa pesada, branca e hermeticamente fechada. "Um pacote chegou para você do *Conselho*."

Conselho? Sua língua manteve-se estável no fundo de sua boca enquanto ela colocava a caixa

no banco ao lado e passava as mãos sobre a superfície lisa do pacote para ver se ela poderia encontrar uma abertura. Nada, mas talvez ela estivesse fazendo algo errado.

O capitão se abaixou e puxou uma fina, faca de cabo preto da sua bota.

Ela sentiu seu pulso acelerar e recuou, batendo sua coluna e ombros contra a parede.

Ele não reagiu, exceto para girar o cabo até que ele estivesse na frente dela, em seguida, estendeu-a em sua direção.

Um momento extenso se passou antes que ela percebesse que ele queria que ela tomasse a faca e usasse-a para abrir a caixa. Com esforçada rapidez, ela pegou a arma e segurou-a firme.

O capitão permaneceu parado, olhando para ela.

Com um corte, único e ágil, ela abriu o pacote. Sobre a bancada caiu um pacote azul e roupa preta: botas, calças, meias e uma camisa com os botões de ébano. Esse tecido fino. Estendeu um dedo hesitante, depois recuou.

"Vá em frente, é seu", disse o capitão, recuperando a faca e devolvendo-a a sua bota.

"Uniforme-padrão. Significa que a *Aliança* colocou você em uma escola." Ele olhou para a caixa e seu conteúdo restante. "Uma Academia, a julgar pela espessura dos livros didáticos."

Com uma sobrancelha levantada em curiosidade, ele entregou-lhe uma carta selada. "Isto veio também. Leia e verá onde você está indo. "

Aerin obedeceu, mas as palavras escritas faziam pouco sentido.

Erguendo a língua para fora da base de sua boca, ela se forçou a falar pela primeira vez desde o embarque na aeronave gigante, não para dizer a ele o nome da escola listada na carta, mas para fazer uma das centenas de perguntas que estavam espancando a mente dela. "O que é a *Aliança*?"

Os olhos do capitão se alargaram. Ele balançou para trás nos saltos de suas botas polidas e por um apavorado, momento de parar o coração, Aerin temia que ela tivesse cometido um erro grave. Então ele riu, sentando-se na borda do banco, vários metros de distância. Ela ficou tensa com esta proximidade, mas se forçou a permanecer imóvel. "Bem, esta é uma pergunta difícil. Não tenho a certeza se eu já tive que responder isso

antes, mas eu também não costumo viajar até aqui fora das fronteiras. "

Ela esperou desconfortável com o riso dele.

—Suponho que a resposta mais simples é dizer que a *Aliança* é o maior governo do universo||, disse ele, —composto por cinco sistemas centrais de estrelas. Delegados de todos os planetas são membros do governo||.

"Delegados?", ela perguntou.

"Si im." Ele coçou a cabeça como se estivesse com problemas em decidir como explicar. "As pessoas no planeta escolhem alguém para representá-los. Todos aqueles no planeta que tem algo a dizer. "

Imagine se todas as pessoas de Vizhan tivessem uma palavra a dizer aos que eram seus líderes. A vida seria muito diferente.

O capitão prosseguiu, seus dedos curvados tocando sem parar no músculo da coxa. "Claro que existem delegados demais para trabalhar com rapidez e sem problemas, para que haja

também um *Conselho* composto de quatro líderes respeitados. O *Conselho* ouve os delegados e toma as decisões ".

"E o que este *Conselho* tem haver comigo freqüentando a escola? ", perguntou ela.

"A educação é a espinha dorsal da *Aliança*. De fato, um dos membros do *Conselho* também é a diretora da *Academia 7*, a escola de maior prestígio no universo ".

Aerin levantou sua cabeça, mas o capitão continuou falando, batendo as botas agora as movendo em sincronia com os seus dedos inquietos. "Qualquer jovem cidadão com idade entre dezesseis e dezessete pode prestar o *E.E.A.* , *Exame de Entrada para a Academia*. Esse foi o teste que eu te dei depois que você embarcou nesta nave. Não é como qualquer outro exame que você tenha feito, não é? "

"Não." A palavra teste tinha outros significados para ela. Significava usar as habilidades que tinha para sobreviver. Isto não se referia à resolução de problemas ou correr em um período de tempo.

A maioria das perguntas nas quais ela havia se esforçado no *E.E.A.*, foram às do começo.

Nomes dos pais: ela deixou sua mãe em branco. *Escolas frequentadas:* o capitão havia preenchido

a dela com a palavra *homeschooled* (ensinada em casa), embora ele não pudesse ter sabido se estava parcialmente correto.

"Como são usados os pontos?", Perguntou ela.

"Para colocar você em uma academia. Há escolas por toda a *Aliança* agora, além das sete originais. Os resultados dos testes colocam você em uma das mais prováveis para se adequar ao seu nível de habilidade ".

A mente de Aerin rodopiou. Um governo que não só permitia a todos aprender, mas na verdade eles queriam? A idéia pareceu absurda, mas o capitão não parecia que estava brincando.

Os olhos dele estavam sóbrios, olhando para o desenho colorido de cinza na fita de cabelo dela. Ele havia feito o suficiente para que ela soubesse que ele reconhecia a marca de *Vizhan*.

Ele não poderia conhecer a história de seu passado, mas entre esta marca e sua aparência grosseira, ele deve ter tido alguma ideia do que ela tinha passado.

Seu olhar caiu para a roupa ao seu lado. "Eu deveria deixar você tentar pôr isso ". Mas ele não se mexeu. Em vez disso, ele olhou para os livros didáticos, em seguida, estendeu a mão direita e fechou em punho. "Você pode querer começar a estudar. Como eu disse, os fundos da *Aliança* para educação são para todos os seus *cidadãos*. "

E então ela entendeu o que este homem tinha feito: lançado a ela uma chance, uma oportunidade única de um futuro, sob a forma de um teste que ela nunca deveria ter sido autorizada a tomar. Ela poderia fazer o que ele estava querendo dizer? Fingir ser uma cidadã

de um mundo que nunca tinha conhecido existir? Mas que outra opção estava lá? Ela não tinha uma, e nenhum lugar para ir. Se essa era sua chance, ela deveria tomá-la.

O queixo dela se levantou.

E ele se levantou, abrindo o punho contra a superfície lisa da parede. "Você têm um mês para se preparar antes da sua chegada." Ele esperou um momento, como se esperando que ela dissesse alguma coisa, talvez o nome da escola para a qual ela havia sido selecionada.

Mas Aerin ainda não estava pronta para compartilhar.

O capitão virou-se, a comporta deslizando atrás dele.

Ela permaneceu sentada por um minuto, em seguida, moveu-se para o largo vidro pendurado na parede. A face que viu no reflexo já era uma estranha. Seu cabelo clareado-pelo-sol tinha escurecido para sua vertente castanho-natural, escovado, limpo e reto. Sua, uma vez, pele de bronze tinha empaldecido ao redor das maçãs do rosto salientes e queixo pontudo, e apesar de seu vestido esfarrapado revelar as pontas dos ombros, cotovelos e costelas, com as refeições a bordo, tinha começado a preencher a carne em torno de seus ossos.

Ela olhou para trás, camisa preta, calças e botas no banco. Que pessoa ela seria quando ela mudasse para lá?

Lentamente, seus dedos alcançaram até deslizar a fita de cabelo cinza fora de sua testa.

Mesmo quando ela olhou para o V tingido na frente da faixa, ela ainda podia sentir sua marca. Será que ela realmente sairia do seu passado tão facilmente? Renunciaria ele como os trapos esfarrapados?

Então os olhos dela esvoaçaram para o ofício dobrado no banco. Ela o pegou e enfiou-o no canto inferior do espelho. Será que ela jogaria fora suas memórias dos últimos seis anos para um futuro de abundância com o desconhecido? Nada poderia ser pior do que aquilo que ela já sabia. Ela não queria mais nada para lembrá-la dos campos, as plataformas, e os lasers. Ela esfregou tudo isto para longe como se ela houvesse tirado a sujeira de seus pés descalços.

Quando ela tivesse concluído, não haveria um único sinal de onde ela era. Exceto a marca em seu ombro, linhas

escuras mostradas agora onde seu largo decote caiu.

Dane acordou com o duro rangido das barras da cela no outro lado. Ele rolou lentamente de costas, as duras molas da empoeirada cama cutucando sua espinha. Seus músculos doíam da longa noite na delegacia, e sua boca tinha gosto de fumaça. Ele havia sonhado com fogo: quentes chamas-brancas lambendo seu rosto e sobancelhas, o calor queimando seu peito,

fumaça mergulhando pelas narinas e coagulando suas vias aéreas. O mesmo cheiro agora enchendo seus poros, suas roupas, e o colchão desconfortável da cela.

"Acho que ajuda ter amigos em altos lugares." Uma voz zombeteira o impeliu para fora da cama. Fora da porta estava um guarda com face-pálida e um sorriso largo em seus lábios.

"O que você sabe sobre isso?" Dane respondeu.

O homem retorceu uma mão em torno de uma barra e sacudiu a porta aberta. "Você está fora daqui", disse ele.

Com lentidão deliberada, Dane levantou, esfregando os dedos na lateral do rosto. Fuligem tão escura quanto seus cabelos, manchou as costas dos seus dedos bronzeados. "O que há de errado? Vocês não podem pagar um sabonete para me limpar?" ele estalou, então saiu ao lado do guarda, contornando uma mancha no chão de cimento, e esgueirando-se pelo corredor.

A sala de espera o cumprimentou com uma exposição de presunçosas fotos da polícia e do perfume de café queimado. Entre a linha de cadeiras vazias na recepção uma figura familiar: um desleixado homem de sessenta

anos num macacão gorduroso, as mãos enterradas nos bolsos largos. Dane sorriu.

"Eu não sei", o policial com sobrepeso da recepção estava dizendo. "Senhor?"

"Pete", respondeu a figura, descartando a necessidade de um sobrenome.

"É contra a política a liberação de uma menor a alguém que não seja o pai ou responsável legal. " Braços musculosos cruzados sobre a barriga saliente e o policial se recostou na cadeira acolchoada.

Dane abriu a boca para protestar porque ele conhecia Pete toda sua vida. O velho mecânico tinha lhe ensinado a voar, checando ele quando seu pai ia embora. E tinha ido por Dane quando as coisas ficavam difíceis. Realmente difíceis.

Mas Pete levantou a mão, interrompendo o protesto antes do seu início, em seguida, ajeitou-se e deu ao policial um olhar duro. "Seu pai não está no planeta, como você bem sabe. Ele não vai voltar de sua missão por mais seis semanas. Mas por todos os meios, espere. Veja como ele irá reagir quando ouvir que seu filho foi preso sem nenhuma acusação formal ".

"Sem—?" Dane começou a perguntar.

"Sente-se e cale-se", ordenou Pete.

Dane sentou.

O rosto do policial ficou manchado de vermelho, um duplo queixo saliente para frente.

"Tudo bem, mas esta é a última vez que eu abrirei uma exceção. O homem redirecionou seu olhar para Dane. "Você ouviu isto, Madousin? Apareça aqui de novo depois de seu aniversário de dezessete anos, e não vamos dar-lhe outra chance, não importa qual seja seu sobrenome".

Dane cerrou os dentes, mas agarrou firme Pete guiando-o através das portas da estação suja antes que ele pudesse dizer uma palavra de retorno. O calor fora o agrediu. Ele bateu a coxa em uma grade enferrujada e olhou em volta aborrecido com a Zona Cinza. Ninguém mais se agitou em meio aos abarrotados trio de edifícios designados para a utilização da cidade e uso da Base, e não havia uma única aeronave descansando no vazio pátio de aterrissagem de cascalho.

"*Gold Dust?*" Dane questionou, de repente, preocupado com sua nova aeronave.

"Você sabe que você foi demitido, certo?" Pete rosnou.

Dane encolheu os ombros. Combate a incêndios era um sonho de emprego, mas não era exatamente o seu. Ele sabia melhor do que sonhar.

Mas inferno! Ele pensou. "Eu ganhei aquela aeronave".

"Ela está atrás no hangar", disse Pete. "Você está indo para casa, e você tem sorte, de a polícia não embargar ela."

"Elas não tinham o direito. Você sabe que eu não mereço ser—"

"Oh, eu sei bem. Eu sei que eu te vi naquele lugar muitas vezes." Pete direcionou sua custódia até o portão da

cerca de arame farpado que separava a Zona Cinza do resto da Base Militar de *Chivalry*.

"Para quê? Perigo imprudente?" Dane argumentou, sem poupar um olhar para os armados membros da patrulha em torno da cerca. "Vamos lá, não há nenhuma maneira que pudessem fazer essa apreensão, não quando a aeronave pertencia a mim em vez da Companhia de Incêndio. "

"Isto não é sobre a aeronave." Pete fechou seu aperto no ombro de Dane quando eles se dirigiram por um corredor estreito. Os altos muros das instalações da Força Aérea Aliada levantaram-se do lado esquerdo. À direita, um jogo de bola ficou congelado, seus jogadores jovens absorvidos pela observação dos transeuntes. Pete ignorou os olhares. "Você ainda estaria sentado naquela cela se o homem que você salvou não fosse um coronel aposentado."

"Porque a maioria das pessoas que salvam vidas é tratada como criminosos". A voz de Dane cheia de sarcasmo.

"A maioria das pessoas não voa em uma zona quente depois de ter sido ordenada a dar o fora dela."

"Então o que se eu sou menor de idade alguns dias para combater um nível quatro? Eu sou um melhor piloto do que a maioria desses caras. "

"Você não foi para o fogo para salvar a vida de alguém", Pete disse, "e você sabe disso."

Colocar-se em perigo imprudente é um termo adequado se ou não as acusações fossem retiradas. Pare de tentar se matar, ou um destes dias você vai ter sucesso. "

Talvez, Dane pensou. Houvesse coisas piores. Como viver sob o controle do seu pai.

Um silêncio desconfortável parou a conversa.

Mesmo a esta hora mais cedo, a Base nunca foi silenciosa. Os gritos do pessoal, o zumbido de funcionamento de motores, bips e sinais de trânsito enchiam o ar. E a superfície de cimento fazia pouco para absorver o som e as luzes da torre de segurança girando no centro da ação. Dane teve um flashback da floresta que ele tinha sobrevoado no dia anterior e sentiu uma súbita necessidade de escapar. Ele se afastou.

"Espere." Pete soltou um suspiro lento, os músculos em sua face desgastada suavizando-se quando ele enfiou a mão no bolso e estendeu um envelope. "Isso veio para você. A governanta me deu quando eu parei para dizer a ela que eu estava vindo apanhar você.

Existe um pacote que veio com isto. O selo de ouro brilhou para Dane.

Sem pegar o envelope, ele começou a caminhar pela longa borda inclinada da pista. O sol brilhava formado visões de poças profundas flutuantes - na ampla pista diagonal, - e uma parede sólida de cercas de arame aparecendo em primeiro plano.

Pete veio por trás dele, apontando para o envelope. "Você sabe o que é isto?"

"A carta com a minha pontuação no *E.E.A.* ", disse Dane, pisando intencionalmente em uma rachadura. "Só o *Conselho* se importa o suficiente com segredo para uso pós-tradicional ".

"Você pretende abri-lo?"

Os olhos de Dane voaram novamente para o selo de segurança. Ele não poderia abri-lo, não poderia deixar-se importar. "Não."

"Então você não se importa que eu faça?" As palavras foram um pedido.

"Não é como se algum teste tivesse nada a dizer sobre mim."

Pete pegou o conteúdo do envelope. Sacudiu a cabeça ligeiramente para trás quando ele começou a ler e, depois, relaxou os ombros e entregou a carta a Dane. "Se o teste não vale nada, por que fazer esforço para sair-se bem?"

O nome da escola enrolava o caminho para Dane através do seu sistema de defesa mental, e ele teve que lutar um momento para reconquistar seu escudo de desdém.

"Paul", ele respondeu. "Quando ele fez o *E.E.A.* dois anos atrás, ele falhou em ganhar um lugar na *Alma Mater*¹ do Papai".

"Ah. E rivalidade entre irmãos é sempre uma prioridade para fingir ser estúpido?" Pete disse.

Inferno, sim. Na vida inteira de Dane, seu irmão nunca havia falhado em qualquer coisa, pelo

menos não aos olhos de seu pai. Até a rejeição da escola. E mesmo assim, tinha sido a escola que havia assumido a culpa. Não o filho de ouro, seguindo os passos do seu pai.

Dane jogou a carta no chão e continuou andando. "Não é como se eu fosse participar. "

1 [N/T: Alma Mater, neste texto se refere a escola na qual o pai de Dane havia estudado.]

"O quê?" O mecânico sofreu uma interrupção súbita.

"Meu pai odeia essa escola." Dane arremessou a verdade no homem mais velho. "Você realmente não achou que ele iria me deixar ir para lá." *Nunca em um milênio.*

Raiva e confusão brilharam no rosto de Pete, desaparecendo, esmagados sob escárnio.

"Deixar você? Como ele deixou você se unir a Companhia de Incêndio, ou ele deixou você ganhar um lugar na cela da Base? Desde quando você faz qualquer coisa que seu pai quer?

Ele não vai mesmo estar de volta aqui pelo tempo da escola começar." Pete fez um gesto acentuado em direção ao papel caído. "Esse é o seu futuro, rapaz. É melhor buscá-lo. "

Caro Estudante,

Parabéns! Você está entre o top de cinqüenta alunos aceitos no Exame de Entrada para a Academia e estão, portanto, selecionados para participar da classe do primeiro ano da escola mais exclusiva de ensino superior no universo, Academia 7 . Seu uniforme, detalhes do programa, e os livros didáticos estão inseridos no pacote de acompanhamento. Esteja ciente de que sua

pontuação no exame fornecer-lhe apenas o ingresso na escola. Eles não garantem a sua capacidade para ficar.

Atenciosamente,

Dra. Jane Livinski

Membro do Conselho & Diretora, Academia 7

Dra. Livinski releu o convite sem assinatura em sua mesa no escritório. Ela fez uma pausa, correndo uma mão sobre o coque apertado na parte de trás da cabeça, e ajustando a armação de aço de seus óculos. Então com um movimento rápido, ela assinou o formulário e empurrou para fora o papel.

Esse foi o último deles. Cinqüenta convites. Outra classe cheia de primeiro-anistas.

Sua mão fechou, em torno da caneca de café à sua direita, e por um momento ela segurou quietamente, desafiando o calor a queimar a palma da mão. Vapor levantou-se do fundo escuro, em seguida, evaporou antes de atingir seu rosto.

Cinqüenta novos alunos. Outra classe de arrogantes, ingênuos primeiro-anistas que nunca enfrentaram um desafio que não poderiam cumprir. Mas alguns deles teriam de enfrentar um aqui, metade deles na verdade. Pelo menos a metade.

Porque era assim que ela queria. O seu olhar voou de volta para a carta de formulário final.

A palavra *Parabéns* parecia olhar para ela. Ela não teria escolhido para iniciar a carta dessa forma. Ela criava uma

falsa esperança. Como se os alunos fossem convidados para uma festa com bolo gelado e serpentinas coloridas.

Não, foi a última linha que a Dra. Livinski preferiu. A única que dava o aviso. Ela tinha sido muito clara ao novo secretário sobre essa linha. Ela simplesmente não tinha pensado lhe falar sobre a primeira.

Muito tarde agora, no entanto. Ela havia assinado a metade dos formulários sem prestar atenção, e pelo tempo que ela tinha lido um, muitos já estavam no correio geral. Nada a fazer nesse ponto só enviar as cartas finais. Não levaria muito tempo para os alunos aprenderem que *Academia 7* não era uma confeitaria.

Com um sorriso fino, ela endireitou-se na cadeira de carvalho duro, esticando-se. Seu paletó de tweed² castanho-avermelhado tenso contra o movimento, e ela colocou-se para trás em posição normal, em seguida, concentrou sua mente na grande pilha de arquivos de estudante na borda da mesa.

Seu secretário tinha olhado com espanto para aquela pilha quando ele soube que ele teria que verificar todos os dados em arquivos no computador no laboratório de alta segurança.

"Deve ser importante," ele tinha dito.

—Relatórios de Pontuação,|| Dra. Livinski tinha respondido.

Não era uma leitura fascinante. Ela começou a árdua tarefa, em primeiro lugar ignorando os nomes e classificando a pilha de menor pontuação mais alta no Exame. Então, começando com o arquivo dos estudantes

com mais baixa pontuação, ela trabalhou a sua maneira através da pilha.

Isso estava entorpecendo sua mente, porque o Conselho de Educação sentia que os diretores deviam saber sobre os novos alunos: datas de nascimento, os membros da família, as escolas que participaram. Como se qualquer um desses poderia dizer-lhe se os alunos iriam ter sucesso aqui, se eles teriam a força e resistência. E, muito mais importante, a vontade.

2 [N/T: Tweed, Tipo de tecido de lã.]

As horas se arrastaram. Até o momento em que ela chegou ao final de dois arquivos, a sala fora de seu escritório estava escura. Seu secretário havia ido a mais de uma hora antes, e o prédio estava em silêncio. Ela olhou para as últimas duas pastas com uma carranca, então decidiu atacar as duas ao mesmo tempo e pronto.

Ela colocou os arquivos lado a lado, começou a abrir as abas da frente, e baixou seu olhar para ler. Só então ela mudou seu comportamento calmo. Uma mão apertou em torno de sua caneca de café frio, e em um segundo a sala parecia nadar. Como isso pôde ter acontecido?

Aqui, impresso em negrito, estavam os nomes Dane Madousin e Aerin Renning.

Capítulo 3: Reconhecendo o terreno

Enquanto Aerin descia do *Enviado* para o planeta da Academia, os sons da Sétima Cidade latejavam em torno dela: pequenos aero deslizadores fechando as ruas estreitas e tortas, camelôs vendendo cobertores para

bancadas de madeira aglomeradas; sinos ressoando das torres do relógio. A cidade vibrava com o que parecia ser uma mistura rica da vida moderna e

da

antiga

tradição.

Mas o sangue de Aerin gelou com a vista

da Muralha. O capitão havia mencionado

brevemente sobre sua direção, mas sua

descrição estava longe de ser adequada.

A superfície lisa da Muralha elevou-se a distância diante dela, levantando-se em um extenso círculo, bloqueando seu ponto de vista da escola, ela sabia que estava no centro da barreira.

E

a

superfície

da

parede

era

negra.

A

cor
de
uma
mortalha.

De repente, ela não podia sentir o convite na mão, nem a alça da bolsa no ombro. Ela não podia sentir nada. Exceto uma camada de gelo rígida cobrindo seu corpo. Se ela tivesse escapado ao terror da escravidão, arriscando sua vida e talvez as dos outros, para caminhar direito de volta para o confinamento?

Ela obrigou-se a avançar, recusando-se a olhar para trás, onde o *Enviado* partia para o céu verde-mar com a sua tripulação e comandante. Durante quase oito semanas, ela morou nas instalações da nave gigantesca, gastando as últimas quatro caindo em cima de seus livros e tudo o que ela podia encontrar sobre a *Aliança*. E agora o *Enviado* havia ido embora, levando consigo os restos da nave de seu pai. Outra ligação com o passado cortada.

Dez quarteirões desbotados passaram embaixo de seus pés enquanto ela se aproximava da muralha. Um guarda forte, com uma barba irregular estava na base de duas portas enormes.

"Convite?", ele exigiu.

Aerin suavizou seu aperto sobre o papel amassado. "Caminhe para a sua esquerda", disse o guarda, pressionando o seu peso em uma porta. As dobradiças rangeram, e formou-se uma fenda estreita, grande o suficiente para um único ser humano passar através dela. De alguma forma Aerin passou. Com o "boom" de

fechamento, suas paredes internas duras, mais forte do que qualquer estrutura em metal.

Não havia conhecidos do outro lado, apenas uma estranha, quietude surreal.

Um fino caminho de cimento rachado varrido para dentro de um círculo fechado, em seguida, dividido em um V afiado. Seu olhar seguiu-se da bifurcação direita para um prédio enorme, que não era feito de metal espacial velho, mas de pedras lascadas. O alto arco

vergado sobre a entrada da inclinada etapa acima, e Aerin poderia apenas percorrer as grandes palavras GRANDE HALL em um letreiro enferrujado.

Atrás do hall, uma estrutura diferente de qualquer coisa que ela jamais tinha visto pairava sobre o ar. Seu tronco delgado, do mesmo material preto como a Muralha, esticado milhares de pés acima mesmo do alto círculo. Na parte superior do tronco uma equilibrada formação em forma de diamante, seu contorno preto entremeado através de um centro branco. Na base do diamante, um ondulado tubo preto serpenteava seu caminho para fora em um grande círculo, em seguida, mergulhava em circuitos mais e mais através de mil pés. E toda a estrutura mudou, virando em sentido anti-horário em rotação constante.

Aerin arrastou seu olhar para longe, buscando consolo do movimento vertiginoso. Ela não encontrou nada entre o Hall e ela mesma, nada, só o caminho e um gramado verde e liso.

Espaço aberto severo, como os campos de trabalho em *Vizhan*. Um arrepio estremeceu seu torso.

Mas o guarda tinha dito para ir para a esquerda. Seus pés viraram rapidamente a bifurcação abaixo, atravessando outro caminho, e ela apressou-se. Ela passou por um prédio de tijolos fundos, seu estômago ligeiramente roncou quando ela notou fileiras de mesas do refeitório vazio através das borradas janelas de vidro.

Foi o jardim, no entanto, que fez seus passos lentos. O denso cobertor de hortaliças de todas as tonalidades a abraçou: samambaias longas, se inclinando e brotando da terra, folhas em forma de coração que se estendiam desde arbustos e cercas; macias, dedos musgosos cobrindo abaixo de galhos de árvore pendurados. Aqui entre a folhagem, ela estava escondida. Se alguém se aproximasse ao longo do caminho ela poderia se esconder por trás da cortina verde e espreitar através dos ramos.

Ela levou a palma de uma mão a uma pétala de seda vermelha e respirou o fundo perfume de pólen. Doce. E de alguma forma calmante, apesar de seu entorno murado.

Pela primeira vez desde que entrou no terreno da escola, ela se permitiu sentir.

E pensar. Por que o lugar estava tão quieto? Certamente deveria haver outros presentes. Mas não havia sinal de ninguém. Ela continuou a frente, impulsionada agora pela sua curiosidade.

Outro edifício surgiu através da folhagem, este, como o hall de entrada, mostrava os sinais da idade. Três andares de altura apresentando uma fachada de tijolo coberta de hera. Duas alas estendiam-se de leste a

oeste, e uma porta na frente estava aberta, sustentada por um bloqueio pesado.

O som de uma discussão flutuou para fora da abertura cortando a quietude.

"Eu não posso compreendê-la, Yvonne", disse uma calma voz de uma mulher madura "Você não deve sentir nenhuma compulsão para ficar com apenas dois primeiros-anos, saia para entrada".

"E eu pensei que você queria que eu assumisse mais responsabilidades, Mãe", zombou uma voz feminina aguda.

"Não cite as minhas palavras como uma arma. Tenha a qualidade de sua posição na mente.

A liderança é notada. "

"Duvido que eu vá precisar de crédito extra", respondeu a filha. "Depois de todas aquelas miseráveis lições privadas que você me fez ter, sou obrigada a estar entre os melhores alunos".

"Eu certamente espero que você não esteja *entre* eles. Você é um Entera. Nada menos do que o melhor será suficiente. Nosso planeta tem o nome de nossa família e, como membro, você representa todos nós. "

"Só porque cada Entera dos últimos trezentos anos foi um monitor de ala na *Academia 7*, não significa que eu deveria ", a menina reclamou. "Eu prefiro conduzir o comitê social. "

"Bem, você não pode se associar com todos, agora, pode?"

Aerin rastejou até a varanda, esperando que ela tivesse alcançado o lugar certo. Através da porta aberta, ela podia observar o canto de um lobby. Uma luz ofuscante empoleirada à beira de um balcão e um sofá marrom impertinente esticado atrás de um baixo escabelo³. Em outra parte da sala, ainda longe da vista, a discussão continuava quente.

"Honestamente, Yvonne", continuou a mulher, "o rádio anunciou a entrada em espaço aéreo local para todos, você sabe. *Por que* você ainda está aí? "

"Sério, Mãe"—sarcasmo pingava, através da voz da filha —"você está me aconselhando a abandonar as minhas funções porque algum criminoso está prestes a chegar na propriedade da escola? "

O termo *criminoso* provocou arrepios na espinha de Aerin. Eles estavam falando sobre ela?

Sua mente vasculhava as leis que ela tinha quebrado nos últimos dois meses, primeiro fugindo *Vizhan* e agora tentando se passar aqui fora como uma cidadã dos Aliados.

3 [N/T: Escabelo, estradinho para descansar os pés.]

Seus pensamentos piscavam de volta para o abrigo protetor dos jardins, mas ela não podia fugir agora, não sem aviso prévio. Ela entrou no lobby.

Uma jovem mulher exótica da idade de Aerin sentava empoleirada cruzou uma perna sobre a outra, no canto de uma mesa. Uma pele azeitonada brilhava em sua garganta onde os dois primeiros botões do seu uniforme

estavam abertos, e os olhos negros da garota brilhavam para uma imagem tremeluzente moldada em cima do muro. A voz dela caiu, seu tom zombeteiro. "Você não acha que seria melhor se a minha primeira conversa com ele fosse aqui? "Ela enfatizou as duas últimas palavras. "*Em particular*".

A imagem, da mulher elegante em um chapéu branco esculpido, soltou um sorriso condescendente. "Oh, querida", disse ela, dedilhando um longo colar opaco de pérolas:

"Como você é ingênua." Os dedos permitiram as pérolas caírem. "Os jovens com a sua qualidade de conhecimento não *têm* privacidade. Se você esperar até que ele chegue aqui, ele já terá uma comitiva. É melhor você ter certeza que você estará liderando isso".

Os olhos negros da filha oscilaram, em seguida, dispararam em direção à porta. E pousaram pela primeira vez em Aerin. Uma expressão horrorizada brilhou no rosto de Yvonne quando ela fechou o dispositivo de prata em sua mão. Instantaneamente a imagem da mãe evaporou.

Um transmissor pessoal, Aerin percebeu quando ela encarou o objeto prata que havia sido

claramente indicado no manual do aluno como não sendo permitido no campus.

Yvonne enterrou o dispositivo de comunicação em seu bolso e chicoteou uma mecha longa de cabelo preto por cima do ombro. "Você chegou agora", disse ela, com brilho proibindo qualquer menção do transmissor ilegal. Aerin sentiu um aumento de calor estranho no rosto.

Ela de todas as pessoas não era para ser alguém que quebra as regras.

"Sobrenome? Yvonne pegou uma prancheta.

Os dedos de Aerin cavaram agudamente a moldura da porta lascada. E se alguém tivesse descoberto de onde ela era? Será que ela seria enviada de volta? Ou punida? Ela poderia dar um nome falso, mas uma mentira chamaria a atenção imediata. Além disso, ela sabia que seu verdadeiro nome tinha sido exibido no exame. O capitão deve ter encontrado um caminho para os registros, colocando-a como uma cidadã dos Aliados, contanto que ninguém fosse investigar. "Renning," ela disse finalmente, dizendo a verdade.

A garota virou uma página. "Sua programação, uniformes extras, e a designação do grupo deve estar no seu quarto. Aqueles de nós na classe do primeiro-ano estão divididos em dois grupos por causa do maior número de alunos. As três classes devem ficar aqui: terceiro-ano no piso térreo, segundo-ano no segundo, primeiro-ano no topo, as garotas na ala oeste, rapazes, na leste. Corredores são abertos a qualquer um. Toque de recolher às dez horas|| Ela estendeu um envelope.

Aerin teve que abandonar seu controle sobre a moldura da porta, a fim de pegar o envelope selado.

"Seu quarto é o 307", continuou Yvonne. "O código de entrada está dentro do seu envelope.

Segurança é prioridade alta por aqui." Ela descruzou as pernas e se levantou. "Não há troca

de quartos. Nós todos temos o mesmo espaço apertado." Um sorriso brilhou. "Eu estou certa de que você pode

encontrar o seu caminho. "

E com isso ela varreu ao redor da borda da mesa e saiu pela porta, desaparecendo em uma corrida de perfume. O inebriante perfume e o passo a passo desbotaram e mais uma vez Aerin estava sozinha. Ela atravessou lentamente a sala, então marcou seu caminho através da apertada escadaria para o terceiro andar, e entrou em um corredor austero manchado com linhas de portas fechadas. Nada mudou no salão, não houve voz ou uma brisa ou um pedaço de papel. Sua garganta estava fechada, e ela tinha uma imagem de si mesma andando sem saber para uma execução.

Lá. Ela parou em uma porta idêntica às outras, exceto pelo número 307 gravado na pintura

lascada. Com as mãos trêmulas, ela abriu o envelope na sua mão e apertou um pedaço de papel liso. Os números escritos sobre ele ficaram turvos diante dela, mas ela piscou para clarear a visão e forçou sua mão a não tremer quando ela digitou o código no teclado. A porta rangeu em seu caminho aberto.

E ela viu *seu quarto*. O real significado das palavras tornou-se evidente apenas quando Aerin entrou. Apertado? Era puro luxo. Uma cama esticada ao longo da parede, limpos cobertores brancos cobrindo o colchão. Entre a cabeceira e ao longo da parede estava uma mesa de madeira e cadeira correspondente, para não mencionar um computador e uma pequena pilha de cadernos. À sua direita abria-se um armário, uma prateleira com uma bacia embutida, e uma torneira de água.

O que ela teria dado por água nos galpões lotados de escravos em *Vizhan*!

Uma corda com um identificador pendia do teto, a palavra *puxe* gravada no fim do identificador. Ela obedeceu.

E seu coração parou. A cortina bege na parede distante tinha se levantado revelando uma janela. Uma janela!

Oito pés de largura. Sua bolsa de livros pesados caiu de seu ombro para o chão. Ela tropeçou para frente, levantou a janela e debruçou-se para os braços acolhedores de uma gigantesca árvore de bordo.

O ar fresco varreu seu rosto enquanto ela levantava a vista. O jardim densamente arborizado estendia-se abaixo dela, um brilho cintilante de marfim, no seu emaranhado centro. Ela deixou de respirar, então lentamente levantou o olhar, um pensamento único estragou seu êxtase. *Onde estava todo mundo?*

Dane viu a multidão do ar. Uniformes pretos mordiscavam a borda da pequena pista de aterrissagem da *Academia 7* na borda sudeste da escola, apenas dentro da muralha de proteção. Um bem danado aquela proteção faria a ele. Ele teve um súbito desejo de dar um soco em novas coordenadas e redirecionar *Gold Dust* na direção oposta.

Por que ele deixou Pete enganá-lo para isto? O velho mecânico o conhecia muito bem, sabia as coisas que Dane não queria admitir a si mesmo. E sabia exatamente como empurrar os botões de Dane. Agora era tarde demais para voltar atrás. Especialmente com todos os pares de olhos embasbacados o assistindo.

Não que a multidão fosse uma surpresa, realmente não. Após um mês sendo açoitado pelos tablóides dos Aliados, ele supôs que uma entrada discreta no lugar teria sido pedir muito, mesmo na escola que ostentava os jovens mais inteligentes do universo.

Reabastecendo sua determinação, ele apontou o nariz da aeronave para a pista e varreu para a sua assinatura no desembarque. Rápido. Limpo. E à direita na entrada da garagem atribuída.

As rodas tocaram a terra, e ele olhou para fora da janela. Talvez uma centena de corpos começava sua abordagem, todos vestindo os mesmos trajes pretos. Sem professores pelo menos. Bem, isso era algo.

Dando-se um último momento de paz, ele desligou a força e deslizou uma mão sobre a extremidade retangular do equipamento de direção. "Acho que é isso, *Gold Dust*. Você está fora dos limites durante o período escolar." Cursos de vôo estavam restritos as classes mais avançadas. Dane respirou o aroma de couro recém limpo e fechou os olhos, imaginou-se flutuando, mais uma vez através do espaço vazio.

O bater de botas interrompeu o silêncio quando os corpos formaram um semicírculo em torno do lado do piloto do avião. Ele considerou sair do outro lado, em seguida, descartou a idéia.

Girando a maçaneta da porta, ele saiu para um pequeno espaço no centro do enxame se contorcendo. Murmúrios, suspiros, e risos colidiram no ar. Alunos empurrando uns aos outros, empurrando com os joelhos e cotovelos para obter uma visão melhor, pressionando-se para dentro.

Dane sentiu uma onda de aborrecimento familiar ferver em seu estômago.

Basta ignorá-los. Não é como se eu não tivesse bastante prática.

Uma mulher jovem e esbelta com a pele marrom-oliva ficou independente do enxame e veio para frente. Ela deu aqueles por trás dela um claro sufocar, então virou um sorriso artificial em sua direção. "Eu sou Yvonne", disse ela, seu perfume agrediu suas narinas quando ela estendeu um envelope. "Eu trouxe o seu código de quarto. Posso ajudá-lo a encontrar o seu caminho? "

"Isso não é realmente necessário." Ele pegou o envelope de suas unhas pintadas de verde e saiu livre do perfume. Ombros rígidos. Ela enviou-lhe um olhar altivo quando ela se reuniu ao grupo de outros estudantes.

Dane fez um ativo dar de ombros. Ele não tinha nem o tempo nem o desejo de um flerte.

Meninas sempre quiseram chegar muito perto, para saber demais. Especialmente as mais bonitas. Ele deslizou e abriu o compartimento no lado de fora do avião removendo duas bagagens.

A multidão começou a conversar, corpos deslocando-se pressionados um contra os outros.

Logo que ele havia pegado as sacolas em suas garras, uma abertura estreita tinha se formado.

Ele caminhou através dela, consciente do fechamento da lacuna atrás de si. Então, livre do emaranhado, ele partiu pela pista, em direção ao norte.

Um grito de homem cortou atrás dele, abrindo o seu caminho através da multidão. "Ei, Madousin! A velocidade de aterrissagem é de quinze milhas por hora. Você quebrou novamente, você não vai mesmo fazê-lo até o fim do período escolar".

Os risos da platéia pararam, quebrando o instante de silêncio Dane largou sua bagagem e girou. Com lentidão deliberada, ele correu os olhos sobre o grupo, desafiando cada membro a cumprir o seu olhar. *Você quer olhar? Bem. Mais intimidação? Eu não jogo este jogo.* Uma por uma as faces olharam para baixo.

Suas mãos chegaram de novo às malas, e ele se afastou. *Como se houvesse mesmo uma chance de eu ficar até o final do período escolar,* ele pensou com ironia. Ele tinha duas semanas e meia até que

seu pai lhe arrancasse. No máximo.

Dra. Livinski tossiu quando entrou no auditório do Grande Hall. A cerimônia de abertura e agradecimento exibia apenas um pódio na frente da sala. O zelador solitário já havia limpando o chão e os bancos de ripas de madeira, mas a poeira ainda estava agarrada ao ar; Dra. Livinski temia o que aconteceria quando alguém movesse a pesada cortina marrom do palco. Isso, no entanto, não era o momento de lamentar o triste estado do orçamento para limpeza.

Ela tinha outras prioridades.

Por agora o salão externo deveria estar explodindo de alunos. Dois deles ela tinha um interesse incomum para ver.

Sentando-se no canto da frente da sala, ela tirou o pé sob a borda afiada da cadeira e alisou a saia reta bege sobre as pernas, consentindo, em seguida, acenou para que as portas fossem abertas.

Os terceiro-anistas entraram primeiro, calmos e controlados, com a cabeça erguida. Eles não andavam em linha reta, mas com um senso de propósito, cada um para o seu próprio lugar, sem hesitação nem pressa. Eles estavam sentados dentro de instantes. Dra. Livinski sorriu para os rostos familiares, os jovens, homens e mulheres quase prontos para assumir papéis ativos na *Aliança*.

O mesmo não poderia ser dito dos segundo-anistas, que chegaram com um semblante de uma brigada com capitães demais e vários canhões soltos. Uma jovem tentou dizer onde cada pessoa deveria sentar-se enquanto um colega do sexo masculino mais alto discutia com ela. Ambos franziram as sobrancelhas para um aluno usando um relógio tridimensional e um par de óculos fluorescentes AV. Um punhado de retardatários estourou no final, e Dra.

Livinski encontrou-se perguntando quais membros da classe seriam sucumbidos a lidar com o avançado de trabalho para o segundo ano e quais ela teria que mandar para casa com uma carta de regresso.

A desordem dos segundo-anistas, no entanto, não era nada próximo a do primeiro-ano. Os novos alunos chegaram como uma massa estranha de braços e pernas desengonçadas, cabeças girando pelo caminho, vozes de animação. Ao invés de sentarem-se rapidamente nos bancos vazios na parte da frente da sala, eles escolheram ficar embaralhados uns sobre os outros na

tentativa de encontrar lugares mais para trás. Então, tendo atingido os lugares vazios, eles mudaram suas mentes, mexendo aqui e ali em posições de comutação.

Sem esperança de reconhecimento de qualquer um dos novos alunos no meio do tumulto, a Dra. Livinski resignou-se a esperar mais um pouco e fez o seu caminho rapidamente para o pódio.

O caos cessou quando ela começou a falar, sua voz profunda fez seu caminho para o fundo da sala. "Este é o ano cinco mil e vinte e um da *Academia 7*". Ela deixou as palavras pairarem no ar. "Participar desta escola não é um privilégio. É um desafio que exige muito trabalho e empenho, nada menos. Se vocês conseguirem se formar, vocês vão marcar a si mesmos com um futuro na *Aliança*."

Uma mudança varreu seus ouvintes. Pernas espreguiçadas rastejaram para dentro. Os óculos desapareceram sob um banco, e olhares zerados onde eles pertenciam.

Ela lançou em clímax seu discurso. "Membros da classe do primeiro ano, na oportunidade rara de que vocês não tenham ouvido, devo deixar um fato muito claro. Cinquenta primeiro-anistas são escolhidos para participar da *Academia 7* cada ano, mas o maior número de vagas abertas para a classe de segundo-ano é de vinte e cinco por ano. E deixe-me assegurá-los, esse número não é de forma alguma garantido. Se você vai ou não voltar será determinado exclusivamente por mim."

Um silêncio pesado caiu, o peso de suas palavras se estabeleceu sobre os novos alunos. Ela esperou,

deixando o pequeno momento se expandir até o silêncio se tornar parte do desafio.

Depois ela acrescentou: "Vou agora apresentar cada um de vocês. Por favor aguardem enquanto eu chamo seus nomes. "

Os alunos fizeram como lhes foi dito. Nenhum dos dois que Dra. Livinski queria ver fez nada excepcional. Aerin deslizou rapidamente para baixo como se quisesse desaparecer, e Dane, que não podia deixar de merecer a atenção, se levantou e sentou-se, mantendo o olhar travado na parede, como se esperasse que seu público curioso pudesse perder o interesse se ele os ignorasse. Dra. Livinski duvidou severamente que os descendentes de Gregory Madousin ou Antony Renning tivessem qualquer chance de se misturar.

Capítulo 4: Confrontos fechados

O sol mal tinha aparecido no horizonte da Academia quando Dane tropeçou para subir as escadas rumo a sua primeira classe. O mundo ainda era um borrão, e ele quase arrancou o tornozelo nos degraus irregulares do Grande Hall antes de chegar ao terceiro andar. Ele franziu a testa para a sala de aula bem cheia de filas de estudantes já sentados, checou o relógio em seu pulso— não atrasado—e teceu através das antiquadas mesas para uma cadeira vazia.

Ele caminhou duro, tentando atravessar em sua volta. Ele fechou a cara para a cadeira de pernas inclinadas e vistoriou a sala para outro lugar vago. Nada restou senão uma cadeira quebrada encostada na parede nua. Resignando-se a ficar confortável, ele abaixou a testa na sua mesa e tentou limpar o embaraço de sua mente.

Quem tinha programado Debate para este início de manhã merecia uma viagem diária através de um cinturão de asteróides.

"Eu sou o Sr. Xioxang," a voz profunda de um homem cortou através da neblina. Dane ergueu cabeça para encontrar furiosos olhos dourados em seu crânio. As vestes vermelhas do professor emolduravam envoltas do imponente homem, e uma capa lisa delineava a nitidez do seu rosto. Em sua mão esquerda, ele segurava uma caneta e um caderno escuro.

"Quem pode me dizer por que a *Aliança* é a maior nação do universo? "

Dane desviou o olhar. Isto era o porquê dele odiar a escola. Estava cheia de opiniões apresentadas como fato. Em torno dele uma massa de mãos saltou para o ar. *Impacientes filhotes ansiosos para impressionar o falcão.*

Ignorando as mãos, Xioxang caminhou para a frente. Seus dedos curvos aterrissaram com uma batida aguda na mesa de uma garota, lixando, unhas verdes pintadas. Ela baixou o arquivo e atirou ao professor um olhar ofendido. "O quê?"

Dane a reconheceu do dia anterior, Sean ou Dawn ou algo parecido.

O professor franziu a testa. "Preciso repetir a pergunta, Srta. Entera?"

Ela deu uma olhada nada sutil na direção de Dane, como se para verificar certificando-se de que ele estaria ouvindo, em seguida, endireitou os ombros. "O motivo da *Aliança* ser grande é por causa do Manifesto." *Yvonne: este era o nome dela.*

"Por que o Manifesto?" O professor sondou. "Como pode um documento fazer uma grande nação?"

Não pode, Dane pensou. É por isso que a sua tese inicial é falha.

Yvonne franziu seus lábios cobertos com gloss. "Não é o próprio documento, mas a missão que menciona."

"Qual missão?" Xioxang se aproximou.

Ela jogou os cabelos negros sobre os ombros. "A missão de criar a paz e estabilidade, trazendo cada planeta para *Aliança*."

Ele gemeu interiormente. *O manifesto não diz isto. A missão é unificar todos os planetas, não absorvê-*

los.

Com a boca curvada para baixo, o professor fez uma marca afiada no seu caderno, então fechou a palma de sua mão sobre a lixa de unhas cortando-a ao meio. Yvonne ficou rígida e abriu a boca como se fosse protestar.

Mas o professor já tinha ido. Ele cruzou para o fundo da sala e confrontou uma tímida, garota magrinha escondida atrás de uma cortina de cabelos castanhos lisos e um texto de História. "Como?" Exigiu Xioxang. "Como a *Aliança* pretende propagar uma paz duradoura?"

"

Sua resposta foi suave, mas surpreendentemente rápida. "Através de seus direitos iguais e governo justo".

Dane franziu a testa. Não que ele não gostasse dos ideais do Manifesto, mas eles eram ideais.

Ele não poderia ter listado o número de vezes que o Conselho tinha os evitado em favor do crescimento.

"O plágio não vale nenhum ponto nesta sala de aula. "

Xioxang ergueu a caneta para fazer outra marca em seu caderno.

Mas a garota abaixou seu texto. "Então eu discordo da opinião do autor, senhor. "

A caneta congelou. "Como?"

Ela colocou o cabelo atrás da orelha. Seus olhos escuros olharam através de sua solene face com um olhar penetrante. "Se. . . se a *Aliança* acredita na igualdade de direitos, por que permitir que a escravidão ocorra em planetas do *nível-X*? "

Agora isso era uma pergunta.

O professor, mais uma vez levantou a caneta. "Isso é um detalhe que se encaixará melhor em uma discussão mais tarde."

"Eu duvido que os escravos naqueles planetas vejam isso como um detalhe", ela deixou escapar, sua voz cada vez mais alta.

"A *Aliança* não pode impor a sua moral em um planeta que não é um membro" Xioxang disse.

Certo. Como se isso nunca acontecesse.

As dobras soltas do uniforme da garota deslocaram-se ao longo de seu torso magro, e sua pele assumiu um tom vermelho-ferrugem "A *Aliança* parece ter feito isso com alguns números de planetas ao longo de sua história." Ela apontou para seu livro abaixado.

Dane não estava cansado agora. Sua mente fixando o argumento.

Em vez de admitir a derrota, o professor mudou de tática. "Os planetas do *nível-X* são tão marcados porque os seus líderes permitem um tratamento desumano. Ao recusar àqueles planetas o comércio com a *Aliança*, o Conselho espera aplicar mudanças ".

Na opinião de Dane, foi de longe o argumento mais razoável que o professor havia feito, mas a fúria alcançou o rosto da garota e sua postura. Ela se inclinou para frente, com um grito, cotovelos flexionados e palmas em sua mesa de trabalho. Como se ela pudesse lançar para fora sua sede e atacar as vestes de seu oponente. Seu queixo se projetou para frente, e suas afiadas maçãs sublinharam a raiva e irritação em suas íris castanhas. Por vários momentos, a língua dela parou, então as palavras se espalharam em uma corrida. "Esse tipo de *esperança* é inútil quando o preço é a vida de milhares de crianças! "

Xioxang deu um passo para trás das chamas da ira dela. Em seguida, um estranho sorriso apareceu em seus finos lábios.

Dane conhecia aquele sorriso. Era o que o pai dele usava quando ele previa o triunfo. Não querendo deixar o bastardo vencer, Dane atirou-se na fogueira. "Senhor, não parece errado que nossos militares atacam *Wyan-*

Ot quando de longe crimes maiores ocorrem nos planetas do *nível-X*? "

Um murmúrio percorreu toda a sala, e alguma coisa estalou da direção da mesa de Yvonne, provavelmente outra lixa de unhas.

Surpresa flutuou no rosto do professor, antes de desaparecer por trás de uma comedida resposta. "Os militares não atacaram *Wyan-Ot*, Sr. Madousin, como eu tenho certeza que você sabe. Uma pequena força foi para proteger o planeta do *Sindicato* que havia se infiltrado em seu governo. "

"Eu suspeito que os trezentos soldados de *Wyan-Ot* que morreram no conflito viram isso como um ataque. E você só destacou a pergunta dela. " Dane assentiu com a cabeça na direção da garota com raiva. "Se a *Aliança* entrou para proteger os *Wyannese*, por que não ir para proteger as milhares de vítimas nos planetas do *nível-X*? "

Não houve resposta. O argumento parou, cada participante segurando-se com seus dentes cerrados.

Até que o sinal tocou.

Xioxang caminhou à frente da sala, virando-se abruptamente, seu olhar varreu sobre o resto da classe. "O que vocês acham?", ele disse. "Será que o Sr. Madousin está certo? Ela está?"

Seu dedo indicador apontado para a menina. "Eu estou?"

Silêncio se estendeu ao longo das filas.

"Bem, é melhor vocês decidirem." O professor agarrou seu caderno fechado. "Porque vocês não passarão nesta classe, citando um texto, mesmo que o requerido. E vocês não vão passar citando-me. Espero que todos aqui tenham uma opinião e apóiem-na com uma forte defesa.

Se nós estamos falando sobre *Wyan-Ot*. Ou os planetas do *nível-X*. " Ele fez uma pausa.

"Classe dispensada."

Os pensamentos de Dane estavam engrenando. Ele tinha acabado de ser elogiado? Ele levantou, querendo falar com a garota com o vívido temperamento.

Mas ela tinha fugido de cena.

O nome dela, Dane logo aprendeu, era Aerin Renning e, embora ela não fosse nada de excepcional para se olhar, ela tinha uma mente como um *fatiador de Éfeso*. Durante ciências ela recitou a estrutura de um replicador H2O, e em literatura universal, ela foi o único aluno a traduzir o poema antigo, "Migracion Humana."

Ainda assim, com a atraente alimentação a menos de uma hora de distância, Dane poderia ter perdido o interesse nela. Se os acontecimentos na sala de aula de tecnologia não tivessem se prestado impossíveis.

O laboratório de tecnologia ficava no porão. E com base no estado de semi-desintegração das outras salas de aula, Dane não ficaria surpreendido ao percorrer um trecho de teias de aranha em seu caminho através da porta. Claramente as décadas de cortes— pelo governo—

no fundo geral em favor dos gastos com a defesa tinham tomado seu pedágio até mesmo na escola mais famosa

da *Aliança*.

Mas a real condição da sala o surpreendeu. Paredes de prata brilhavam com tiras de dados.

Painéis de vidro cobriam o teto. Linhas de almofadados, cadeiras giratórias e mesas revestidas: trinta cadeiras, uma para cada um dos trinta computadores. *Ravens*. Dane os reconheceu. O laboratório de tecnologia deveria ser apoiado pelo Conselho.

Um homem gordo com vestes listradas em verde gesticulou para os alunos tomarem seus lugares. Sua barba longa para fora de seu queixo e seus olhos azuis brilharam acima de um torto nariz. A julgar pelo seu sorriso, ele apreciou bastante a reação dos alunos chocados pelo laboratório.

Dane notou quando Aerin entrou na sala, deu alguns passos travados, então sentou, sua atenção concentrada na máquina preta brilhante à sua frente. Ele deslizou para a cadeira ao lado dela.

"Bem-vindos ao laboratório de tecnologia da *Academia 7*", disse o homem robusto, enchendo as mãos nos bolsos grandes e balançando para trás em seus saltos. "Eu sou o Sr.

Zaniels, e este é o meu domínio." Ele esticou o queixo em um círculo liso. "O banco de dados vocês podem acessar a partir desta sala—e somente desta sala—é a segundo maior da *Aliança*. Seu código de quarto servirá como sua senha e lhe dará acesso a quaisquer dados

que possam ajudar com seu trabalho escolar. "

Você quer dizer que o código vai limitar-nos a qualquer coisa que não estejamos autorizados a ver. Dane

tinha ouvido falar do banco de dados da *Academia 7*. Lá era suposto conter os arquivos de alta segurança de todos os alunos que passaram pela escola: os líderes, heróis, criminosos e afins. Nem mesmo os militares tinham o controle sobre esses arquivos.

Zaniels continuou, "Se você ainda não viu esse tipo de computador antes, não se preocupe.

Cada um de vocês está sentado em um Raven ZL. O Raven ainda não chegou ao mercado aberto e funciona um pouco diferente das outras máquinas. Seu desafio hoje é ser o primeiro a recuperar o arquivo intitulado "— ele fez uma pausa para dar ênfase—" Código de conduta da *Academia 7*".

Um coro de gemidos cumprimentou o nome. "Se você ficar preso e não tiver certeza do que fazer", continuou Zaniels", tente algo. Comecem".

Dane olhou para a tela em branco diante dele. Ele não conseguiu ver como ganhar provaria qualquer coisa diferente do que possuir um Raven quando voltasse a Base.

Ao seu lado, Aerin estava correndo com as mãos ao longo das bordas de sua máquina. Ela colocou uma mecha de cabelos castanhos entre os dentes, em seguida, deixou que ela passasse os dedos sobre o teclado "Algo errado?", ele perguntou a ela.

Ela puxou a mecha de sua boca e olhou-o com cautela. "Suponho que devemos descobrir isso por nós mesmos", ela sussurrou.

Dane encolheu os ombros e baixou conspiratoriamente sua voz quando ele se inclinou em sua direção.

"Tecnicamente, Zaniels não disse que não poderíamos ajudar uns aos outros."

Ela afastou-se, mantendo sua distância, mas os seus olhos voaram em direção a outra tela iluminada ao redor da sala. Ela mordeu o lábio e, em seguida virou a cabeça em um aceno rápido. "Onde fica o interruptor? "

Ele piscou. Claro que há diferenças entre o Raven e outros modelos, mas este não era um deles. "Ele já está ligado. Basta digitar *Aliança* como código de entrada. " Ele alcançou o teclado dela, mas ela chegou antes, com a cabeça girando em torno e seus dedos voando sobre o teclado. Ela não lhe agradeceu.

Irritado com a súbita censura, Dane perfurou o código de entrada em sua própria máquina.

Ele digitou sua senha, pulando uma introdução, que teria tido tempo para fazer o download, e atingiu uns distantes gráficos incômodos. Em segundos, ele estava no banco de dados, scanneando uma interminável lista de arquivos. Inacreditável. Deve haver o dobro de dados aqui como na Base.

Lá estava: o nome do arquivo. Uma mensagem apareceu anunciando o tempo de download para remover a segurança em três minutos. Ele empurrou sua cadeira para trás e olhou para o computador de Aerin.

As palavras *Código de Conduta* piscavam em letras roxas brilhantes no centro de sua tela. A boca dele caiu.

Algo parecido com um sorriso em seu rosto se contorceu, tornando-se não tão simples. Ela esticou um braço

magrinho sobre o teclado dele e apertou o botão Reiniciar.

A raiva passou para choque. "O que você acha que você está—", ele começou a protestar.

"Congelando isto ", ela interrompeu.

"O quê?"

"Cale-se e veja." Ambas as mãos dela agora usurparam seu teclado. Poucos passos mais tarde e ele estava olhando para as palavras em roxo brilhantes piscando em sua tela. E ela nem tinha entrado em sua senha.

Entendimento chegou ao interior do seu peito. Ela tinha contornado todo o sistema de segurança.

E mostrou-lhe como fazê-lo.

Capítulo 5: Combate

Aerin tentou bloquear o ruído ensurdecedor da refeitório: utensílios batendo nas chapas, chapas nas bandejas, bandejas nas mesas. Cadeiras raspando o piso de azulejo. Máquinas bipando na entrada. E sobre tudo isso veio o choque brusco de uma centena de vozes falando sobre as primeiras aulas da manhã.

Mas, se ela saísse, alguém poderia notar. Em vez disso, ela retirou-se dentro de sua cabeça, trazendo a visão do Código de Conduta, a lista das três regras girava por trás de suas pálpebras. *Questionar. Confiar. Esforçar.* Ela se agarrou às palavras. Durante seis anos, seu único código fora Sobreviver.

Aqui sobrevivência era diferente, as armadilhas eram invisíveis a olho nu, obscurecidas pelo desconhecido. Ela esteve movendo-se toda a manhã, certa de que ela cometeu um erro.

"Você sabe que você se fez de estúpida hoje." Uma voz aguda confirmou seus próprios medos. Unhas pintadas de verde roçaram ao lado da bandeja de Aerin, e uma mão marrom-oliva sustentou-se na ponta da mesa. Yvonne se inclinou para frente, equilibrando um prato de salada em sua palma da mão esquerda. "Você não pode, eventualmente, não saber quem ele é", disse ela, morder uma pimenta quente, em seguida, abanando com a mão, como se para esfriar o gosto.

Quem é quem? Aerin optou por não responder. Uma lição que ela tinha aprendido sobre

Vizhan foi nunca confirmar outra acusação.

"Você realmente não sabe, não é?" A voz de Yvonne brilhava com espanto. Flexionando-se sobre a mesa, ela sussurrou o nome de "Dane Madousin", então se puxou para trás, em busca de algum tipo de reação.

Nenhuma veio. Aerin mexeu através de seu banco de dados mental, mas o nome não significava nada.

A menina apontou para um rapaz levantando uma pasta gosmenta da mesa de sobremesa.

Suas mangas estavam empurradas até os cotovelos, uma cicatriz branca em seu braço inferior estragava o seu dourado bronzeado. Pálidas sombras traçavam as ligeiras depressões das bochechas e da borda da mandíbula. Seu cabelo preto enrolava-se até a metade de seu pescoço, e

Aerin reconheceu a maneira como ele examinava a sala, seus olhos penetrantes sem parecer fazê-lo.

Era o rapaz do laboratório de tecnologia, o que se ofereceu para ajudar, então lhe deu um olhar estranho quando ela perguntou como iniciar a máquina. Como se ele soubesse que havia algo errado. Ela não pertencia ali.

"Ele é o filho do General Madousin." As palavras de Yvonne vieram lentamente, com pesada ênfase. "Um membro do Conselho. E o chefe das forças armadas Aliadas. "

Uma sinistra pontada picou o estômago de Aerin.

Yvonne continuou: "Durante o Debate, você criticou a *Aliança* por não poupar alguns escravos ou algo assim, e ele realmente defendeu o seu lado. "

Aerin apertou a colher em sua mão. Os eventos do Debate vieram à tona. Ela não teve a intenção de discutir com o professor, mas ele rejeitou sua primeira resposta. E ela não podia se dar ao luxo de falhar. Ele tinha deixado ela tão irritada, limitando-se ao redor da questão dela, então repudiando todas essas pessoas nos planetas do *nível-X*, todas as vítimas, como se fossem nada. E então ela viu que o professor estava apenas testando ela para ver se ela se levantava para seus pontos de vista. Bem, ela tinha. Muito pouco bem isso fez pelas pessoas que ela tinha deixado para trás.

Yvonne ainda estava falando sobre Dane. "Ele ainda fingiu criticar a missão de *Wyan-Ot* quando todo mundo sabe que seu pai foi o responsável por isso. "

"Fingiu?" A questão escorregou. Aerin lembrava vagamente de alguém ingressar no seu lado do

argumento, mas até então ela tinha ficado muito chateada para prestar atenção.

"Claro. Você não acha que ele estava falando sério, não é? "

Aerin piscou seu rosto em chamas. Ele tinha tirado sarro dela então, talvez toda a manhã.

Yvonne levantou a mão para acenar para um grupo de garotas ao redor da sala, então mudou seu prato e ficou ereta. "Eu apenas pensei que você deveria saber." Seus quadris balançaram quando ela se afastou, e as costas da sua mão direita com suas unhas pintadas de verde roçaram contra o braço do rapaz que ela tinha estado a discutir.

Aerin encolheu-se e olhou para a tigela. O queijo tinha endurecido no topo de sua sopa, e o cheiro de alho, agora virava seu estômago. Todos os meses que ela tinha passado estudando, mas levou menos de um dia para trair sua própria ignorância e se tornar um alvo.

"Se importa se eu sentar?"

Ela olhou para cima.

Dentro dos profundos olhos marrons de Dane Madousin.

"Eu estou indo embora." Ela levantou em seus pés, mas bateu na mesa com seu joelho. Sua bandeja sacudiu, e o copo de leite caiu de lado, pulverizando de líquido toda a frente do uniforme dele.

Ele ficou lá, congelado, sua bandeja ainda em suas mãos, com leite escorrendo pelas dobras de sua camisa preta e calças.

"Oh, me desculpe", ela engasgou, em seguida, amaldiçoou a si mesma. Por que pedir desculpas, quando ele tinha destruído sua manhã inteira? Corada, ela roçou-lhe ao ultrapassá-

lo, tentando ignorar os urgentes olhares dos outros alunos. *Corra! Afaste-se!* sua cabeça gritava, mas ela fez-se caminhar com calma. De alguma forma, ela deixou a bandeja na correia transportadora e caminhou através das portas giratórias antes de quebrar em uma corrida.

Seus pés martelaram em todo o trajeto. Ela irrompeu na parte exterior do jardim e continuou, mais e mais até o centro emaranhado. Primeiro ela estava correndo, sem cuidar para onde ia nem nos ramos a arranhando. Em seguida, uma pequena gota de sangue que escorria em seus olhos a fez parar.

Ela limpou os dedos uns nos outros, decidindo que não era nada grave, e mudou-se para um ritmo mais lento, parando agora para evitar levantar raízes e pender os membros. Um flash de branco brilhou por entre as árvores, e por um momento ela pensou que ela poderia ter circulado de volta pelo caminho, mas quando ela ouviu, um contínuo sussurro chegou a seus ouvidos.

Um calafrio passou ao longo de seu pescoço. Mais dez passos e ela viu-se de pé sobre à borda de um círculo branco pavimentado, dez pés de largura. No centro do círculo levantava-se uma nuvem de água límpida, arcos para cima e para baixo, em seguida, caindo em um spray fino.

A fonte funcionava como um gatilho, liberando a tensão. Os pés de Aerin cederam por debaixo dela, e seu corpo

caiu no chão apenas fora do alcance da água. Ela puxou os joelhos perto do peito e baixou a cabeça.

Era isso o que ela havia se tornado? Uma covarde se escondendo dentro de um apertado círculo dentro de uma muralha. Ela não podia, *não podia* viver assim. E do que ela estava correndo? Do comportamento rude de um jovem?

Nada na escola verdadeiramente a assustava. Não era esse lugar, mas o pensamento dele como sendo temporário. De ser mandada de volta.

Ela fechou os olhos e tentou forçar-se para longe das imagens das agressões que ela tinha visto quando haviam fugitivos capturados. As lentas mortes dolorosas mostrando para os outros escravos que deveriam considerar o mesmo fim. O sangue. E os gritos.

No entanto, ela tinha escolhido correr esse risco. E ela não estava prestes a deixar um pequeno erro, ou uma pessoa, interferir com a sua chance de um futuro.

Levantando-se em seus pés, Aerin moveu-se para fora. Ela seria uma tola em pensar que ela poderia virar uma chave e alterar o curso natural de seus sentimentos, mas ela teria que tentar. Enfrentar um desafio de cada vez. Começando com o Dane Madousin.

Dane acabou por ser um desafio maior do que Aerin havia antecipado. A instrutora da tarde, Srta. Maya, que estava encarregada de aptidão física e treinamento de combate, operou todos os primeiro-anistas através de um conjunto rigoroso de testes de aptidão, no extremo sul do gramado. Testes de velocidade, força e agilidade: correndo a uma curta distância, correndo em uma longa, levantando pesos, subindo cordas, e saltando fossos.

Competições para o maior levantamento de peso em cinco minutos, e maior número de abdominais em 10.

Cronometrando a escalada em um percurso com obstáculos.

Sem exceção, Aerin ficou em segundo lugar em cada prova individual—bem atrás de Dane.

No meio da tarde, ela já não se importava com superar seus medos. Ela só queria bater nele com alguma coisa.

"Chega," Srta. Maya chamou, batendo palmas e soprando um apito de prata.

"Reúnam-se aqui." O jovem rosto da professora e seu pequeno corpo a fez parecer quase tão jovem quanto os estudantes, mas seu traje de treinamento apertado revelava os músculos tonificados de uma lutadora treinada. Ninguém desobedeceu as suas ordens.

"Tudo bem", disse ela, "vocês todos já viram o suficiente para avaliar os pontos fortes e as fraquezas de seus colegas. Encontre um parceiro de combate com uma configuração similar em um nível de condicionamento físico. "

Com a reunião terminada Aerin tentou fugir da multidão, mas uma mão apertou abaixo em seu ombro. "Seu parceiro está aqui, Srta. Renning." A professora a colocou na frente de Dane.

Ele ergueu uma sobrancelha negra e estendeu uma mão para Aerin apertar.

Ela recusou, então franziu o cenho para o sorriso que se espalhava em toda a largura do rosto

dele.

Ele deveria estar pensando que ele poderia facilmente derrotá-la.

Em poucos minutos a classe se dividiu em pares. Novamente Srta. Maya assoou o apito. "A pessoa que está de pé em frente a você pode ou não ser o seu parceiro no fim de hoje. Nós vamos começar com alguns desafios básicos, e eu vou rearranjar vocês enquanto vocês trabalham. Seu parceiro no final do dia *será* o seu parceiro para o resto do período escolar. "

"Este é o combate *físico*", continuou ela. "Você pode usar apenas o seu corpo e seu ambiente.

Espalhem-se, Senhoras e Senhores, e tentem levar seu parceiro ao chão. "

"Sem causar ferimentos graves", acrescentou ela, tardiamente.

Aerin sentiu-se nervosa com a energia estática sobre a pele dela quando ela seguiu Dane para o limite exterior do grupo. *É apenas uma sessão de treinamento*, ela lembrou a si mesma.

Eles se enfrentaram, sua estrutura delgada apenas a quatro pés dela. Suas mãos repousavam ao seu lado, os ombros caídos, relaxado.

Mas ela tinha aprendido muito nos testes de aptidão para subestimá-lo.

Movendo-se para a esquerda, Aerin tentou sentir o chão sob seus pés. A grama macia anulando a tração em suas

botas, mas ela desejava desfazer os laços e ficar livre dos pesos de couro.

Seu adversário, entretanto, mudou-se com facilidade, também circulando para esquerda. Ela mudou seus passos para ver se ele iria se ajustar. Ele fez. Em seu próprio ritmo, sem se atrapalhar ou perder o fluxo. "Eu tenho tentado conversar com você", disse ele, quebrando o silêncio entre eles.

Tentando quebrar a minha concentração. Ela mudou de direção, querendo vê-lo reagir.

Seu rosto permaneceu calmo quando ele mudou para a outra direção, mantendo seu centro diretamente em frente a ela, não a deixando intimidá-lo a falar. "Sobre o que você fez no laboratório."

Sem aviso, ele rodou em uma curva rápida, visando um pontapé ao seu lado. Ela se aproximou para diminuir seu poder e impulsionou sua perna com suas mãos. Ele sorriu, saltando para trás fora do alcance. "Na classe de Zaniels", ele continuou "aquilo foi algo: a maneira que você evitou a senha. Eu nunca vi alguém passar através da segurança deste jeito.

"

Horror correu por seus ombros como suor. Ela tinha pensado em driblar a senha como apenas um atalho, não como quebrar as regras. Ele estava ameaçando denunciá-la?

Em vez de medir a reação dela, seus olhos observaram o corpo dela, seu centro piscando da escuridão para a luz, quando ele circulou no caminho do sol. Quando ele fez cumprir o seu olhar, tinha apenas um estranho olhar de

curiosidade. "Eu não suponho que você gostaria de compartilhar onde você aprendeu esse truque?"

Ela rodopiou para esquerda, movendo-se para acertar.

Ele bloqueou com o braço direito. "Acho que não." Sua boca se contorceu com humor.

O que era isso? Sua maneira de entreter a si mesmo? Ela recuou, forçando-o a fazer a jogada seguinte.

Ele veio uma vez mais, sem atitude. Ele forçou um golpe lateral contra seu peito.

Desta vez, ela rebateu, curvando-se e espetando seu cotovelo em direção ao seu abdômen.

Ele rodou para longe.

Mas ela tinha aprendido o que ela precisava saber. Todos os seus movimentos eram previsíveis: bloqueios, batidas, chutes—todas as coisas que ela tinha aprendido com seu pai quando era jovem. Antes de *Vizhan*. Antes que ela tivesse que lutar por cada refeição e aprendesse que violência criativa era a única defesa contra a fome.

Mais uma vez ela esperou por Dane atacar. Ele tomou o seu tempo, preferindo perder o fôlego, com mais fala. "Você tinha um ponto esta manhã, no Debate".

Ele não tinha obtido prazer suficiente a partir desse episódio sem ter que usá-lo aqui? Aerin controlou seu temperamento. *Ele está tentando incitar você a se mover primeiro*, ela disse a si mesma.

Então ele veio. Com uma rápida rotação e um chute na direção do quadril dela.

Ela caiu rente ao chão, usou o pé direito, como um pivô, e virou sua perna esquerda debaixo de seus pés. Para crédito dele, ele reagiu com velocidade, pulando sobre a perna. Mas ela o tinha de qualquer maneira. Seu salto foi todo defesa com nenhum contragolpe.

Ele tinha acabado de sair do ar quando ela fez um gancho no joelho dele com a parte interna do cotovelo dela e o puxou para frente. Duro. Ele caiu. Sua perna veio por baixo dele, e ele bateu as costas no chão com um baque sólido.

Aerin esperou agachada ao seu lado até que viu a primeira subida e queda de seu peito. O

sorriso enlouquecedor se foi, substituído por algo que ela não sabia ler. Ela esticou um único punho cerrado em triunfo.

Capítulo 6: O Inevitável

As primeiras duas semanas na Academia ensinaram Aerin a combater o medo do passado, pelo menos durante as aulas. Apesar do medo constante de que ela poderia ir embora, ela se forçou a levantar a mão e falar. Ela iria aproveitar ao máximo esta oportunidade e provar que merecia estar aqui, pelo tempo que durasse.

E provar foi o que ela fez, de forma consistente ganhando o primeiro lugar no ranking do lista publicada para cada classe acadêmica. Exceto Debate.

Não que ela não tentasse levar esse curso também. Passava horas vasculhando a biblioteca e pesquisando na rede, na esperança de preencher as brechas no fundo do seu conhecimento sobre a *Aliança* e os acontecimentos

atuais. Ela meditou através dos livros de história, notícias, postagens instantâneas. Nada ajudou.

Porque nada a preparava para derrotar Dane Madousin.

Ele havia vencido todos os Debates até o momento. E hoje era improvável de ser uma exceção. Aerin o assistia pelo canto dos olhos com irritação. Como sempre, ele parecia relaxado. O tilintar de sua caneta contra a cadeira dele era o único sinal de que ele ainda estava acordado.

O resto da classe, entretanto, esperava em silêncio gritante, ansiosos sobre o anúncio iminente do tema do dia. Apertando as mãos dos lados da mesa. Dentes roendo as unhas.

Olhares fixos no professor na frente da sala.

Xioxang também esperava, seu infame olhar derrotou a caneta de Dane. Por um momento o tilintar ficou mais alto, em seguida, veio a uma parada abrupta. E o professor levantou o olhar, agora, olhando toda classe. Aerin odiava seu olhar, a maneira como seus olhos de ouro escavavam seu crânio. Curiosos.

Finalmente Xioxang anunciou o tema, com cuidado, como se apresentasse a seus alunos um tubo de nitroglicerina. "Tem a *Aliança* alcançado o seu objetivo em *Wyan-Ot*?", Perguntou, em seguida, deslizou para um canto.

Novamente com *Wyan-Ot*. A ação militar sobre o pequeno planeta já tinha até tomado quatro períodos de aula. "Sim", disse Aerin, não completamente mantendo a indiferença da sua voz. "Os militares começaram a retirar as tropas Aliadas há poucas horas." Ela tinha verificado na rede essa manhã, lendo as postagens mais recentes.

"Sim", acrescentou um rapaz alto que estava claramente ansioso para provar que ele tinha lido isso também.

"Estamos obrigando os infiltrados a sair do poder." Um sorriso pálido se esticou em seu rosto. "E nós já começamos a enviar diplomatas para ajudar a estabelecer um novo governo."

Dane, naturalmente, abriu a boca. *Duas pessoas com a mesma opinião*, Aerin pensou sarcasticamente. *Ele não poderia permitir isso*.

"Eu não consigo ver como ganhar válida a decisão de invadir um planeta", disse ele, deixando cair sua caneta na sua mesa com um baque.

"Será que você esteve lá, Madousin?" O menino pálido fez um gesto rude sob sua mesa.

"Não foi uma invasão".

"E você não é o traseiro de um— "

"Basta". Xioxang saiu de seu canto a tempo suficiente para enviar um olhar fixo na direção Dane. Embora a voz do professor fosse severa, Aerin não pode deixar de notar a pontinha de um sorriso na borda de seus lábios.

"A questão não é se a *Aliança* foi correta no envio de soldados para *Wyan-Ot*, mas se o objetivo foi cumprido."

"Não foi", Dane respondeu.

"Como você pode dizer isso?", Argumentou Aerin. Sentindo-se muito ignorante para rejeitar ou justificar a ação dos Aliados sobre o planeta, mas parecia inútil julgar o sucesso da missão.

"O conflito todo durou menos de oito semanas."

"Eu não estou dizendo que os militares perderam." Dane inclinou a cabeça para trás, inclinando o rosto para o teto. "Eu estou dizendo que não cumpriram o objetivo. E não vão cumpri-lo. Não em alguma pequena batalha em *Wyan-Ot* ou qualquer outro pequeno planeta".

Protestos, de repente, encheram a sala. Os outros estudantes se impulsionaram na conversa de uma vez. Suas cadeiras raspavam no chão, e comentários foram arremessados na direção de Dane. Aerin olhou em volta, assustada. Como poderia uma simples observação causar uma reação tão forte?

Dane não pareceu nem surpreso, nem perturbado pelos protestos. De qualquer coisa, ele parecia gostar deles. Em vez de tentar barrá-los, ele esperou por eles diminuírem, em seguida, pegou o segmento anterior do debate. "Olha, por que os soldados Aliados iriam lá em primeiro lugar? ", perguntou ele.

Quando ninguém respondeu, Aerin respondeu: "Porque o *Sindicato* tentou assumir o governo de *Wyan-Ot*."

"Exatamente. O conflito real é com o *Sindicato*, não com os *Wyannese*. Nós todos sabemos que as forças armadas Aliadas poderiam derrotar o exército *Wyan*. Mas os soldados *Wyan* não causaram esse problema, e derrotá-los não o resolveria. "

Ele tinha um ponto.

Yvonne arqueou as sobrancelhas, virou-se na primeira fila. "Então você acha que devemos atacar o *Sindicato*? "

"Não"

"Madousin, você não está fazendo qualquer sentido", disse o menino pálido. "Não se pode dizer que o *Sindicato* é o culpado e, em seguida argumentar ser contra atacá-los."

Ele estava brincando? Uma coisa que Aerin aprendeu ao longo das duas últimas semanas foi

que Dane poderia argumentar contra qualquer coisa em qualquer lado. Era impossível dizer onde realmente ele estava.

"Olha", disse Dane. "O *Sindicato* é a fonte do problema. Eles estão enviando representantes para convencer os outros planetas a se juntar a eles nas últimas três décadas".

"Espionês", disse Yvonne.

"Tudo o que você quiser chamá-los—"

"Meus pais dizem que não há nenhuma dúvida sobre o que chamá-los", ela o cortou "Eles usam suborno e chantagem".

"Srta. Entera", Xioxang interrompeu ", quando seus pais participarem deste Debate, eles podem fazer seus próprios pontos".

Yvonne ficou rígida.

"Não há dúvidas de que os representantes utilizam práticas questionáveis", Dane continuou,

"e que uma vez que um planeta se junta ao *Sindicato*, o planeta corta todos os laços com a *Aliança*".

"Sim, sim", disse o garoto pálido. "Nenhum de nós que estamos debatendo, Madousin.

Chegamos ao seu ponto. "

"Eu tenho dois pontos. Um deles é que nada disto é novo. O *Sindicato* tem feito isso há três décadas, e a *Aliança* não escolheu atuar até agora. "

Ele estava certo. Aerin se lembrou de ler sobre o crescimento surpreendente do *Sindicato*, especialmente nos últimos dezesseis anos, durante o qual ele havia se expandido de um para três sistemas estelares. Iniciado por um punhado de planetas ricos irritados com as restrições morais da *Aliança* sobre o comércio, o *Sindicato*, com suas práticas políticas suspeitas e ênfase na privacidade, tinha crescido para se tornar a maior nação única fora da *Aliança*. E, francamente, ela achava difícil culpar o Conselho por estar em causa.

"Por que agora?" Dane continuou falando. "Por que salvar um planeta como *Wyan-Ot* quando nós ignoramos o mesmo tipo de corrupção em vinte ou trinta outros planetas. "

Porque este é planeta estava fora dos limites dos Aliados? Era a hipótese de Aerin. Apesar dos líderes do *Sindicato* nunca ameaçarem abertamente a *Aliança*, estava claro que o seu objetivo maior era esmagar a nação que eles viam como sua principal concorrência.

"Porque *Wyan-Ot* é nossa principal fonte de *Ironite*", disse Yvonne. "E nós não queremos perder o acesso a outro planeta rico em minerais como *Mindowan*. Nossos recursos já estão escassos. "

Aerin franziu a testa. Ao longo das últimas duas semanas, ela havia aprendido que o metal preto usado para construir a Muralha e a torre rotativa conhecida como *O Eixo* era chamado de *Ironite*, mas até agora ela nunca havia associado a substância com o conflito em *Wyan-Ot*.

"Tudo bem", disse o garoto pálido para Dane. "Então se queremos proteger o nosso acesso a *Ironite*? É vital para a construção da Era espacial. Sem ele nós perdemos economicamente e, portanto, o poder político sobre o *Sindicato*. Desde quando é um crime proteger os nossos recursos? "

"Não é", respondeu Dane. "Mas isso não resolve o verdadeiro problema. O *Sindicato* ainda está enviando seus representantes e continuam se recusando a trabalhar conosco. "

"Então, por que não ir atrás do *Sindicato*?"

Aerin sentiu um calafrio percorrer seu corpo com a idéia de um conflito armado entre as duas nações mais fortes no universo.

"Porque", disse Dane secamente, "nós poderíamos todos morrer".

Raiva ricocheteava nas paredes. A sala razoavelmente fervia com paixão, algo que Dane não deu crédito. Mãos foram levantadas no primeiro dia de Debate. Mensagens partiram em direção a ele, perdendo sua meta, e cascateando o forro.

Aproveitando o tumulto, ele se mexeu na cadeira, tentando diminuir o contato entre a parte traseira de sua cadeira e sua mais recente contusão. Seu olhar pousou

sobre a culpada. Por dezesseis dias Aerin Renning o tinha batido, todas as tardes no combate físico.

As contusões não eram nada. Ele podia lidar com o desgaste físico da escola.

O que o surpreendeu foi o mental.

Ele tinha a *intenção* de deslizar através das tarefas aqui. Isso era uma coisa negligenciar quando ele poderia estar no topo da sua classe. Mas era bem diferente de fazê-lo quando alguém tinha uma mão superior. Aerin havia conquistado os melhores resultados sendo a primeira em ciências e brilhou nos testes do ano, devido, em parte, ele suspeitava, a uma

memória fotográfica e do fato de que ela parecia viver na biblioteca. Mas isso não conseguiu explicar sua habilidade para analisar. Seu desempenho em tecnologia, onde ela ultrapassou todos, Zaniels tinha a nomeado sua assistente e lhe dado o código de acesso ao precioso laboratório de tecnologia.

Não que Dane não pudesse competir. Ele dominava Debate, assim como a maioria das aulas ao ar livre. Mas ficar nesse nível era trabalhoso. Ele tinha que estudar e ele tinha que treinar, e ainda manter o nível em combate físico, uma habilidade que absolutamente fundiu sua mente. Com admiração. Embora ele não conseguisse chegar perto o suficiente dela para expressá-lo.

Ela tinha desviado suas tentativas de conversa pessoal. Na verdade, do que ele havia observado, evitou quase todos os contatos sociais. Havia algo desconexo sobre ela. Ela poderia ligar os pensamentos que os professores ainda se esforçavam para ver, citar enormes passagens

de texto, sem notas, e dissecar os temas em um livro com minuciosos detalhes.

Mas de vez em quando ela deixava de responder uma pergunta simples ou ficar em silêncio e prestar atenção a seus colegas com intensidade acentuada. Como agora. Por que ela estava ali sentada, olhando em silêncio desconfortável, quando todo mundo estava chateado?

Por uma fração de segundo, os olhos escuros dela encontraram os seus. E ele lutou com o que viu lá. Admiração? Se ela concordava com ele, porque não dizia?

Ela estava escondendo algo.

E ele estava correndo contra o tempo para descobrir o que.

"Sr. Madousin " —a arranhada voz do interfone quebrou seus pensamentos — "você tem uma chamada na sala de mensagem." Os outros alunos congelaram. O secretário nunca interrompia uma classe, certamente não para anunciar chamadas pessoais.

A menos que o chamado fosse do Conselho. Dane senti uma sinistra escuridão afundar em seu peito

e se estabelecer em seu estômago. Seu prazo havia acabado. Ele sabia que seu pai iria voltar a qualquer momento. De pé, Dane reuniu suas coisas, certo de que ele não voltaria.

Seus colegas permaneceram em silêncio enquanto ele os deixava. Como se tivessem lembrado de repente quem era seu pai, algo que eles conseguiram esquecer ao longo dos últimos minutos.

Dane fez o seu caminho através do salão. Ele lutou para abrir uma porta teimosa e subiu uma estreita e arqueada escada na escuridão. A sala de mensagem estava sob o beiral, um espaço pequeno e sem janelas. Na extremidade da sala, um brilho sutil marfim deu a impressão de uma tela.

Não adianta adiar o inevitável. Dane apertou o botão de entrada.

A imagem de seu pai apareceu, sua rígida estrutura altiva, maior que a vida sobre o muro.

Pele pálida combinada com lábios pressionados firmemente juntos. Afiadas linhas traçavam a testa lisa, nariz reto, e queixo forte. O som da respiração sibilou através dos alto-falantes.

Então, a figura chegou à frente, apenas o suficiente para fazer com que a linha de medalhas brilhantes em seu uniforme ficasse em foco. "Então?" A palavra foi tocada com tensão.

"Devo lhes dizer, ou você?"

Dane escorou-se em silêncio contra a parede esquerda, sabendo a falta de respeito que seria ficar rígido após dois meses de *sim, senhores* e *sim, generais*. Ele deixou o seu olhar vazio vasculhando os cantos do teto.

"Eu sugiro que você responda", veio o comando. O menor movimento atraiu os olhos de Dane de volta para a tela. A junta de seu pai estalou quando o dedo indicador foi pressionado contra seu polegar.

Apenas esperando que você me diga o que é isto que Eu tenho que dizer.

A junta cravou. "Você vai informar a Dra. Livinski imediatamente."

E o que eu deveria dizer a ela? Se questionava Dane, mantendo seu rosto em branco.

O peito com as medalhas se expandiu. "Um homem admite quando ele é culpado de um crime. "

Ah, isso foi ótimo. Dane tinha um riso forçado em sua voz quando ele finalmente falou em voz alta. "O que estou sendo acusado agora? Assassinato ou homicídio? "

"Você e eu sabemos que você nunca poderia ter razoavelmente ganho seu caminho para está escola." As palavras foram como nitrogênio congelado.

Dane virou, na direção da escada.

"Você vai admitir que você fraudou seu teste de entrada, ou eu vou fazer isso por você."

Deixe isso para o General questionar a minha inteligência, acusando-me de fazer trapaça no exame mais seguro jamais inventado. "Você fez ".

"Eu farei, Daniel!" As palavras martelaram na parte posterior da nuca de Dane. "E você pode arrumar suas malas. Eu quero você fora dessa escola e de volta a *Chivalry* antes da minha aeronave aterrissar em quarenta e oito horas. "

Cegamente Dane bateu no botão de Off. Ele não esperava se sentir assim, como se de alguma forma ele tivesse perdido. Como isso era possível? Ele sabia que ele seria retirado da escola assim que seu pai retornasse de *Wyan-ot*. O General ainda nutria um ressentimento

contra a Academia, um rancor que remonta por razões desconhecidas, antes mesmo da rejeição de Paul, o irmão de Dane. E se isso não fosse o suficiente, havia sempre a desculpa

da desobediência de Dane. Mas Dane não esperava isso —ser forçado a sair sob alguma acusação falsa.

Um zumbido lento subiu atrás dele, e a luz na sala começou a desaparecer.

Não havia dúvida de que a diretora iria acreditar. Mesmo se a Dra. Livinski não fosse colega de seu pai do Conselho, ela nunca iria ouvir a palavra de um delinqüente juvenil sobre a de um General.

Escuridão desceu sobre os ombros de Dane. Sua palma pressionada contra a parede, seu corpo se recusava a se mover. *Retornar a Chivalry*. Ele não queria pensar sobre o que isso significava. Escola Militar, o mais provável. Voltar para o controle de seu pai. Não havia nenhum caminho lá fora, não sem uma certa academia.

Quando ele finalmente se moveu, seus tornozelos gritaram, e seu pulso disparou como se houvessem pontas afiadas, mas a dor não importava, porque ele tinha feito a sua mente. Ele nunca poderia ter tido o poder de permanecer na *Academia 7*. Mas ele com certeza tinha o poder de decidir como ele a deixaria.

Capítulo 7: O Crime

O jardim chamava por Aerin, fiando sua mensagem sedutora através das brechas na janela de seu quarto. *Eu posso esconder você*, a noite parecia dizer, e Aerin escorregou de sua cama para levantar o vidro. Uma brisa quente corria para dentro, agitando as mangas de seu

uniforme amassado, e um maravilhoso tremor das folhas pontuavam açoitando para todos os lados.

Nuvens finas dividiam a Academia em duas luas. Sem pensar conscientemente, ela inclinou-se para fora para respirar o aroma rico do bordo. Seus braços envolveram-se em torno de um ramo estendido e ela puxou o resto do corpo para fora da janela.

O tronco do bordo estava coberto de ramos, e logo Aerin encontrou lugares para sustentar seus pés descalços. Aqueles pés, duros com calos, mal sentiram o pau dos galhos afiados.

Acho que eu deveria ter colocado minhas botas, veio o pensamento tardio quando ela ergueu os

olhos a vários metros em direção a janela aberta.

Mas a pressa de fugir a fez muito bem. Descartando a noção, ela escalou para baixo o resto do tronco e girou com facilidade para o chão. Seus pés se fixaram, com efeito, mais profundo no emaranhado jardim. Embora ela não tivesse conscientemente planejado sair hoje à noite do dormitório e sua mente tivesse feito este cenário uma dúzia de vezes desde o seu primeiro deslumbre dos ramos estendidos do bordo. Ela soube exatamente aonde ela iria desde seu primeiro dia de aulas.

Ela levou quinze minutos para encontrar a fonte circular. Não porque ela tivesse dificuldades de encontrá-la, mas porque ela queria aproveitar a paz de caminhar no meio da proteção dos carvalhos e cedros. Por este momento, pelo menos, ninguém sabia onde ela estava. Após o medo no *Fugitive*, Aerin tinha pensado que ela nunca ia querer ficar sozinha outra vez, mas ela tinha aprendido

que viver entre estranhos poderia ser mais isolado do que o espaço profundo.

O som calmante da fonte chegou aos seus tímpanos e puxou-a para fora da borda das folhas.

Ela se moveu pela calçada, mais e mais até que a névoa formou contas úmidas sobre seu nariz e bochechas. *Eu não quero estar sozinha. Mas como fazer Eu parar?*

As outras garotas primeiro-anistas faziam um grupo em torno de Yvonne, que havia deixado claro desde o início que Aerin não pertencia. Havia algo assustadoramente semelhante entre a beleza azeitonada e os guarda em *Vizhan*. Ela tinha um olho afiado para fraquezas dos outros e um instinto assassino.

Depois havia Dane. Que estava sempre prestando atenção. Primeiro Aerin temia que ele voltasse a mirar ela, mas hoje ele havia se tornado o alvo em Debate. Ela não tinha entendido o que ele estava fazendo, remexendo as emoções de seus colegas, até que os outros alunos tinham se levantado em fúria. E enquanto ela não estava de todo certo de que

ela concordasse com sua argumentação, a maneira como ele enfrentou a classe inteira era quase. . . valente.

Para lavar longe os pensamentos, ela colocou uma mão hesitante em direção a água corrente.

Líquido refrescante fluiu sobre os dedos dela molhando a manga de seu uniforme preto.

Embora a escola lhe desse roupas para dormir, ela não poderia fazer-se usá-los. Eles faziam sentir-se despreparada.

Ela nunca antes teve verdadeiros pijamas. Apenas uma camisa antiga do seu pai. Por um momento Aerin deixou-se lembrar a camisa, a forma como o material macio usado passava dos joelhos e da maneira como cheirava, a chocolate e caramelo. Como seu pai.

Não! Ela afastou o pensamento e afastou-se da fonte. Mas a noite já não a protegia, e as

memórias de seu pai escaparam da caixa trancada em sua mente, onde ela as tinha enterrado.

Imagens inundaram sua cabeça, tudo sobre ele: levantando-a para que ela pudesse orientar a aeronave de comércio, dizendo-lhe a todo tempo, histórias exageradas, agradecendo-lhe por consertar o computador.

Seu corpo tremia, agora com frio, apesar do ar quente, e ela fechou os olhos apertando-os.

Nada poderia manter os sentimentos de seguir as imagens: a suavidade do toque de seu pai quando ele enfaixava um corte, a aspereza de sua barba, quando ele se esquecia de fazer a barba, do jeito que ele a fez sentir — feliz por estar com ele, furiosa, quando ele ordenava que ela voltasse, preocupado quando ele entrava em transe. Mas sempre, *sempre* a salvo.

E então o roubo esmagador, a perda estúpida, quando ele foi embora. E ela não estava segura. E ela não sabia mais se ela iria se sentir segura novamente.

Aerin afundou, enterrando a cabeça entre as mãos, pressionando os cotovelos contra o cimento. Ela não deveria, ela não deveria, ela deveria—

Mas ela já tinha começado. E não havia nada a fazer, do que reviver a morte do pai no acidente: seu sangue escorrendo da testa ao painel de controle da aeronave, a inclinação do pescoço torcido, o vazio, o olhar congelado em seus olhos. Ela agachou-se lá por uma eternidade, a luta contra seus demônios para não chorar. Ela não tinha chorado durante os seis anos desde sua morte, e não lembrava como, mas lembrou-se o suficiente para mantê-la lá, a agitação do corpo e tremores, por muito tempo, até que um suave brilho iluminou o céu e ela pode voltar a enterrar a memória.

Suas mangas tinham secado em sua pele, e suas pálpebras pesavam. Aerin tentou levantar-se.

Suas pernas duras, não queriam se levantar. Inclinou-se para trás e esticou cada membro, um de cada vez e, finalmente, levantou-se.

Cuidando para evitar pedras afiadas e espinhos, ela escolheu o seu caminho através do jardim e de volta ao bordo antigo. Elevando-se acima dela, isto era alguns dos seus fascínios.

Trabalhando os dedos para se certificar de que eles poderiam fechar em punho, começou a subir.

A subida demorou três vezes mais do que a descida. Cada galho parecia pegar de surpresa seus cabelos. Seu pé escorregou duas vezes, e ela sabia que seu corpo estava respondendo ao trauma da noite. Como ousam seus pés traí-la!

Com um último esforço, ela balançou através da janela aberta e caiu agachada no chão do quarto. *Até que enfim.*

Alívio durou pouco.

"Ahem." Um som baixo a arrancou para vertical.

A porta estava aberta. E no espaço estava o Sr. Xioxang, uma profunda carranca corroia seu rosto fino. Por segundos ele permaneceu imóvel, talvez tão espantado quanto ela estava.

Então, a carranca rachou, e uma dura ordem chicoteou adiante. "Você vai vir comigo para o Grande Hall, Srta. Renning. Imediatamente".

Brii ng! O som áspero gritava no cérebro de Dane. Não era o despertador dele, ele não o

tinha programado.

Dane rolou, enterrando a cabeça debaixo do travesseiro.

O barulho não diminuía. Não era um relógio, contudo. Uma simulação de incêndio no dormitório? Ele considerou ficar ali até que a broca parasse, mas depois as memórias de seus pesadelos recentes voltaram—fumaça entupindo seus pulmões.

Ele rolou para fora da cama, para o chão machucando seus joelhos. Contusões a mais para as que ele já tinha. Ele chegou até a luz, mas a lâmpada não acendeu. Combatendo a necessidade não voltando para a cama, ele cambaleou em seus pés. Então mensagens no corredor chamaram sua atenção.

"Confinados!"

"Você não pode estar falando sério!"

"Eles não podem!"

"Eles podem e eles—||

Força de vontade trouxe Dane mancando para apertar o botão —Sair||. Ele falhou ao trabalho.

Dominando os controles, ele apertou abrir na porta e olhou para fora.

Era uma multidão estranha ainda. Outros estudantes do sexo masculino bloqueavam o fim daquele corredor. Eles haviam se encaminhado para a escada, deixando para trás uma fila de portas abertas, ainda que o êxodo tivesse deixado de fluir. Corpos caíam contra as paredes, alguns deles vestidos com uniformes, mas a maioria, como Dane, em uma mistura aleatória de pele nua e roupa de dormir.

"O que", ele gemeu, "está acontecendo?"

"Nós estamos bloqueados", veio uma resposta em uma voz feminina.

Dane virou a cabeça na direção da voz. Na entrada para a escada, um corpo esguio cobria a saída, era Yvonne Entera. O que ela estava fazendo nesta ala?

"Confinados de quê?" Pensamentos passavam pela mente de Dane, todos a partir de uma vida em uma base militar. *Ataque? Invasão?*

Mas a moça colocou seu cabelo sobre o ombro. "É para a proteção do Conselho", disse ela,

"não nossa. Alguém invadiu o laboratório de tecnologia na noite passada. "

É claro.

"Estamos presos aqui", disse ela, "juntos, até Zaniels proteger os arquivos." Ela empurrou longe a porta e deu um passo em direção a Dane, mas seu caminho foi bloqueado por um garoto envolvido até a cabeça em um cobertor.

"Por que esses cuidados do Conselho sobre um monte de arquivos escolares", perguntou o garoto, mostrando nenhuma inclinação para se mover.

Yvonne deu-lhe um olhar sujo. "Nós todos sabemos que há mais do que os arquivos escolares na *Academia 7*. Qual você acha que é o objetivo do *Eixo*?" Ela se referia à torre preta em rotação. "Você realmente não acredita que é apenas para decoração. Que lugar melhor o Conselho teria para armazenar informações confidenciais? "

Rumores. Dane treinou seu rosto para não reagir as suas afirmações.

Ela lixou as unhas. "Meus pais dizem que todos nós devemos estar à procura de espiões, no caso do *Sindicato* enviar alguém aqui para se infiltrar na *Aliança*."

Seu hábito de citar os pais dela incomodava-o. Tanto quanto ele sabia, os Entera tinham herdado sua posição de permanentes, não ganhando através de alguma perspicácia especial.

O planeta Entera tinha sido nomeado depois que os antepassados da atual família, os quais tinham financiado a sua exploração inicial, não tinham conquistados eles mesmos.

"O espião teria que ser um inferno de um piloto para navegar à entrada do *Eixo*", disse o menino no cobertor. "Mesmo os melhores pilotos do universo pensariam duas vezes antes de entrar nesse tubo negro em movimento"

Murmúrios de acordo encheram a sala.

"Além disso", disse o rapaz, "Eu não vejo o que o *Eixo* tem a ver com a quebra do laboratório de informática".

"Obviamente, o *Conselho* pensa que há informações confidenciais no banco de dados da escola também", disse Yvonne, finalmente negociando seu caminho por ele. "Eu presumo que eles saibam. Então, estamos todos confinados até Zaniels poder provar que nada foi comprometido. "

"Quer dizer, até Livinski perseguir o culpado", disse Dane.

"Não." Yvonne diminuiu a diferença remanescente entre ele e ela. "Dra. Livinski já sabe quem quebrou a segurança. Não é preciso uma média alta no *E. A. A.* para descobrir que apenas um aluno teve acesso. "

O que é que isso queria dizer?

Ela lhe deu um sorriso presunçoso. "Xioxang esteve aqui esta manhã para prendê-la."

Ela?

"Quem?" Exigiu Dane, uma fria suspeita enchia lentamente a boca do seu estômago.

"Não seja ingênuo." A menina esguia curvou suas unhas vermelho-sangue em volta do seu braço

possessivamente. "Nós todos sabemos qual aluno tem as melhores habilidades de tecnologia no campus. Zaniels mesmo deu a ela um código de acesso para o laboratório. "

Capítulo 8: Acusação

Aerin falhou em ouvir a porta- do porão vazio fazer um *clique* no quarto, mas ela sabia que ela estava trancada dentro do piso de cimento, das paredes em branco e do austero teto manchado todo fechado interiormente, puxada pelo magnetismo de seu próprio medo. Ela sentiu seu corpo e mente fechados, seus músculos se contraíram, as pernas ficarem rígidas. A luz ofuscante desintegrando a escuridão, negritude vazando por baixo da camada interna do seu crânio e na parte externa de seu crânio.

Quando Xioxang iria retornar, ela não sabia. O que ela sabia era o terror, crescente terror de ser encurralada. Será que eles a enviariam de volta a *Vizhan*, para a morte lenta e torturante de um fugitivo? Ou ela iria enfrentar a prisão? Aerin sabia muito pouco sobre a justiça legal dos Aliados, mas ela sabia da prisão que era pior do que a morte. Os proprietários de escravos os enviavam até lá se pensassem que você estava escondendo algo. E os gritos que ecoavam das celas eram os gritos das vítimas de tortura. Ninguém jamais saiu vivo.

Ela deveria ter corrido, deveria ter evitado a captura a todo custo, não deveria ter seguido Xioxang aqui para o Grande Hall em um estupor inútil. Quanto é que ele sabia? E se ele soubesse de tudo antes de chegar ao quarto do dormitório? Ou teria a sua aventura noturna o

convencido a fazer uma verificação a fundo? Nenhuma resposta veio.

Apenas a escuridão. E o conhecimento de que ela estava presa.

Tempo se tornou um inimigo. Ela não conseguia senti-lo. Ou rastreá-lo. Ou obrigá-lo a uma impenetrável parada. Ele se escondia inexoravelmente fora do alcance.

Até que um pelega de som rastejou ao longo do cume da sua consciência, então mudou.

"Você deveria pensar sobre as circunstâncias em que Eu a encontrei." A nitidez da voz Xioxang enviou um frio abaixo da carne de Aerin. Ele deveria estar montando guarda fora da sala.

"Não tenho nada a dizer." A segunda voz vibrava sob pressão. "Se os arquivos foram adulterados, a solução está fora das minhas mãos." Aerin não pode deixar de tremer, quando ela reconheceu o segundo orador: Sr. Zaniels, o professor que era quase confiável. Assim, ele também

servia

como

seu

carcereiro.

Novamente a escuridão engoliu tudo. Segundos ou minutos ou horas passaram o rosto e os pés ficaram dormentes antes do diálogo subitamente voltar a sua consciência.

"Temos de continuar com isso", disse Xioxang.

"Nós não podemos. Livinski quer segurar isso. "

"Isso foi antes dela começar a receber ligações indignadas dos pais."

As palavras cortaram o cérebro de Aerin. *Ligações indignadas*. Todo mundo sabia então: os pais, os professores, os membros do Conselho.

"Tenho coisas melhores a fazer com o meu tempo do que esperar. Não é preciso ser um especialista para questionar alguém, "Xioxang rosnou.

Uma voz glacial feminina cortou através da queixa.
"Talvez a sua especialização, será mais bem utilizada lá em cima vendo que eu Não serei perturbada. "O comando quebrou o diálogo.

"Sim, Dra. Livinski".

"Ah, e Sr. Xioxang, sem mais chamadas. . . de ninguém. "

Ao som de passos se foram, Aerin permitiu uma fina corrente de ar sair de seus pulmões.

Pelo menos o gavião com seu olhar de sondagem não estaria presente para seu interrogatório.

Em seguida, a luz foi lançada no quarto. Seu peito balançou quando ela abriu as pálpebras fechadas e pressionou suas costas contra a parede. O clique ecoou sobre seus tímpanos. "A lâmpada deve estar queimada", veio a voz suave. "Venha cá, Srta. Renning".

Aerin abriu suas pálpebras, o suficiente para visualizar a figura rígida na porta. O justo corte de seu blazer, saia reta, e o coque de forma apertada não deixavam espaço para a clemência.

Lábios apertados com uma pitada de desgosto em torno das bordas. Pela primeira vez, Aerin compreendeu o poder por trás dessa mulher. Como um membro do Conselho, Dra. Livinski poderia condenar toda uma nação com uma acusação. Não lhe custaria nada condenar uma pessoa.

"Eu suponho que você saiba o porquê de você estar aqui", disse a diretora.

Aerin forçou sua mandíbula, sem som. Uma única palavra poderia servir para sua própria traição. *Tola*, ela repreendeu-se. *Eles já sabem*. Ainda assim, ela não poderia forçar sua língua tentando uma defesa para a sua presença ilegal na escola.

"Venha. Aqui ". A diretora falou cada palavra lentamente, em seguida, levantou uma sobrancelha. "A menos que você prefira ficar no escuro. "

De alguma forma Aerin levou seu corpo para longe da parede traseira. Suas pernas dormentes a fizeram tropeçar. Dedos longos agarraram-na pelo cotovelo e, para surpresa de

Aerin, levaram-na não só para fora do quarto, mas em linha reta para o laboratório de alta tecnologia.

O zumbido dos computadores, uma vez um conforto, agora assobiava ao seu redor com uma discórdia afiada. Ela se encolheu a mira de Zaniels que aparecia ao lado de seu computador pessoal, com os braços cruzados

sobre o peito volumoso. Fúria desfigurava seu rosto tipicamente dócil.

Mas sua expressão escura mudou passando dela quando seu olhar centrou-se na próxima máquina.

"Alguém invadiu os arquivos da Academia na noite passada", disse ele, "a partir deste computador."

O aperto no cotovelo de Aerin foi solto. "Você teria alguma idéia de como tal feito poderia ser realizado?", perguntou a diretora.

Aerin sentiu sua boca cair aberta. Era por isso que ela estava aqui? Porque achavam que ela tinha comprometido a segurança da escola? Se isso fosse tudo —

Então a loucura desesperada da situação a atingiu. Se ela admitisse que sabia como contornar a segurança, não haveria nada que os impedisse de pensar que ela havia quebrado o laboratório, e se ela negasse, não haveria nada para convencê-los de que ela estava dizendo a verdade.

A não ser que ela pudesse provar que alguém invadiu a máquina. "Eu poderia. . ". ela tentou falar. "Eu poderia ser capaz de rastrear o culpado."

Zaniels olhou para a diretora.

O olhar era claro, mas a Dra. Livinski deu um aceno lento, em seguida, fez um gesto em direção a uma acentuada cadeira vazia. "Por todos os meios", disse ela.

Aerin sentou-se, seus nervos disparavam os cabelos curtos ao longo dos seus braços se arrepiaram. Ela

poderia rastrear o hacker, mas também, ela não poderia. Se ele ou ela tivesse a mesma habilidade, não haveria nenhum traço para definir o culpado e talvez nem mesmo um caminho para desfazer.

Seus dedos se moviam lentamente ao longo do teclado, uma pausa de meio segundo, então ela contornou a senha. A parte traseira de sua mente gritava que ela havia acabado de dar-lhes a prova da sua própria capacidade para quebrar.

Mas o risco foi calculado. Ela não teria nenhuma esperança, sem tomá-lo, e isso poderia ser sua única chance de limpar seu nome, pelo menos, antes de começarem uma investigação real.

Ao seu lado, Zaniels resmungou, mas a Dra. Livinski permaneceu em silêncio. Aerin não ousou olhar para nenhum deles. Ela não tinha recursos para medir suas reações. Sua atenção centrou-se na tela e nos indícios lá revelados.

Ela não teve que trabalhar duro. O caminho para o hacker se abriu com facilidade surpreendente.

Para seu alívio. E sua grande raiva.

Teria o terror que ela havia passado por esta manhã sido devido a nada mais do que uma brincadeira idiota? O hacker entrou em uma dúzia de sites restritos, sem qualquer tentativa de disfarçar os caminhos quando se deslocou para obter informações. Se ela não estivesse enganada, ele tinha ainda tomado algumas medidas adicionais para garantir a sua captura.

E era um *Ele*, o qual ela não tinha dúvidas, não havia dúvida de quem havia feito a pesquisa.

Seu temperamento fervia sob sua pele. Era exatamente ele! Para todos os resíduos de energia e o esforço de chegar a algum lugar. Era enlouquecedor. E a coisa mais irritante de todas era que ele tinha de alguma forma a arrastado com ele, porque aqui estava ela, com a prova certa sob seus dedos, capaz de imprimir o seu trajeto ridículo em questão de segundos.

Exceto que de repente ela não se importava com a idéia de dizer. Isto não era nenhum crime, realmente, e havia algo irritante sobre a forma como o culpado implorou para ser capturado.

Quando ela finalmente olhou para cima, a diretora havia ido embora. Zaniels, talvez muito nervoso para assistir, mudou-se para um canto distante onde passeava para frente e para trás.

"Alguma sorte?" Ele deu um sorriso triste.

Sua garganta estava seca, e suas vísceras se rebelavam, mas ela não podia negar o horror do quarto escuro.

Então a Dra. Livinski pisou de volta ao laboratório. "Bem, Srta. Renning, você sabe quem invadiu o banco de dados?" A voz gelada e fachada legal exigiam uma resposta.

Aerin abriu a sua boca. . .

Em seguida, fechou-a.

A menos de dois pés atrás da diretora estava o contorno sombrio de uma forma humana. E

não apenas qualquer humano: ombros relaxados, mãos nos bolsos, cabeça inclinada para o lado. Ela conhecia

aquele o olhar, a postura enganosamente descontraída de Dane Madousin.

Os olhos escuros dele nadaram à vista e por um momento sem fim encontraram os dela.

Aerin teve de repente a visão dele ganhando toda classe Debate. Ela empurrou-a fora. Ela lhe devia nada. Nada! Todo o pesadelo desta manhã era culpa dele. Ele merecia tudo o que tinha vindo para ele e muito mais.

Então, por que ela não fazia isso? Por que ela não dizia a Dra. Livinski que o culpado estava bem atrás dela neste exato momento? Por que ele estava ali?

A resposta veio aos poucos em sua memória, rasgando seu caminho pelo peito de Aerin. Ele queria lembrar a Aerin que, se ele fosse para baixo, ela estava indo para baixo, também, tudo porque ela tinha mostrado a ele o atalho estúpido no seu primeiro dia de aula. Ele não havia a ameaçado no mesmo dia?

Ela o odiava. Com um ardor.

"Eu lhe fiz uma pergunta, Srta. Renning." A diretora chegou mais perto. "Você sabe quem quebrou aqui na noite passada?" As palavras pairavam no ar.

Os olhos de Aerin pregados em Dane.

"Não", disse ela.

Silêncio pairou no espaço entre eles.

A resposta em seu olhar não era o que ela esperava. Ele piscou, balançou a cabeça, então franziu a testa, como se tentasse entender algo.

A diretora perguntou com sarcasmo. "Você tem certeza?"

"Agora, espere um minuto", disse Zaniels. "Ela fez o que pedimos. Se ela diz que não sabe, ela não—"

"Ela sabe," Dra. Livinski estourou. "Madousin confessou não faz nem três minutos, e de acordo com sua confissão, Srta. Renning lhe mostrou como ignorar o código de segurança, há várias semanas. Eu não tenho certeza do que eu acho mais condenável, um estudante que invade a propriedade da escola, ou um que mente para encobrir sua própria parte nela. "

Confessou? Aerin encarou Dane com choque. Não fazia sentido.

"Olha, eu não. . . isto não foi o que eu. . . não é culpa de Aerin." Dane lutou por palavras, algo que ela nunca o tinha visto fazer em duas semanas de Debate. "Ela não teve nada a ver com isso. Você não pode expulsá-la só porque—"

"Expulsar?" A diretora deu uma volta súbita. "Oh, acredite, Sr. Madousin, nenhum de vocês está ficando fora assim tão fácil. "

A luz do transmissor de Dra. Livinski estava piscando uma hora mais tarde, ela voltou para seu escritório. Vermelho. O sinal do Conselho. *Um interrogatório terminou. Agora era o tempo para o segundo.* Ela fechou a porta e puxou cortinas pretas sobre as paredes de vidro. Visibilidade

não iria salvá-la desta conversa. Relutante, ela abaixou as luzes, em seguida, apertou o botão de entrada.

A imagem do General Gregory Madousin apareceu em uma sombra, seu uniforme militar exibia cada medalha de sua propriedade, incluindo as mais recentes, obtidas em *Wyan-Ot*.

"Jane", disse ele, sua face sombria. "Nossos colegas me informaram sobre o confinamento."

"Estamos cuidando disso", respondeu ela, as pontas dos dedos sobre a resolução de seu desktop. "Nenhum dos arquivos que você está preocupado foi acessado. "

"Você não pode saber isso."

Na verdade, ela podia. Ela tinha sido perfeitamente ciente do fato dez minutos depois de sentar-se à mesa de computador de Zaniels. Mas isso não tinha respondido como o jovem culpado havia ultrapassado o código de segurança, a descoberta tinha sido o propósito por trás de toda a sua investigação. Ela desceu da cadeira, sem quebrar o contato visual. "Temos um traço de todo o caminho tomado pelo hacker".

"Quero o réu preso." Seu peito inchado feito um galo.

"Posso garantir que não haverá conseqüências." Dra. Livinski reprimiu o impulso de dizer a ele que seu próprio filho era o culpado. Ela tinha uma política firme sobre manipular sozinha a disciplina da escola. Além disso, ela passou tempo mais do que suficiente discutindo no transmissor com o pai de Dane na noite anterior.

Neste momento, no entanto, a atenção do General estava consumida por outra coisa. Seu tom era de comando. "Quero todos os arquivos relacionados com o traidor transferidos."

Sua máscara caiu. Ela sabia que isso aconteceria. O traidor tinha estado no centro da vingança de Gregory há mais de quinze anos. "Você já tem os arquivos confidenciais", disse ela, com os ombros retos. "Eu não dou os registros escolares Doutor. "

"Esta é uma preocupação política."

É *peçoal*, pensou, e *você e eu sabemos*. "Registros escolares são minha jurisdição." Seus dedos

escavaram a borda da sua mesa. Ela não estava disposta a deixá-lo usurpar o seu controle sobre a *Academia 7*.

"E meu filho é *meu*." A imagem do transmissor ficou desfocada.

"Não enquanto ele estiver na minha escola." Ela não ia ter essa conversa de novo, depois de quatro horas na noite anterior. Quando a imagem limpou, ele abriu a boca, mas ela o interrompeu. "Eu vou lhe enviar um scan do traço, Gregory." E ela cortou a ligação.

Sua mão fechou-se sobre o transmissor. *Pais superprotetores: sempre fazendo o possível para minar a educação de seus filhos*. Ela já havia perdido uma hora naquela manhã, desanuviando a ira da Sra.

Entera, embora a forma como a mulher soube sobre o confinamento tinha sido um mistério—até a admissão de que ela violou as regras da escola, dando a filha um transmissor pessoal.

Logo para ser confiscado, antes de todo o episódio se tornar uma questão de registro público.

Felizmente, refletindo, a Sra. Entera não tinha estado muito ansiosa para ter notícia do confinamento, e com isso o seu próprio engano, liberando a pressão.

E então—Dra. Livinski empurrou o transmissor em sua mesa do escritório— Aquele era Gregory Madousin. Ela sabia que ele tinha um ressentimento contra ela, e ela não poderia culpá-lo inteiramente por isso, mas isso não era motivo para perder a chance de seu filho cursar a melhor escola do universo. Ou para fazer a Dane um pedido ridículo de que ele havia trapaceado no E. A. A. Qualquer pai que negasse realizações ao seu filho, a fim de ganhar um argumento era terrível.

Embora Dane certamente tivesse feito seu melhor para provar o ponto de seu pai.

Ela suspirou e empurrou para trás a cadeira. Ela provavelmente deveria ter expulsado o garoto.

Mas não— Gregory amaria isso!

E então lá estava a garota. De algum modo, logo que Zaniels havia mencionado sua assistente, Dra. Livinski sabia que Aerin seria emaranhada nesta confusão. A decisão de questioná-la tinha se provado eficaz, embora não na maneira que a diretora havia previsto.

Ela já havia identificado Dane como potencial culpado e esperava que a garota confessasse, depois de explicar como o garoto tinha conseguido a façanha. Mas tinha sido Dane que havia confessado.

A expulsão não era a resposta. Dra. Livinski via claramente agora, o transmissor ainda brilhava. Um sorriso fino dobrou em seus lábios. Aqueles dois alunos estavam indo ter que trabalhar por cada grama de stress

que tinham fabricado para ela neste dia. E talvez, apenas talvez, se eles passassem bastante tempo juntos, eles pudessem acabar com a cruzada de Gregory contra o traidor. Embora Deus a ajudasse quando o General descobrisse que ela estava abrigando Aerin Renning.

Capítulo 9: Punição

Vapor de limpeza ardiam os olhos de Dane. Dra. Livinski tinha como punição envolvido panos, baldes de metal, água e amônia. Uma grande quantidade de amoníaco. Ele colocou seus dedos ao redor das finas alças do balde e levou os baldes de vapor até a escada do sótão estreito.

"É a sua esquerda." A voz Xioxang chamava abaixo, apunhalando a volta de Dane. "Pouco antes de chegar à sala de mensagem. Não, a sua *esquerda*."

Dane forçou a vista na escuridão, tentando identificar um botão de entrada. Se não houvessem lhe dito, ele nunca teria sabido que havia alguma coisa aqui, exceto a sala de mensagem. O peso em suas mãos estavam cortando seus dedos, e estava apenas começando a parecer que ele não iria ser capaz de apertar o botão, mesmo que ele encontrasse um, quando Aerin, carregando uma torre de trapos, esbarrou em torno dele e deu um tapa na parede. No que deve ter sido o botão. Um guincho áspero encheu o ar.

Então surgiu a poeira. Dane tossiu, causando um movimento de água quente que derramou sobre o aro do balde, esaldando sua coxa. Ele xingou sob sua respiração.

Aerin passou à frente, uma corrente fraca de luz iluminando o seu perfil.

Ele piscou, surpreso com a visão. Seus cabelos brilhavam passando dos ombros. Embora ainda em linha reta e em um tímido marrom, as mechas longas não eram mais hesitantes. E

os braços e as pernas magras que ele havia observado na primeira manhã de aula, de alguma forma perderam sua nitidez. O ritmo exigente da *Academia 7* deve ter combinado com ela.

Ou as exigências físicas de bater na bunda dele a cada dia.

"Mova-se, Madousin", veio o exigente comando de baixo.

Dane tropeçou a frente em um quarto estreito alinhado com as prateleiras empoeiradas.

Grato por abandonar os baldes em cima das tábuas do chão, ele esfregou os dedos doloridos com os polegares.

"Limpe-os." Xioxang de repente ficou parado na porta.
"Livinski quer cada peça da memorabilia brilhando.

Memorabilia? Dane apertou as prateleiras. Certo o bastante, debaixo do pó, placas rachadas

lutavam por espaço com troféus corroídos.

"Qual a sua dificuldade, Madousin?" O professor desafiou.
"Nunca aprendeu a realizar trabalho físico?"

Dane não dignificou isso com uma resposta. Duas horas de trabalho todos os dias por um previsível futuro eram menos um purgatório do que um indulto.

O que ele não podia entender era por que diabos não tinham vindo por ele. Seu pai não teria desistido de puxar o filho da escola. Nunca o General teria mudado de idéia. A única explicação que Dane poderia conceber por que ele ainda estava aqui era que a Dra. Livinski havia bloqueado o pedido de seu pai para a remoção—ela havia se recusado a deixar Dane sair porque ela queria provar a sua própria versão de punição. Como membro do Conselho encarregado da educação, ela tinha esse poder. Ainda assim, Dane nunca tinha conhecido ninguém para—

Aerin interrompeu seus pensamentos, ela passou por ele pela segunda vez, sem falar.

Envolveu um pano segurando-o em torno de um balde e pegou o balde pesado com o seu conteúdo de vapor. Em poucos segundos ela escalou o topo de uma escada e começou a esfregar as troféus.

Xioxang levantou uma sobrancelha. "Pelo menos um de vocês sabe como trabalhar." Ele arrancou uma placa de uma prateleira próxima e a pôs nas mãos de Dane. "Fique ocupado, Madousin. Volto em duas horas. "

Estômago apertado, Dane permaneceu imóvel, olhando para a velha e suja foto premiada.

Então, rejeitando a placa, ele endireitou os ombros e olhou para a figura equilibrada na escada. Ele não tinha em mente esse castigo, mas o encargo que Aerin tinha recebido este estava bem em sua consciência.

Ela não merecia estar aqui. No momento em que a diretora havia lhe pedido quem era o culpado de costas para ele, Aerin deve ter sabido que ele era culpado. Ele havia deixado um rastro como um meteoro flamejante.

Mas ela não o entregou, e, no processo, ela tinha destruído o conceito dele de bravura.

"Ouça—" Sua voz lutava pelas palavras. O que ele poderia dizer a ela? Que ele deixou o seu desejo de vingança prevalecer sobre todo o resto, incluindo a sua reputação. Claro, ele nunca teve a intenção de envolvê-la, mas ele poderia ter percebido a possibilidade, se tivesse tido tempo para pensar. Após a acusação de seu pai, nada mais havia entrado na mente de Dane.

Ele não podia dizer-lhe isso. Ou explicar. Não poderia gerenciar nada mais do que o totalmente inadequado "—me desculpe."

A única resposta foi o som da água escorrendo implacável no balde.

Para Aerin, as cinco primeiras semanas de trabalho em equipe foram definidas pelo silêncio.

Ela destinava-se a punir Dane. Por arrastá-la em sua brincadeira estúpida, por arriscar seu futuro, e por não ter ainda tentado uma explicação. Sua desculpa embaralhada na sala de troféus no primeiro dia havia apresentado um pouco mais do que um vago lamento. Ele não

tinha idéia do horror que ela tinha experimentado na sala do porão vazio ou o que isto tinha quase lhe custado. E ela não podia dizer-lhe. Então ela o puniu, recusando-se a falar com ele fora da classe.

De volta a *Vizhan*, o silêncio tinha sido o seu refúgio, um lugar que ela poderia ir para onde ninguém poderia derrotá-la, mas algo tinha mudado. Seu envolvimento no crime, como os outros alunos já se referiam ao incidente

no laboratório de tecnologia, havia colocado ela no centro das afiadas fofoqueiras da escola. Os outros alunos todos assistiam a ela agora com olhares desconfiados. Yvonne e sua panelinha faziam caminhos em torno de Aerin em semicírculos gigantes. Nas refeições, eles convenceram os outros a evitar a sua mesa. A barreira que Aerin havia construído para proteger a si mesma se expandiu para além de seu controle, e os sussurros e risos sufocados a magoavam.

Levou uma semana para admitir que ela se importava.

Demorou mais quatro antes que ela percebesse que punir Dane estava fazendo as coisas piores. As duas horas que ela passava o dia todo ao lado dele— esfregando, limpando o pó, pintando, podando e fazendo— três vezes a quantidade de trabalho que ele realizava—

tornaram-se uma tortura. Sua recusa a falar parecia não incomodá-lo em tudo. Ou, dissuadi-lo a falar. Sem parar, ele falava sem parar, queixando-se sobre tudo: o chão era muito duro, a tinta muito fina, a tesoura de poda muito enferrujada. Ele *nunca* parava.

Ainda assim, ela agarrou-se à segurança do silêncio. Até o dia em que Xioxang ordenou a Dane e Aerin lavar as janelas exteriores do Grande Hall. Baldes na mão, dirigiram-se com cautela em torno da frente do prédio em direção ao lado sul. Normalmente, esta seção do gramado esvaziava após as aulas, mas com a queda de exames ameaçando, as horas de tiro para a classe superior masculina foram aumentadas. Alvos se espalhavam no campo, e um número de alunos mais velhos se reuniam nas proximidades, escolhendo lasers.

A brisa leve levou gelo ao peito de Aerin quando ela avistou o compacto fogo brilhante.

Cada nervo de seu corpo reagia a essas armas, e os canos das armas que tinham seguido todos os seus movimentos nos campos em *Vizhan*.

Na frente dela, um rapaz levantou um laser, como se fosse parte de sua mão, visando um alvo, e disparou. *Pow!*

O som perfurou a carne de Aerin. Ela pulou.

Alguém tocou seu ombro e ela o empurrou longe, golpeando com as costas da mão instintivamente.

Dane esquivou, deixando cair o balde e enviando-lhe um olhar estranho. Então ele encolheu os ombros como se desistisse de entendê-la e passou a frente.

Aerin seguiu-o, fixando o olhar entre as omoplatas. Ela tentou bloquear o som dos tiros, ela fez seu caminho ao longo da borda do campo de prática.

Seu foco trabalhou, talvez muito bem, porém quando Dane parou e ela se permitiu olhar em outra parte, a estrutura maciça suspensa deixou-a surpresa. Ela sentiu seu queixo cair quando ela olhou para os andaimes de placas finas e tubulações enferrujadas alongando-se pelo edifício de pedra, como um fungo indesejável.

Seu olhar chocado deve ter denunciado sua apreensão.

Dane deu mais um passo, agarrou uma das vigas do canto, e deu-lhe uma agitação. Um chuveiro de tinta e pedaços de sujeira caíram.

Suas linhas da testa franzida. "Ridículas", ele murmurou, em seguida, ambos ignoraram a sua própria avaliação e as escadas embutidas, ele envolveu as mãos ao redor da viga e começou a escalá-la. Ele literalmente levou o corpo a trinta pés no ar, em seguida, caiu como um felino mais alto na plataforma. "Suponho que, se nós morrermos", ele falou para baixo ", não teremos que terminar de lavar as janelas."

Aerin sentiu uma certa inveja. Dane encarava com frieza a cara do perigo levando suas próprias tentativas de evasivas à vergonha. Porém, seu brilho de admiração desvaneceu-se rapidamente, quando ela percebeu que ele não tinha o seu balde.

Ela virou-se e olhou para trás ao redor da esquina. O balde de metal velho esperava, abandonado, no outro lado do campo de prática.

Pow! Pow! Pow! A nova chuva de tiros a laser.

Aerin segurou a viga ao seu lado. *Esqueça a água extra. A minha é o suficiente.* Ela tremia.

"Medo de altura?" A questão veio de cima. Dane deitado de barriga, peito e ombros pendurados sobre a borda da plataforma.

Idiota. Ela reuniu seu auto-controle, ergueu seu próprio balde, e começou a subir a escada o

mais rápido possível. Chegando ao topo, ela soltou seu balde na plataforma com um baque estridente.

"Cuidado!" Dane advertiu, em seguida, acrescentou: "Você pode querer ficar nas laterais. O

centro parece fraco ".

Ela tomou o ranger da madeira como confirmação e começou a trabalhar sem uma palavra.

Todas as cinco janelas, deste nível estavam cobertas com sujeira grossa. Lavar elas, mas não sem muito braço e músculo do ombro.

Mergulhando um pano no mesmo balde, Dane também começou a esfregar, lançando uma seqüência de denúncias contra o governo dos Aliados por permitir que a escola caísse em tal negligência. "Educação, a espinha dorsal da *Aliança*, a minha bunda", ele resmungou,

zombando da linha que Aerin tinha ouvido primeiro o capitão do *Enviado* dizer e que aprendeu ser uma citação política popular. "Se o governo realmente valorizasse a educação, você acha que estaríamos arriscando nossas vidas para lavar algumas janelas?"

Dane não era nada, Se não dramático, ela pensou.

"Honestamente", continuou ele, "se eles redirecionassem metade dos recursos desperdiçados em *Wyan-Ot*, nenhuma das academias teria de escolher entre bons professores e uma equipe de limpeza." Ele mergulhou seu trapo no balde e salpicou a preciosa água sobre a plataforma.

Falando em desperdício. Aerin encarou Dane. Como ele poderia queixar-se dos recursos,

enquanto ele estava diante dela vestido da cabeça aos pés em seu uniforme escolar gratuito?

Ela tentou sintonizá-lo, mas o fogo dos lasers abaixo mantinham sua concentração cortada, arrastando-a para onde ela não queria ir, em memórias que ela não queria ter, nunca quis ter, e nunca tinha realmente conseguido banir: a criança que ela tinha visto alvejada por deixar cair um saco de grãos, a mulher que tinha trabalhado mais rápido do que homens com metade de sua idade e foi morta em seu septuagésimo aniversário, o guarda que pressionou o cano de seu próprio laser na cabeça de Aerin e ordenou que ela dissesse quando.

Ela estava com frio. A brisa aqui era mais forte do que na terra, e os apitos das armas evocavam distantes gritos. Suas mãos estavam resfriando, e embora ela as mergulhasse de volta na água quente, elas estavam tremendo.

E então uma rajada de fogos a laser enviaram seu corpo inteiro em um espasmo.

"Maldição!" Dane gritou, sua voz empurrou-a para o presente. A água cobriu a plataforma e foi correu através das rachaduras.

Vagamente, Aerin observou o balde caindo. Ela deve ter batido nele.

Constrangimento percorreu o seu corpo, em seguida, ela explodiu em um ataque defensivo.

"Bem, vai recuperar *seu* balde!", Ela estourou.

Ele olhou para ela, olhos brilhando. "Ela fala", disse ele.

Só então ela percebeu que ela acabara de romper seu silêncio. "Não", respondeu ela, "estou cansada de fazer a sua parte do trabalho." A possibilidade de uma súbita

argumentação canalizou sua energia e lhe permitiu concentrar em algo que não fosse a prática de alvo lá em baixo.

"Bem, você certamente fez mais do que a sua parte em fazer uma bagunça." Ela falou precipitadamente, então soltou um fluxo de palavras. "Eu nem sequer estaria aqui, sem a confusão que você me colocou. Você é um preguiçoso, egoísta, esnobe teimoso! "

" *Eu sou* teimoso? Você é a única que está trabalhando em silêncio por semanas. Uma pergunta se você é mesmo humana. "

"Você!" Ela acrescentou um termo descritivo e arremessou seu trapo para ele.

Ele o evitou.

Ambos assistiram o pano azul ir por trinta pés através do ar à terra, na grama. Eles respiraram sem palavras por um minuto. Em seguida, um som ressoou na garganta dele. Por um instante ela pensou que ele poderia estar rugindo para ela, mas o tom mudou.

Borbulhava, em seguida, ele caiu na gargalhada inesperada.

Não fazia sentido. Ele não tinha direito de estar rindo dela.

Bem. . . ela tinha escolhido um momento um tanto ímpar para explodir nele, vendo como ela foi a única que tinha derrubado o balde. E foi um pouco infantil ela lançar o pano. E. . .

na verdade. . .

Ele tinha todo o direito de rir dela.

Ela encostou-se contra uma janela, não certa como reagir.

Ele caiu para baixo em um canto, ergueu os próprios trapos, e jogou-lhe sem esforço atirando em sua direção. Perdendo. Isso produziu uma nova onda de risos, e exigiu um minuto para ele se controlar. Então, enxugando uma lágrima de seus olhos, ele disse: "Eu acho que eu tenho sido chamado de um monte de coisas, mas não de um esnobe egoísta".

Ela notou que ele deixou o termo *teimoso*.

"Bem, você é", foi a resposta dela. "Você está sempre argumentando contra a *Aliança* e o Conselho, seu próprio pai. Você não tem direito".

"Desculpe?" O riso saiu de seu rosto.

"Você tem tudo: observe, o dinheiro, a liberdade, a chance de uma boa educação."

"Como você— "

Ela desencostou da janela, e não para ouvir suas desculpas. "Você tem alguma idéia de quantas pessoas neste universo não compartilham esses luxos? Ninguém ameaça você.

Ninguém questiona o seu direito de existir. Você tem um futuro, a oportunidade de aprender com a melhor escola do universo. "A paixão estava tocando a voz dela agora. "E você não se importa! Você não se importa com nada! "

"Isso não é— "

"Você arriscou tudo, o seu futuro e o meu, por nada, apenas uma brincadeira estúpida!"

Ela parou, seu peito arfante.

Só então ela tomou o sentido de suas palavras. Emoção varria o rosto de Dane: surpresa defensiva, raiva. E outra coisa, algo que não dizia respeito.

"O que você sabe sobre mim, Aerin?", Disse ele, sua voz baixa. Então ele se aproximou.

"Você não é mesmo da *Aliança*. . .você é? "

As palavras eram como um fragmento de meteoro mergulhando em seu coração. A sua vida aqui, o seu lugar na escola, tudo invocava o mito de que ela era uma cidadã. E apesar de si mesma, ela tinha começado a pensar que ela poderia ter êxito. A energia foi drenada de seu peito, seus membros. Um afiado formigamento começou em seus dedos, e ela não podia ficar ali, não poderia enfrentar a acusação de que tinha acabado de aniquilar seus sonhos.

Então, ela fez o que sempre fazia, sem pensar ou contemplar. Ela dirigiu-se para a escada, em seguida, sobre a borda, e para baixo, o sangue dela martelando em seus ouvidos. Ela precisava fugir. Nada mais importava nesse mundo obscuro. Nada mais existia.

Até o fogo a laser.

Pow! O som rasgava através de seu peito.

Seu pé escorregou. Ela perdeu o equilíbrio, e os dedos começaram a sair dos degraus.

Mas um aperto, uma mão feroz repentinamente agarrou sua mão esquerda. Ela olhou para os dedos envolvidos em torno dela, os nós dos dedos brancos, rachaduras na pele, e as veias azuis.

Ele não disse nada, apenas esperou por ela para recuperar o equilíbrio. Em seguida, deixou-a ir.

Capítulo 10: No Risco

Ela fugiu, claro. Toda sua resolução para interromper a corrida desmoronou, inacreditavelmente em um emaranhado tão fino como fio de arame. Seus pensamentos estavam em guerra com eles mesmos. Como ele descobriu que ela estava fora do limite, apesar de seus segredos e silêncio, e depois de todo esse tempo? Ele não poderia ter conhecido antes, porque ele teria usado isso para ameaçar ela.

Ou ele estaria? Se ele tivesse a ameaçado agora no andaime, por que ele a pegou quando ela caiu? Ninguém em *Vizhan* teria feito isso. Os guardas teriam rido de sua própria falibilidade, e nenhum dos outros escravos teria arriscado isto. Mostrar empatia ou amor era dar aos guardas poder sobre você.

Esta é a Aliança. Cada ser humano decente—

Mas ela não tinha pensado em Dane como digno, não desde aquele primeiro dia, na lanchonete, quando ele havia se tornado seu nêmesis⁴. Ela não tinha pensado nesse dia naquela época.

Ela tinha se movido apenas, seu foco no futuro e enfrentando Dane.

Por causa de algo que Yvonne havia lhe dito.

Sobre ele se divertindo as custas de Aerin durante o Debate. Na verdade, a essência do argumento de Yvonne tinha sido de que ela não poderia ter acreditado no que ele dizia, porque ele nunca estaria realmente criticando a *Aliança* com o pai no Conselho *Que absurdo!* Dane tinha sido de longe o crítico mais veemente da *Aliança* ao longo do

período escolar. Menos de meia hora atrás, Aerin, tinha-o acusado de não ter valorizado a liberdade que ele tinha aqui.

Ela desacelerou seus passos, em seguida, pressionou a cabeça contra a casca áspera de uma árvore na extremidade do jardim. Nesses primeiros dias de aula ela tinha sido um peão, com medo de tudo, e baseada em uma conversa, ela fez um julgamento apressado sobre um rapaz que ela realmente não sabia nada.

4 [N/T: Nemesis, Um adversário que não pode ser vencido ou superado.]

Aquilo também não tinha sido parte da discussão de hoje? Dane dizendo que ela não sabia nada sobre ele. Sim, apenas antes que ele a ameaçasse.

E tentado salvar a vida dela.

Mesmo agora, ela podia sentir a intensidade do aperto de Dane. Se ela tivesse caído, aquele aperto teria a detido. Tinha sido tão apertado, tão feroz. Não tinha sido quente, ou polidos, ou sem esforço, de qualquer maneira. Isto tinha apertado os nós dos dedos juntos e quase rachado os ossos de dor, e isto a teria segurado.

Talvez ele não tivesse a intenção de ameaçá-la.

Ou talvez ele tivesse. Talvez ela devesse pegar suas malas agora e tentar o primeiro vôo para fora do planeta.

Mas ela não tinha para onde ir. E mais nenhum desejo de correr.

Dane sabia que ele tinha estragado tudo. Ele podia imaginar Aerin quando ela tinha deixado o andaime meia hora antes, seu rosto drenado de cor como um snowbird⁵ ao luar. Ela começou a falar! Por cinco semanas, ele havia trabalhado ao seu lado com somente um "Por favor, passe o balde de água", e agora ela tinha fugido, a sua natureza contraditória correndo para a primeira linha. Um momento em que ela era toda fogo, e no próximo voava.

Ele não podia lamentar sua vontade de rir da acusação dela. Então ela pensou que ele tinha uma boa aparência esnobe mimada. Aquilo foi quase tão rico quanto o fato de que ela não teve medo de dizer na sua cara. Mas ele não queria assustá-la. Ele tinha apenas deixado escapar sua percepção de sua origem estrangeira, sem pensar. *Estúpido.*

Claro que ela não queria que ninguém soubesse. Se ela estivesse aqui ilegalmente, seu lugar na escola estaria em perigo. Não que ele alguma vez fosse dizer. Mas ela não sabia disso.

Desprovido de água, Dane parou de lavar as janelas e buscou madeira compensada para reparar a plataforma, como alternativa. Ele estava de joelhos, martelando a madeira para o andaime, e chutando-se mentalmente, quando uma sombra pairou sobre ele. Descartando o

martelo, ele estremeceu com o ruído surdo. "Aerin", disse ele.

5 [N/T: Snowbird, Um tipo de coruja branca que habita lugares com neve.]

"Você não queria me incriminar pelo incidente no laboratório de tecnologia, não é?" a resposta dela o surpreendeu.

Ele se voltou.

Ela parecia desgastada, sombras circulavam seus escuros olhos castanhos. Seus lábios estavam rachados, e ela estava tremendo. Ele tinha um estranho desejo de confortá-la, mas ele sabia melhor do que fazer qualquer movimento brusco.

"Não, eu— " Dane começou a responder.

"E você não veio para o laboratório aquela manhã para me ameaçar?"

"Claro que não"

Ela correu a mão contra o molde descascado da janela. "E você não tinha a intenção de me ameaçar. . . esse primeiro dia, quando estávamos disputando no combate físico? "

Onde isso estava indo? Ele balançou a cabeça, já completamente fora de equilíbrio, e levantou um joelho para cima da madeira compensada. "Por que eu iria fazer isso?"

"Eu não tenho certeza." A voz dela vibrava um pouco.
"Eu não sei por que você faria essas coisas. Ou por que
você tiraria sarro de mim na classe— "

O quê?

"—Quando você mal me conhecia. Ou por que você iria
quebrar um laboratório de informática, sem ter a menor
dificuldade para cobrir seus rastros. "

Ele abriu a boca, em seguida, fechou-a.

"Você queria ser apanhado, não é?" Suas palavras caíram
como estilhaços de vidro em placas limpas.

Argumentar seria negar a verdade de suas outras
negações. Sua mão direita flexionou, chegando às cegas
para o martelo. Não havia. Vagamente ele lembrou que
tinha deixado cair a ferramenta ao seu lado.

"Por quê?" Ela fez a pergunta que ele exultava em evitar.

"Por quê, o quê?"

"Por que tentar ser apanhado?"

Ele levantou-se, esperando que o movimento lhe desse
confiança. Ele falhou completamente. Deslizando as
mãos nos bolsos, ele deu de ombros, sem apresentar
qualquer resposta.

Ela não se intimidou. "Você deve ter suposto que eu seria
responsabilizada. Você não é estúpido. "

Certo. "Olha, Aerin, às vezes, quando estou com raiva, eu
não penso." Quantas vezes Pete

advertiu Dane contra essa falha exatamente?

"Por que você estava com raiva?"

Ele não iria responder a isso, não a qualquer um. Ele havia assumido que seu pai iria tirá-lo da escola. O ponto inteiro da *quebra* foi antecipar esse fato e atrair atenção suficiente para embarçar o General. Mas a imprensa não teve acesso a história, e, por algum motivo insondável, Dane ainda estava aqui.

Ele e Aerin ficaram por um tempo, cada um olhando para o outro sem realmente ver. Para Dane, o rosto em frente ao seu, os tubos, as placas, até o edifício de pedra maciça e os fundamentos da escola desapareceram. Seus pensamentos vagavam dentro de si, correndo as passagens escondidas e colidindo nos cantos.

E, a julgar pela eventual resposta de Aerin, seus pensamentos viajaram para dentro dela também. Ela atirou-se contra uma janela limpa e sussurrou: "Eu não sei por que eu faço isso comigo."

Ele esperou, não sabendo o que dizer. Pouco dessa conversa tinha feito qualquer sentido, não que ele tivesse ajudado a esclarecer as coisas quando teve a chance.

A calma durou uns dez segundos antes que ela atacasse ele. "Eu me convenci de que você era o diabo, você sabe!"

"Não", ele brincou, "Eu nunca teria imaginado."

"E o tempo todo. . ." Ela levou a mão à testa, depois alisou em volta através de seus cabelos ao vento. "Você não estava pensando nada sobre mim."

Um sorriso agarrou-se aos cantos da boca dele. Isso era mais de um eufemismo do que ele cuidaria de admitir. "Na verdade, o meu traseiro tem pensado em você um pouco. "

Ela piscou.

"Depois de combate físico", explicou ele, lembrando da primeira vez que ela bateu o vento para fora dele. Isto o havia deixado atordoado. Ele nunca tinha encontrado alguém que se movesse dessa forma como ela fazia. Mas então ela não era daqui.

Ele respirou fundo, em seguida, baixou sua voz. "Sinto muito ter assustado você antes. Você realmente não deve se preocupar, Aerin. Você é um dos mais fortes primeiro-anistas da escola. Todo mundo sabe que você merece o seu lugar. "

A dúvida estava nua no rosto dela. "Nem todos".

Ele piscou para ela, tentando descobrir o que ela queria dizer. A diretora talvez, por causa dos problemas que ele havia trazido para ela.

Então Aerin gaguejou, "Como. . . Como você soube que eu não era da *Aliança*? "

Ele pegou um prego, deslizando-o em seus dedos e se esforçando para manter a seriedade, mesmo que a memória trouxesse de volta a mesma vontade de rir como antes. "Você estava me xingando com gírias fora dos limites ".

As mãos dela em punhos cerrados.

"Isso foi apenas uma parte disso, embora", acrescentou ele, sentindo uma vontade súbita de explicar. "Eu sabia que você devia ter aprendido essas frases particularmente fora da *Aliança*, mas depois percebi o quanto isso poderia explicar sobre—sobre como você sabe tanto sobre algumas coisas e nada sobre outros, como a forma de ligar um computador ".

Seu rosto queimava de um vermelho brilhante. "Como você sabia que estas gírias estavam fora do limite? "

Ele abriu a mão, deixando cair o prego e olhando o vincos vermelhos na palma de sua mão.

"Meu pai é do Conselho, lembra? Ele fala um monte de línguas ".

Ela fechou os olhos. "Estúpida⁶." Sua voz era um sussurro.

"Oh não, você não pode", disse Dane, fingindo tomar ofensa mesmo que ele soubesse que ela estava ridicularizando-se. "Você me disse há poucos minutos que eu não era estúpido.

Você não pode tomá-lo de volta agora. "

"Não é possível tomá-lo de volta." As palavras afundaram como água escorrendo dos canos.

"Aerin, não tenho intenção de dizer a ninguém que você não é uma cidadã dos Aliados."

6 [N/T: Stupid, Como em inglês esses adjetivos ficam neutros. . 'stupid' podendo ser usado tanto para

masculino como para feminino, daí deu certo a brincadeira de Dane.]

Ele prendeu os olhos escuros em seu olhar, na esperança de convencê-la que ele queria dizer o que ele disse, que ele estava dizendo a verdade e não haveria fios atados.

Bem, talvez um fio. Ele estendeu o martelo. "Claro, se você sentir vontade de voltar ao trabalho, eu não me importaria. Este trabalho não poderia jamais terminar sem você. "

O martelo esperou.

Ela olhou para a direita após isso, então se levantou, tirando a poeira de seu uniforme perfeitamente limpo e deixou seu olhar varrer a perimetria. O zumbido do vento enchia o intervalo, e seu cabelo soprava em longos fios por trás do pescoço. Então ela colocou as mãos nos quadris. "Bem, nós não gostaríamos de mais raiva da Dra. Livinski, não é mesmo?"

Ele levantou a cabeça, observando o ângulo do queixo dela, o conjunto de seus ombros, a curva distinta de seu perfil. Naquele momento, naquela pose, ela parecia quase. . . própria da realeza. Em um brávia, de modo como uma indomada espécie.

"Não sei", disse ele. "Estou começando a achar que este castigo não é assim tão mau."

Os olhos castanhos olharam os seus. "É ruim o suficiente, obrigado." E ela arrancou o martelo da mão dele.

Capítulo 11: Barganha

Dane passou o próximo par de semanas na formulação de um plano de ação. Ele e Aerin agora tinham uma relação de trabalho. Ela pedia-lhe para passar ocasionalmente o pano ou pincel. Ele se absteve compreendendo. Eles chegaram a discutir a qualidade de um trabalho atribuído agora e depois. Nada disto, porém, tinha melhorado o seu status no combate físico.

Felizmente não houveram exames no primeiro trimestre sobre esse determinado assunto.

Dane se preparou através dos testes, ele dificilmente tinha um pontinho⁷ sobre ele.

E, a julgar pelas notas informadas, Aerin preparou-se para isso de maneira ainda mais brilhante. Não que alguém soubesse pelo jeito que ela continuava a enterrar a cabeça em um livro a cada minuto dos seus dias, sem romances leves ou leitura obrigatória, ou seja, somente carregadas, textos pesados sobre os aspectos históricos, políticos e sociais da *Aliança*. Esgotante e maçante. Os livros, porém, deram finalmente a Dane a ideia que ele precisava para ganhar vantagem.

Ele andou pela biblioteca.

Pessoalmente, Dane evitava a sala aberta na extremidade sul do segundo andar o máximo possível. Ele não gostava da forma como os alunos do terceiro ano, que cuidavam do balcão de devolução, poderiam acompanhar a todos, se os estudantes estavam procurando ao longo das prateleiras, baixando os dados do centro de informações, ou estudando nas mesas retangulares na área de estudo.

Aerin, é claro, estava tão longe quanto possível do balcão. Apesar do fato de uma mesa grande com cadeiras confortáveis permanecer vazia próxima a uma janela a esquerda, ela estava abrigada em um pequeno cubículo, com os pés e os joelhos encostados na mesa de madeira, com a cadeira inclinada para a parede. Ele se perguntou se ela tinha escolhido essa posição para impedir qualquer pessoa de se sentar ao lado dela.

7 [N/T: A expressão nessa frase seria —speck of stardust on him||, ele usa stardust como expressão exageradamente otimista. uma Nós sabemos que Aerin bota pra quebrar nele em combate físico]

Não que isso fosse deter *ele*.

Puxando uma cadeira de uma mesa próxima, Dane girou-a ao lado dela e passou uma perna sobre o assento. Ele se inclinou para frente, apoiando o queixo levemente no encosto da cadeira.

Ela o ignorou, mantendo o nariz imerso em um grosso livro, *A Evolução da Aliança*. Perfeito.

Ele pegou o livro das mãos dela. "Tenho uma proposta para você."

As mãos dela desceram até a borda da mesa em um piscar de olhos. "Há melhor maneiras de pedir. "

Talvez, mas ele tinha sua atenção agora, ele não tinha? Ele puxou o próximo livro, de forma segura o aprisionando ele entre seu tórax e as costas de tecido da cadeira.

"Eu não estou pedindo. Eu estou fazendo uma oferta. "

Ela olhou para ele. "Agora?"

Bem, sim. "Fazendo um pouco de leitura iluminada?", Ele perguntou, levantando o livro

pesado e batendo os dedos na capa. Ela tentou pegar o texto, e ele escondeu novamente atrás da cadeira. "Você não precisa trabalhar nisso difícil, você sabe."

"O que você sabe sobre o trabalho?" Ela resmungou.

"Oooh!" Ele ergueu a mão em sinal de rendição. "Você acha que derrotar você todos os dias em Debate é fácil?"

O ferrão atingiu seu alvo. Ela esvaziou seu peito.

"Eu poderia ajudá-la." Ele avançou o livro apenas o suficiente para que o título aparece sobre a borda para ela. "Então você não teria que ler todos os incrivelmente chatos, mal escritos tratados desta biblioteca."

"Talvez você não possa." Ela olhou para ele como se ele tivesse estragado DNA.

"O que é que isso quer dizer?"

"Isso significa", disse ela, "você é o favorito Xioxang".

"Certo." Casualmente ele deslizou a cadeira mais próxima a ela e colocou sarcasmo. "Xioxang obviamente tem favoritos. "

"Ele prefere sempre os seus argumentos em sala de aula."

"Porque eles são os melhores."

Ela não negou. Na verdade, a julgar pela forma como o seu polegar subiu para rastrear a borda da cadeira, ela estava pronta para ouvir.

"Eu poderia ajudá-la a preparar um argumento", disse ele.

"Talvez." Sua voz saiu baixa. "Mas qual? Os tópicos são aleatórios, e podem ir a qualquer lugar. Você não entende, Dane? Quando se trata de eventos da atualidade, não tenho nenhum plano, nenhum. O material que o resto da turma sabe sobre a *Aliança*—Eu não cresci com isso. Uma coisa é fazer uma leitura de aula. Uma outra é defender-se contra o desconhecido. Não importa o quanto eu leia e estude, existem algumas coisas que eu nunca vou aprender desta forma. "

"Exatamente o meu ponto." Ele balançou para trás, levantando o livro ainda mais. "Por que desperdiçar seu tempo sobre as coisas erradas? Eu garanto que metade dos alunos dessa classe não sabem dos dez estágios evolutivos da *Aliança* por *Karsky*. "

Seu olhar fixou-se no nome do autor impresso no título do livro.

Sim, eu li isso. De que outra forma eu saberia que era chato? "Olha, Aerin, a preparação é somente

metade do desafio para ganhar um Debate. "

"E a outra metade?"

Ele teve o seu momento. "Você tem que escolher o lado certo."

"Seu lado, você quer dizer." Ela se eriçou.

"Não, o lado perdedor."

"O quê?"

"Sempre escolha o lado mais fraco."

"Por que eu iria fazer isso?" Suspeita afiava a sua voz, mas agora ela estava sentada ereta, os pés no chão.

"Porque, então você tem mais para onde ir para provar o seu caso. "Ele colocou os pés debaixo da cadeira. "Em um debate, há dois lados. Se ambos fazem um bom argumento, então o lado menos popular ganha porque esse lado tinha mais para onde ir para provar o seu ponto. Logística simples. "

"Se você não cuidar do lado que ganha." Ela franziu o cenho.

"É um debate. Não importa o lado que ganha. "

"Você quer dizer que não importa para você." O tom na voz dela o perturbou. Ou talvez tenha sido o fato de que suas críticas perturbavam a todos.

"É uma classe", disse ele. "O objetivo é concretizar os diferentes lados de uma argumento. "

"E você não se importa se a verdade se perde na confusão. Você não acredita em nada? "

Os alunos em uma mesa próxima se voltaram para eles, e uma terceiro-anista na mesa de devolução fixou o olhar na direção de Aerin e Dane.

"É claro que eu acredito", disse Dane. *Por que ela estava insistindo sobre este assunto?* Ela cruzou os braços,

abaixando a voz dela. "O quê?"

Com a testa franzida. Isso não fazia parte do plano. "O que. . . eu acredito?" Ele tateou, procurando entender sua linguagem.

"Qualquer coisa." Ela revirou os olhos. "Comece com a *Aliança*, pois é isso que você está se oferecendo para me ajudar a estudar. "

Por um minuto, isto mexeu com seus pensamentos, tentando decidir por onde começar.

Então, suas palavras saíram lentamente. "Eu. . . concordo com o Manifesto. "E agora ele tinha começado a derramar explicações. "Que nós precisamos de uma força unificadora entre os planetas. "

"E você acredita que a *Aliança* deve ser essa força?"

"Não—isto é, a *Aliança* poderia ser um modelo, mas eu não acredito que um único governo seria viável para o universo inteiro. "

"Então, o que você quer dizer com uma força unificadora?" Ela estava realmente perguntando, não testando ele. Ele poderia dizer pela forma como as linhas mudaram em seu rosto, questionando.

"Eu não tenho certeza", respondeu ele. "Algum tipo de local para a comunicação—Um lugar onde poderíamos falar de temas: comércio, educação, direitos civis. "

"Então você não confia no Conselho para lidar com essas questões?" Não havia julgamento nesta questão.

Escolhendo cuidadosamente as palavras, ele respondeu com a honestidade o quanto podia.

"Eu acho que o Conselho fez o seu melhor para lidar com questões difíceis, Aerin, mas não têm os recursos para lutar contra todos os problemas do universo." *Ou a perspectiva.*

"Eles parecem pensar que eles podem assumir a totalidade do *Sindicato* ".

Ele balançou a cabeça. "Eu não acredito que o Conselho queira a guerra com o *Sindicato* ".

"Por quê? Porque seu pai está viajando para as fronteiras no próximo mês para negociar com seus líderes? "

Dane encolheu os ombros. Deixando-a interpretar isso como ela quisesse.

Ela sentou-se sem falar, em seguida, disse algo tão baixo que ele quase não conseguiu ouvir. "O que você quer, Dane?"

Ele estava começando a pensar nisso. Ninguém jamais havia erguido uma resposta tão íntima dele sobre sua visão genuína sobre o futuro da *Aliança*. Era a negociação com ela realmente para valer a pena?

Ela deve ter pego a confusão no rosto dele. "Em troca da sua ajuda para Debate ", ela explicou. "O que você quer de mim?"

A dúvida desvaneceu, seu controle afrouxou sobre o pesado livro. "Eu estou cansado de ser pisoteado a cada dia. "Ele sorriu. "Ensine-me a lutar."

Ela pegou o livro e dirigiu-se ao balcão de devolução. Suas pernas ágeis moviam-se a um ritmo veloz. Por um segundo, ele pensou que havia perdido. Então a cabeça dela virou, seus longos cabelos castanhos voaram para a esquerda, e ela atirou um último comentário por cima do ombro. "Eu aceito. Mas você pode se arrepender disso. "

Arrependimento não era a palavra que Dane teria escolhido para descrever a sessão de tutoria na noite seguinte. Humilhação. Essa era a palavra. Suas costas e ombros estavam machucados, o pescoço, a clavícula, a sua coluna, tornozelos, calcanhares, cotovelos, pelo amor de Deus!.

Com um chute certeiro, Aerin o enviou para o chão pela quarta vez. O campo relvado de prática há muito tinha deixada de parecer suave. O que ele estava fazendo de errado? Ele estava equilibrado, preparado, paciente: tudo o que seus instrutores na Base haviam lhe ensinado. Mas toda vez que ele se levantava, ela só lhe dava uma bordoadada novamente.

"Levante-se", ela ordenou.

Ele esforçou-se em posição de abertura.

Aerin dividiu sua perna esquerda. Ele viu isso, moveu-se, e caiu em cima de seu cotovelo direito. *Thwap!* O golpe na cabeça lhe enviou cambaleando.

"Eu disse a você, Dane, a chave para uma luta real é a ofensiva. Se você reage ao meu

movimento, Eu tenho você no chão. Você quer terminar o conflito dentro de dois, talvez três movimentos. Não é um esporte. É sobrevivência. "

Ele levou a palma da mão para longe de sua orelha latejando. O sol estava se pondo no planeta, ao lado do Grande Hall, e Aerin toda dançava diante dele em um borrão confuso.

Ele esperou para eles pararem, antes de ter a ousadia de falar. "Talvez nós poderíamos limitar esta primeira lição para abaixo do pescoço. Eu gostaria de sobreviver. "

O olhar que Aerin deu enviou-lhe uma resposta clara.

"Escuta, você foi o único que disse que queria isso", respondeu ela. "Se você preferir não. .

".

"Eu quero aprender", Dane confirmou.

Ela ergueu uma sobrancelha, avançou para ele, e esboçou um sorriso quando ele recuou para longe. "Eu não vou te machucar."

A orelha dele latejando dizia o contrário.

Suas mãos pousaram nos quadris. "Você tem que treinar seu corpo para ouvir o seu cérebro. Não é como se preparar para uma luta livre ou uma luta de espadas. Com o que você pode praticar padrões de modo que seu corpo irá assumir para você. "

"Meus professores diziam que eu precisava deixar os meus instintos me guiarem."

"Eu não estou dizendo que você deva ignorar os seus instintos, eles irão lhe dar um retorno. Mas a razão para os padrões de trabalho na formação desportiva é porque há limites. Regras ".

"Como não bater acima do pescoço?" Dane esfregou seu ouvido.

"Como não bater acima do pescoço." Ela ficou mais perto da parede, esfregou a mão sobre sua superfície áspera, e tirou um pequeno pedaço de pedra solto. Tinha sido sua idéia praticar nas sombras do Grande Hall a noite.

Ela tinha pensado que iriam chamar menos atenção aqui. "A primeira coisa que um atacante de verdade vai fazer é apontar para uma parte do seu corpo que vai infligir o maior dano."

Um frio rastejou por ele. "Eu não quero aprender a matar alguém", disse ele.

As palavras seguintes dela aumentaram o frio. "Nós não costumamos escolher se alguém vai tentar nos matar." Aerin atirou a pedra contra a parede e viu a pedra cinzenta se quebrar.

"Eu duvido que a Srta. Maya concordaria com seu ponto de vista."

"Então, você a subestima. A *Academia 7* é a escola escolhida para o recrutamento de oficiais militares, não é? Ela quer que os seus alunos mantenham-se vivos. "

Ele supôs que Aerin estava certa. Ele não estava pensando nisso como uma escola de força militar. Não era nada como a Academia da Força Aérea em *Chivalry*, ou a escola de combate que seu irmão cursou em *Marvel 9*. Aqui, os alunos eram ensinados a pensar por si mesmos, não seguir as ordens. Mas só porque a *Academia 7* tinha um amplo foco não significa que o propósito por trás de seu treinamento físico fosse menos grave.

"É por isso que você escolheu vir para cá?" Dane perguntou. "Porque você queria aprender habilidades de sobrevivência? "

Aerin olhou para os restos da pedra quebrada. "Eu vim para aprender como fazer mais do que sobreviver. "Ela deu-lhe um olhar rápido, então ficou em posição de luta.

"Chega por agora", disse ele, recuando.

"Você queria isso." O desafio implícito correu em sua voz.

Ele se abaixou ao chão e rolou de volta na grama macia. Foi legal contra a sua pele suave.

Ela estava inquieta, deslocando seu peso de um pé para outro, como se não soubesse o que fazer sem ter uma tarefa definida. Ela era como um gato selvagem, pensou ele, pronto para atacar ou fugir com uma pitada de perigo, mas incapaz de relaxar. "Sente-se." Ele bateu a palma da mão no chão ao lado dele.

Ela sentou.

Ele inclinou a cabeça para trás e deixou seu peito subir e descer consumindo oxigênio.

O sol deslizava pela borda do horizonte na Academia, o céu verde-mar passou para um turquesa profundo.

Ela não disse nada. Não havia surpresa nisso. Ela estava concentrada tão firmemente que uma palavra desagradável poderia enviá-la correndo na direção oposta, mas ele tinha um intenso desejo de aprender mais sobre ela. Afinal, ele *ainda* estava aqui. Ela era a pessoa que tinha estado insistindo sobre ele ter jogado fora suas chances, então ele poderia muito bem levar o

seu conselho e começar por desvendar o mistério que era Aerin Renning.

"Onde você aprendeu a lutar assim?", Perguntou ele.

Silêncio.

Ele desistiu de sua resposta para esta questão e tentou outra. "Onde você cresceu? "

A cabeça dela virou em sua direção. Tarde demais, ele se lembrou que ela tinha um motivo para manter sua origem em segredo.

Bem, ele já sabia que ela não era um cidadão dos Aliados. "Vamos, Aerin, você praticamente me fez dar uma palestra ontem sobre o que eu acredito. O mínimo que você pode fazer é me dizer algo sobre si mesma. "

Ela balançava para frente em seus joelhos. Por um instante ele pensou que ela estava saindo, mas em vez disso seus dedos cavaram o chão, arrancando um pedaço de grama pela raiz.

"Eu. . . "Ela baixou a cabeça, músculos dos ombros contraídos, e ela inalava uma respiração irregular. Quando ela finalmente falou, sua voz vacilou um pouco acima de um sussurro. "Meu pai era um comerciante independente." *No passado.* "Ele voava com cargas entre os planetas e estações espaciais no setor *Dyan.* "

"Mas nunca na *Aliança*?

Outra respiração, esta menos desigual.

"Não. Ele nunca comercializou por aqui. Ele nem sequer mencionou a *Aliança.*" Sua cabeça veio para cima. "Isso é

estranho."

"Ele necessitava ter ido muito para sua casa se ele voava em uma aeronave. "

"Eu vivia com ele nessa aeronave", Aerin respondeu, lançando a grama arrancada.

"Você perguntou de onde eu era. "

"Você não tem um planeta?" A idéia era surpreendente. Dane rolou no seu estômago e olhou para ela.

"Não que eu me lembre. Nós voamos em torno de uma série de sistemas, mas nunca paramos num planeta por mais de um mês. "

"Você não tem nenhuma outra família?"

"Não."

E seu pai estava morto agora. O pensamento não dito estabelecia-se entre eles, a emoção na sua voz tornando-se óbvia.

Foi Aerin que abordou o assunto. "Eu. . . Eu não falei com ninguém sobre ele desde que ele morreu. "

Dane não sabia como responder a isso. Ele queria saber sobre ela, mas se ouvia os seus problemas, mais cedo ou mais tarde ela iria querer saber sobre os dele. E havia coisas que ele não tinha desejo de compartilhar.

"Não foi tão duro quanto eu pensava que seria, falar sobre ele", disse ela, desmentindo a declaração arrancando mais um punhado de verde.

Dane reprimiu um súbito desejo de acalmar os dedos trêmulos dela com sua mão.

"Como ele era?" Ousou isso no lugar.

"Ele podia ser engraçado", disse ela, "e espontâneo. Ele iria mudar de rumo quando ele foi golpeado. Seus clientes não se importaram com isso, mas ele sempre apaziguava as coisas com eles. Ele poderia ser muito persuasivo, às vezes. "Ela sorriu, em seguida, seu rosto caiu."Outras vezes, ele ficava sentado em silêncio por longos períodos, e não respondia nada."

"E sobre a escola?" Dane perguntou, na esperança de distraí-la de qualquer nova tristeza que tivesse encoberto seus pensamentos.

"Meu pai me ensinou: física, matemática avançada—ele gostava de ler. Ele dizia: leitura é a salvação da alma. "

"E como lutar?"

Ela encolheu os ombros.

Dane se perguntou como um negociante solitário, à margem da sociedade ganhou bastante formação educacional para prepará-la para o *E.A.A.* "Seu pai deve ter ido à escola mesmo, então. "

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir
a um novo nível."***

eLivros.love

Converted by [convertEPub](#)

"Talvez."

Talvez? Crescendo com apenas uma pessoa em sua vida, lhe faltava uma peça bastante

importante de informação. Por que esse homem teria criado uma filha com ele em uma aeronave de comércio mais freqüentemente do que em um território não-perigoso?

As questões giravam.

Dane não perguntou-lhe, porém, porque Aerin escolheu aquele momento para virar o jogo. "E o seu pai?"

E esse foi o fim da conversa.

Capítulo 12: Toque de Pedra

Aerin lembrava freqüentemente ao longo dos próximos dois meses que Dane era irritante: a maneira como ele perfurava seus pequenos pontos no argumento, em seguida, virava a *moeda* e discutia contra o seu lado na sala de aula, a maneira como ele se recusava a usar algumas aberturas em Combate, alegando que fazer isso ia contra o seu senso de conduta moral, a maneira como ele conseguia deixar os comentários sarcásticos dos outros sobre ele como se eles não significassem nada.

Se Aerin tivesse sido solicitada, ao final de seu segundo trimestre, para descrever Dane, a primeira palavra que ela teria usado seria *enlouquecedor*. Ela também teria acrescentado *teimoso*, *inteligente* e, para sua surpresa, *engraçado*. Seu senso de humor, expressado com ironia, fez ela

levar um tempo para apreciar, mas também era francamente honesto, e, no início da estação chuvosa da Academia, ela se viu olhando para a frente às suas opiniões sem rodeios sobre cada tópico desde rotas de vôo até a filosofia de *Ausyan*.

Não houve pedestais no mundo de Dane. Nem vasos de cristal para serem tratados com supremo cuidado. Nem heróis. Mas havia uma constante vontade de tirar um tópico, testá-

lo, agitá-lo à parte, misturar as peças, e testá-las novamente.

Talvez por isso ele passa o tempo comigo, Aerin encontrou-se pensando em uma tarde quando ela subia as escadas irregulares do Grande Hall a caminho de se apresentar para o trabalho.

Porque eu não tenho minha mente formada sobre esta parte do universo.

O interesse de Dane nela era desconcertante. Entre trabalho em equipe e sessões de tutoria, ele passava de quatro a cinco horas com ela todos os dias depois das aulas. E ela não era a única que achava a sua atenção para ela insondável. Mais de uma vez ela tinha notado os olhos negros de Yvonne fixos em Dane enquanto ele estava ajudando Aerin a preparar um argumento na biblioteca. Ou sentado com ela durante as refeições. Ela ficou esperando que ele perdesse o interesse e voltasse sua atenção para a linda Entera, mas—

"Onde ele está?" Xioxang repentinamente saiu de sua sala de aula, cortando sua corrente de pensamentos. Suas vestes vermelhas arrastando atrás dele, e as dobras de sua capa sombreando rosto.

Aerin defendeu Dane. "Ele está ajudando a Srta. Maya a guardar os suprimentos no extremo sul. Ele estará aqui em poucos minutos. "

"Então você pode dizer que ele não se apresente para trabalhar hoje". Xioxang ergueu a cabeça com um movimento brusco.

"A Srta. Maya pediu-lhe ajuda, e ele não está muito atrasado. Eu não vejo— "

"A Dra. Livinski optou por terminar as suas detenções." O professor empurrou para trás seu capuz, os olhos dourados brilhando para ela. "Boa tarde, Srta. Renning".

A mandíbula de Aerin caiu. Ela tentou balbuciar uma resposta, mas quando ela havia ganhado o controle de sua língua, Xioxang já entrava de volta na sala e fechava a porta.

Livre do trabalho em equipe! Aerin deu a volta e correu para fora do Grande Hall. Suas botas

martelavam suas passadas e sossegaram enquanto ela ia atravessando o campo encoberto em névoa. Ela deslizou uma vez no gramado escorregadio, mas continuou correndo.

Pow! A explosão fez ela parar como um lenço pendurado em seu pescoço com a intenção de matar. Ela olhou para cima.

Para o olhar venenoso de Yvonne Entera. A menina mais velha, o queixo levantado em linha reta, estava a menos de dez pés de distância, seus pés doze polegadas de distância, ombros elevados, peito reto. Em sua mão

estava escondida a alça dourada de um laser, a arma apontada para Aerin.

A mente Aerin implodiu, quebrando-se em fraturas de pensamento e sentimentos.

"Realmente," zombou Yvonne, deslocando o laser em direção a um alvo próximo parcialmente escondido pela névoa. "Correr em uma zona de fogo é uma forma bastante dramática de evitar o trabalho." *Pow!* O fogo perfurou sua marca. "Você não acha?"

"Eu. . . Eu estou liberada da detenção ", Aerin falou às pressas.

"Então por que você está com tanta pressa de morrer?" O cano da arma voltou em sua direção.

Um caroço entupia sua garganta. *Não deixe que ela paralise você*, ela ordenou-se, dando um passo a frente. Em direção à arma. "Eu estou indo encontrar alguém."

Yvonne deu uma olhada de relance para um punhado de aluno das classes superiores ocultos na bruma. "Eu não suponho que qualquer um de nós possa descobrir quem é."

Houve uma esguichada de risos.

Membros tensos, Aerin se forçou a dar outro passo.

"Talvez eu devesse escrever para seus pais", a outra menina continuou. "Avisá-los sobre o tipo de pessoas que você passa o tempo."

Outro passo.

Yvonne piscou seus espessos cílios. "Mas, então, seus pais devem ter sido muito ocupados para lhe ensinar a combater o estresse com uma coisa pequena como discrição. "

Mantenha-se caminhando

Os olhos pretos se estreitaram. "Ele está apenas te usando, você sabe. Não pense que ele é realmente seu *amigo*. "

O termo paralisou Aerin fria. *Amigo?* Ela não tinha certeza de que ela sabia o que aquilo significava. Seria possível que Dane o fosse? Ele não era como os amigos de Yvonne, sempre pendurado em volta, implorando por atenção. Mas ela gostava de sua companhia.

Ela poderia fazer-lhe perguntas e esperar uma opinião honesta. Isso era amizade?

Que estranho. Ela não tinha invejado as outras amizades dela, seu conforto e confiança uns nos outros? E agora?

Agora era Yvonne Entera que inveja a minha. O pensamento trouxe um sorriso nos lábios e Aerin se levou novamente em movimento à frente. Dando um último passo, a mão de Aerin se fechou em torno do laser no punho de Yvonne, dando-lhe um torção aguda. . .

E arrancou a arma fora.

O episódio voltou para assombrá-la na manhã seguinte, na refeitório.

" Yvonne Entera te ameaçou?" As palavras de Dane vieram por trás de Aerin.

Ela virou sua cabeça ao redor para vê-lo pairando sobre ela, sua bandeja cheia equilibrada precariamente em uma das mãos. Havia algo em seu rosto, quase—

"Responda-me." Ele deu dois passos ao redor da borda da mesa, e a bandeja caiu com um baque.

"Sim." É claro que Yvonne tinha ameaçado ela. A verdadeira questão era o que tinha trazido a esta reação surpreendente em seu rosto. O Dane que ela conhecia não ficava chateado. Ele sempre era controlado.

"Você denunciou ela?" ele exigiu, ainda de pé.

Aerin revirou seu alimento, em seguida, levantou uma pêra dourada para fora de seu prato.

"Você honestamente não espera que eu responda isso com você olhando para mim, não é?" O poder daqueles olhos castanhos era estranhamente perturbador.

A pêra desapareceu. Como no espaço-tempo contínuo ele havia conseguido isso? Seus reflexos estavam ficando enferrujados.

"Maldição, Aerin me responda."

Suas costas se endireitaram. "Se você pensa que um palavrão vai ajudar, você bem que poderia estacionar sua bandeja em outro lugar. "

Cor passou pela face dele: roxo.

Ela estava se lembrando agora, o que ele tinha dito, quando ela lhe perguntou porque ele havia invadido o laboratório de tecnologia, algo sobre fazer escolhas erradas, quando ele estava irritado. Essa resposta não

pareceu tão evasiva quanto antes. Seu dedo estava formando um buraco no lado da pêra dela.

"Dane, se você realmente quer falar sobre isso, vamos falar, mas pare de me olhar fixo.

Você está pior do que Xioxang ".

O roxo desbotou ligeiramente. "O boato é que Yvonne apontou um laser para você ontem ".

"Hmm". Aerin estendeu a palma da mão, esperando a pêra roubada. Ela voltou para a sua posse.

Ele sentou-se lentamente. "O que ela estava fazendo apontando uma arma pra você?"

"Me ameaçando".

"Ela pode ser expulsa por isso."

Aerin franziu a testa. "Não se atreva a mencionar—"

"Primeiro- anistas não são sequer autorizados a se aproximar dos lasers. Ela nunca deveria ter—"

"Dane!" Aerin assobiou baixinho. "Caso você não tenha notado, eu não estou exatamente seguindo as regras mesmo."

"Você não pode guardar segredos como este."

"Por que não?" O que ela disse em seguida, ela nunca deveria ter dito. Ela sabia melhor. No relacionamento deles havia uma parede. Ela respeitava isso. Ambos respeitavam. Mas ele estava quebrando em volta. "Não é como se você nunca compartilhasse nada que você não quisesse!"

O roxo queimava seu rosto. E ela não se atreveu a esperar a explosão. Seu corpo mudou— levantou, em volta da mesa e pelo chão. Ela deixou a bandeja com os seus restos para trás. As mãos dela bateram nas portas de saída, e seus pés bateram no caminho.

A meio caminho para o jardim, o déjà vu bateu nela. *Não. Absolutamente não. Eu não estou fugindo.*

A visão daquelas protetoras árvores lembrou-a que ela vinha fugindo desde que ela deixou *Vizhan*. Isso tinha que parar. Dane não era o inimigo. Ela havia passado tempo suficiente

com ele para saber muito. Foi quando ela aprendeu o significado da amizade.

Ele sabia que ela deveria estar devagar, ou teria sido muito mais difícil ele recuperar o atraso com ela a caminho do jardim.

"Escute, eu sinto muito", disse Dane, em seguida, amaldiçoou-se, lembrando o quão mal essas palavras tinham causado no passado. "Eu não gosto de ver meus amigos em perigo." Era um eufemismo. Quando ele tinha ouvido sobre a ameaça em sua direção, apenas minutos e horas após o fato, o seu sangue ferver em suas veias, e ele tinha sido incapaz de fazer qualquer coisa exceto a explodir na pessoa que menos merecia.

Mas ela não tinha contado a ele sobre o perigo. Era assustador o quanto isso o assustava.

"Você não precisa pedir desculpas", ela sussurrou, abraçando-se e dando um sorriso. "Eu. .

. Eu acho que não sou muito boa nisso ainda." Ela esfregou os braços, em seguida, virou-se e começou a andar pelo jardim.

Ele cortou o passo ao lado dela. "Em quê?"

"Amizade". Ela corou.

Ocorreu-lhe agora que a sua falha em descobrir sobre as ameaças dela poderiam ser culpa dele. Ele foi muito cuidadoso para não perguntar se ela tinha algum problema. Ele estava tão firmemente fechado em seu escudo de defesa, que ele não podia ver o que ela tinha enfrentado?

Eles caminharam em silêncio por vários minutos. Então Aerin abaixou sob um enorme ramo de cedro e saiu do caminho. Ela escolheu seu caminho por entre as árvores retorcidas e arbustos coberto com um propósito. Dane a seguiu.

Onde ela estava indo? Seus olhos pulando da parte de trás do colarinho amassado dela para onde os pés dela estavam fixando. Talvez ela não fosse uma beleza clássica, mas havia algo sobre a maneira como ela se movimentava. Como se ela fosse única em seu ambiente.

Ela se agachava e revirava o seu corpo através das árvores, sem tocá-las, as mãos e os punhos se curvando como em uma dança. Como ele poderia ter sempre pensado nela como simples?

No momento em que ele avistou o padrão de pedras vermelhas em meio à terra musgosa, ele tinha perdido a noção de onde estava. Algum dia, talvez a cinquenta anos atrás, isto tivesse sido uma trilha verdadeira.

Uma luz brilhava através do carvalho e do cedro, capturando sua atenção. Quando ele se aproximou, a luz se expandiu, em seguida, mudou, e ele viu que não era uma luz em tudo, mas a ausência de cor. Um enorme círculo branco em torno de uma fonte de pedra. Ela

tinha vindo aqui antes, ele pensou, e por alguma razão, ela tinha escolhido compartilhar isso com ele.

Aerin entrou no círculo. Quase imediatamente seus ombros caíram, a tensão cobria seu rosto. "A ameaça de Yvonne," ela exalava, "Eu não queria esconder isso de você. Eu só. .

. Eu lidei com isso." Ela esfregava seus dedos.

Tardiamente, ele percebeu que ela tinha deixado o casaco para trás. Apesar da neblina haver diminuído, ela ainda mordida o ar, especialmente com o spray da fonte ventando em direção a eles. Ele encolheu os ombros para fora do casaco, o revestimento suave deslizou facilmente, apesar do exterior de couro. "O que significou aquilo?"

"Eu tomei o laser dela e coloquei de volta na prateleira."

Como se isso fosse resolver alguma coisa.

Ela inclinou a cabeça para ele, e ele tinha a sensação estranha de que ela poderia varrer seus pensamentos interiores, testemunhar o terror que se apoderava da garganta dele quando pensava nela em perigo. "Eu prometo te dizer", disse ela, "se Yvonne apontar uma arma para mim."

"Ou se ela ameaçar você", disse ele com firmeza.

Houve uma pausa, e Dane estendeu seu casaco.

Ela hesitou, depois deslizou os braços para as mangas forradas.

Ele dobrou seus próprios braços em torno dela, puxando os lados do casaco sobre seu peito.

E ela tomou distância. Como um animal ferido no seu interior, mas disposto a lutar. "Ouça, Dane, eu não posso me dar ao luxo de ser objeto de um inquérito. Eu não tenho outro lugar para ir. Eu não sei nem onde me enfiar no par de semanas do Natal. Eu não vou arriscar o meu lugar aqui apenas para punir Yvonne Entera. "A expressão no rosto dela era tão determinada como Dane nunca tinha visto.

Ele estava prestes a discutir, mas as palavras que saíram da sua boca foram totalmente não planejadas. "Você pode vir comigo. . . para o Natal. "

Ela olhou para ele.

Os olhos dele caíram, e ele chutou um cipó que estava tentando invadir a calçada.

"V-você está me convidando para ir a sua casa?" A voz dela tremia por dentro.

Dane tentou afastar as imagens de *Chivalry* no inverno: a neve, as florestas de um verde profundo, as cascatas congeladas. Elas eram irrelevantes, ele disse a si mesmo. Ele tinha que

ser louco para pensar em levá-la lá. "Você não tem que vir se você não quiser", ele tropeçou em sua oferta. Ele estava louco? Ele tinha que voltar com isso agora.

"Sua família", ela perguntou. "Vai estar lá?"

"Meu irmão, talvez", admitiu relutantemente, tanto para ela quanto para si mesmo. Ele chutou novamente a vinha. "Meu pai ainda está negociando com o *Sindicato*." *Felizmente*.

Ela corou e disse: "Eu gostaria muito de ir."

O ataque na *vinha* cessou. "Você iria?"

Seu riso brotou, o som ressaltava pelo pavimento branco. Assustando ele. Ele não tinha ouvido ela antes sorrir. Era como a fonte, subindo ousada do misterioso emaranhado para uma exibição brilhante.

"Isso é uma surpresa?", Perguntou ela. "Você achou que eu poderia preferir me esconder em um beco em algum lugar?"

Ele não tinha pensado. O pensamento havia ficado isento de toda a proposta. Havia cerca de cinqüenta razões para as quais ele não deveria levá-la a *Chivalry* com ele. Mas, em face daquele riso, bem, nenhuma delas importava.

Capítulo 13: As Cataratas de *Chivalry*

O fim do período escolar chegou para Dane como o grito de uma grande coruja arrebatando-o antes que ele tivesse uma chance de escapar. Não que ele não tivesse pensado nisso. Ele tinha pensado e repensado seus planos para levar Aerin a *Chivalry*, mas recuar agora significaria deixá-la para trás, e ele não podia fazer isso.

Ela tinha mudado. Era como se o convite tivesse desbloqueado algo dentro dela.

A pessoa prudente que ele estava acostumado a encontrar nas sombras tinha estourado em cores. Ela estava rindo e conversando e discutindo com ele à vista de todos. Ele nunca tinha visto seu olhar descontraído. Suas bochechas estavam vermelhas, e seus olhos castanhos brilhavam. Ela acenava para ele pelos corredores, andava com ele para as refeições, e esperava por ele depois da aula. Ela até sorriu para ele quando ele a derrotou pela primeira vez em combate físico, bem no meio do prazo para o exame.

Dane se perguntava se ela já tinha olhado qualquer coisa, tanto quanto esta viagem à *Chivalry*.

Ele desejava que *ele* pudesse olhar assim para isso.

O medo pulsava logo abaixo de sua pele.

Não até ele e Aerin passarem em seus exames, saírem dos quartos do dormitório, e caminharem para o hangar que ele sentiu o primeiro vislumbre de antecipação. Orgulho o lavou com a visão do *Gold Dust*. Ele passou a mão sobre a aeronave, em seguida, abriu a porta para mostrar a Aerin os assentos de couro preto, o painel de controle de sistema múltiplo, e o compartimento para dormir de seis pés. "Ela é um I-36", disse ele, e quebrou em um sorriso. "Manobra como um relâmpago."

Ele podia ouvir sua voz começar a falar sem parar: a flexibilidade da função das asas, a potência dos propulsores, o transporte da luz. *Cale a boca*, ele tentou dizer a si mesmo. *Ela não se importa*.

Mas o queixo dela caiu, como também sua única bagagem.

Ele guardou a bagagem e ofereceu-lhe uma mão para ela subir, em seguida, pulou para o assento do piloto, ansioso para tocar nos controles. As mãos dele deslizaram sobre o dispositivo de condução, e ele respirava o cheiro do *cockpit*. *O vôo iminente*. Ele não tinha percebido o quanto ele tinha sentido falta disso.

Mais uma respiração, então ele colocou o cinto, fez uma rápida verificação para garantir se ela estava segura, e bateu os controles. Uma dúzia de painéis iluminados, e um suave

zumbido veio do motor. Ele ligou o rádio. "Madousin solicitando autorização para a decolagem."

"Autorização concedida."

Sua mão apertou o acelerador, e *empurrou! Gold Dust* fez uma subida quase vertical.

A aeronave balançava na turbulência, em seguida, atravessou a atmosfera. Um assvio estridente saiu dos dentes de Dane.

E ele estava mais uma vez no espaço aberto. Como ele tinha saudades disto.

Aerin não disse nada por alguns minutos. Talvez ela estivesse ainda mais emocionada do que ele. Ele não tinha pensado sobre o que deveria ser para ela, todos estes meses em um planeta depois de ter crescido na liberdade do espaço.

"Há quanto tempo você tem voado?", Ela finalmente perguntou.

"Desde que eu tinha doze anos." Ele deixou fora o fato, certo de que ela não se importaria, que ele pegou pela primeira vez numa direção quando ele tinha quatro anos.

"E quem te ensinou a voar?"

"Pete. Ele era um mecânico antes na Base. Eu sempre o conheci. "

"Mas não foi seu pai que quebrou todos os tipos de recordes de vôo? "A voz dela sumiu.

Por que ele não me ensinou? Essa era a pergunta real. Dane sentiu sua mandíbula apertar, e

instintivamente ele deu ao motor maior potência. O sinal de alerta começou a zumbir.

Estúpido piloto automático. Ele desligou-o, usando este rompimento como uma desculpa para

não responder a pergunta dela. A aeronave se lançou em uma velocidade maior, balançando por alguns momentos e, em seguida suavizando.

A tensão pairava no *cockpit*. "Eu posso ver que o seu instrutor não se impressionava com a importância dos limites de velocidade". A voz de Aerin tremia.

"Oh, bem, Pete não é muito impressionante." Dane olhou para ela, notou a falta de cor no seu rosto e, lentamente, diminuiu a força. "Diga-me o que você sabe sobre *Chivalry*", disse ele, tentando distraí-la de seu erro de julgamento.

Ela deu um gemido fraco. "Eu pensei que Eu estaria cuspiendo fatos após o período de exames. "

"Não me diga que você não fez a sua investigação", ele brincou.

Ela virou para baixo o visor de estrela, uma pitada de cor voltou ao seu rosto. "É um planeta verde. A vegetação é toda natural, diferentemente da maioria das da Academia".

"Então o que a Academia e *Chivalry* têm em comum?"

"Eles são ambos planetas do círculo de vida. "

"O que significa?"

"O ar é respirável." Seu tom de pele tinha retornado ao normal. "Você sabe, Dane, eu acho que você está levando esta parceria de estudo muito a sério. "

Ele empurrou o visor de volta. "E por que os planetas do círculo de vida são importantes?"

"São dez planetas centrais com condições naturais para sustentar a vida. A *Aliança* foi construída ao redor deles. "

"Nada mau." Ele estalou a língua nos dentes da frente. "E o papel principal de *Chivalry* na *Aliança*. . . ? "

"É a base central para os militares." Ela chegou no visor novamente, então se voltou contra ele quando ele tentou parar sua mão. "Chega Dane. Eu sei o que os livros dizem. Diga-me o que você gosta realmente em sua casa. "

"É uma Base militar, Aerin" —ele cuspiu as palavras —"não uma casa ".

Ela mordeu o lábio.

E ele desejou que ele não tivesse estourado. Ele não deveria permitir que seu próprio humor estragasse as expectativas dela. Não havia nenhuma razão para ela não poder desfrutar suas férias. Ou toda a viagem, com esse assunto. Se ele compartilhasse com ela, bem, se ele compartilhasse com ela o que havia em *Chivalry* para amar.

"Sabe o que", disse ele, sua voz amoleceu quando uma esfera verde familiar apareceu na tela de exibição. "Eu não vou falar sobre *Chivalry*, eu vou mostrá-la a você."

Linda, Aerin pensou quando a esfera verde cresceu cada vez maior, cada vez mais perto.

Ela tinha lido que a base militar com a sua cidade ao redor pegava apenas uma fração da superfície do planeta, sendo o restante preservado como área natural, mas vindo de um planeta super lotado como *Vizhan*, tinha sido difícil para ela acreditar em tal coisa.

A realidade bateu nela, embora, o *Gold Dust* ainda rasgasse através da atmosfera, e varresse a nave em um arco ao longo de um grande emaranhado de folhas, agulhas e galhos. Tons de verde, profundo e leve, cintilavam abaixo, quebrados aqui e ali por ramos estéreis e o brilho da prata. A aeronave diminuiu, e ela pôde ver que a prata era uma sombra natural de casca de árvores, brilhando contra os marrons escuros e vermelhos que enchiam o tom interior da floresta.

"Quase vale a pena", ela ouviu Dane sussurrar sob sua respiração. Então, ele levantou a sua voz. "Bem, o que você acha? Melhor do que um livro? "

Ela lutava por uma resposta e resolveu pela verdade. "Além das palavras".

O *Gold Dust* tocava de leve acima das copas das árvores, curvando-se para o sul enquanto Aerin olhava para fora da janela. Um lago azul profundo brilhava debaixo dela, as águas se estendiam em um crescente perfeito. Mesmo a floresta começou a brilhar quando eles sobrevoaram uma seção onde cristais brancos revestiam os ramos.

Gelo, ela percebeu. Eles tinham geada aqui. . . e neve— Neve e as montanhas, florestas e

lagos. Como Dane poderia ter deixado isso? Como ele poderia ir? Para trocar esta beleza pelos sufocantes muros da *Academia 7*. Mesmo o próprio Espaço perdia em poder em face deste cenário. A aeronave estava subindo agora, escalando a superfície de um impressionante declive branco.

"Você está pronta para isso?" Dane perguntou, brincando com os controles.

"Para quê?" um arrepio passou por sua pele.

"Esta é a *Cordilheira Chivalry*. As cataratas estão do outro lado. "

Cataratas?

"Segure-se".

Eles ainda estavam subindo.

E então eles não estavam. A terra se espalhou abaixo deles, a aeronave caiu e com isso mais de mil pés. Dane virou *Gold Dust*, e eles estavam navegando para baixo

em um ângulo agudo, a falésia recortada passou voando. Aerin apertou as mãos em seus braços e abriu a boca num grito silencioso. *Eu vou morrer!*

Mas então ela viu a primeira cachoeira, um filete congelado, gelo azul fazendo seu caminho através do penhasco, em seguida, um outro, e outro com o avião tranqüilo numa curva—

uma centena de cachoeiras congeladas brilhantes, traçaram, e fizeram seu caminho ao longo da superfície vertical. A beleza rompeu o pânico dela. Ela soltou o aperto mortal de suas mãos.

Dane olhou do caminho para ela, dando outro sorriso. "Eu disse para segurar."

E o avião caiu novamente, desta vez uma queda absoluta de cerca de cem pés, em seguida, mergulhou para a frente sob a visão mais espetacular que ela já tinha visto, o precipício de um lado, um arco congelado de gelo sobre o outro, um túnel de cristal. Dez pés, vinte pés.

Cinquenta. Manchas de luz e escuridão corriam sobre a aeronave, e ela passou de cegueira à visão um milhão de vezes nos últimos segundos que levaram para chegar ao outro lado.

Então *Gold Dust* subiu antes da borda do penhasco suavemente ondulando ao redor e deslizando ao longo das quedas congeladas, ela tinha acabado de voar baixo. O exterior brilhava, uma escultura, maciça natural. Sua respiração subia e descia com a luz brilhante, e ela não conseguia falar. O que havia a dizer?

A aeronave seguiu seu caminho adiante, deslizando por um profundo riacho congelado na base do penhasco.

Então, depois de estabilizar *Gold Dust* sobre uma pequena e circular plataforma de desembarque, Dane desligou a alimentação. Por minutos, talvez horas, sentaram-se ali, os olhos de Aerin estavam segurando firmemente à vista.

O coração dela trovejava no peito. Como alguém poderia testemunhar essa visão e não mudar? E o que ela tinha a dizer sobre o jovem ao seu lado, que ele poderia vir de tal lugar e tinha escolhido compartilhar isso com ela?

Uma golfada de ar frio acordou-a para o fato de que Dane tinha ido para fora da aeronave.

"Vamos lá", disse ele, gesticulando para ela sair do avião e segui-lo em direção a um pequeno prédio octogonal na borda da plataforma de pouso.

Ela abriu a própria porta e colocou um pé hesitante para baixo sobre a camada de neve. Para sua surpresa, a brancura rompeu sob sua bota como nada. O frio passava através de sua jaqueta de couro como se ela fosse feita de algodão. Ela trouxe para baixo seu outro pé e correu após Dane, menos preocupada sobre onde ele a estava levando para escapar do frio.

CENTRO DE VISITAÇÃO DE CHIVALRY lia-se em letras pretas na porte de vidro do edifício, o ar quente a abraçou enquanto ela entrava. Um homem de colarinho engomado veio para a frente como se para cumprimentá-los, mas Dane mandou-o embora, dirigindo-se ao lugar na direção de um stand da bebida. "Chocolate quente", disse ao jovem atrás do balcão, "Um simples. Um. . ." "Olhou para Aerin.

"Com caramelo", respondeu ela.

O garçom piscou para ela e correu para servi-los.
"Gulosa?", Ele brincou.

Ela corou, mas aceitou a caneca quente em suas mãos. O chocolate deslizou para baixo de sua garganta em um rico êxtase, e por um momento ela era uma criança novamente, saboreando o amor de seu pai.

Dane esperou apenas o tempo suficiente para ela tomar só esse gole antes de guiá-la através de uma abertura entre um par de telas pintadas.

Ela atravessou o espaço. E congelou.

As oito paredes e o teto do edifício estavam longe de serem vistos. Pelo contrário, o interminável precipício da *Cordilheira Chivalry* levantava-se diante deles, e não como tinha sido momentos antes, mas como ela poderia ser durante a primavera.

Um falcão deslizava para baixo, as pontas das suas asas quase tocando o cabelo de Aerin. Ela colocou a mão em direção a ele, e o pássaro circulou.

Em seguida, passou através de seus dedos.

Afastou-se, piscando, sua mão para frente e para trás inspecionando.

Dane riu. "É uma simulação, criada por computador." Ele se adiantou, mergulhou a mão na água na base da falésia, e voltou com a palma seca. "Isto tem uma forma sólida e tridimensional, mas não—"

"Substância". Ela forneceu a resposta, olhando mais uma vez para sua própria mão.

"Exatamente. Sem calor, sem vento, sem frio ".

Ela tomou outro gole do chocolate. "Então, é como um filme em três dimensões?

"Não é bem assim." Dane levou-a para a borda da Catarata central, onde pedaços surreais de spray aspergiam sobre seu rosto e suas mãos. "Um simulador pode responder a perguntas e recriar o passado, sem ter estado lá. "

"Você quer dizer que eu poderia perguntar como é que as Cataratas foram feitas primeiramente, e isso poderia me mostrar?"

"Sim".

"Isto é—"

"Genial", uma mulher alta com um terninho verde floresta adiantou-se. O crachá que designava-a como uma guia da história natural estava sob sua lapela.

"Vinte anos atrás, o Conselho considerou colonizar o resto de *Chivalry*, mas uma jovem senhora interpôs eles aqui para ver sua nova invenção. Ela convenceu-os a proteger as

imagens que viram no simulador. Desde então, mais de trezentos mil novos lugares foram adicionados à lista de locais protegidos em toda a *Aliança*. "

Aerin levantou a cabeça dela. "Se um simulador pode responder a perguntas e reproduzir o passado, porque não temos um na escola?"

"Isso não pode ser re-criado." Ambos Dane e a guia falaram de uma vez.

A mulher virou-se para enfrentá-lo pela primeira vez, depois parou, olhando.

Aerin suspirou. Como Dane poderia lançar-se desse jeito em toda parte? "O que você quer dizer que não pode ser re-criado", ela insistiu.

A guia não falou, mas Dane respondeu: "Os planos não puderam ser encontrados. . . após a morte da Projetista."
"

"Mas é um computador", disse Aerin. "Os planos não estão armazenados no banco de dados?"

Novamente foi Dane que respondeu. "Talvez, mas ninguém conseguiu recuperá-los."

"Posso ver o painel de controle?" A questão saiu de sua boca sem um pensamento consciente. *Não seja tola. Esta mulher nunca iria deixá-la—*

Mas a guia ainda estava assistindo Dane, como se a decisão fosse dele.

O queixo dele assentiu ligeiramente.

"Por aqui, Srta.", a mulher falou, finalmente.

Aerin não discutiu. Ela seguiu a orientação e Dane voltou para as telas pintadas, em seguida, sob uma cortina preta em uma pequena alcova, onde, para surpresa de Aerin, a mulher recuou e deixou cair a cortina, deixando Dane e Aerin sozinhos com o simulador.

"Vá em frente", disse ele. "Veja se você pode entrar no banco de dados."

Ela franziu a testa, querendo perguntar o que estava acontecendo. Mas não muito disposta a arriscar esta chance. As mãos dela saltaram para o teclado, digitando o código de entrada dos Aliados, e assistindo. A máquina permitiu que ela entrasse, nem mesmo pediu uma senha, mas ela logo viu que não havia necessidade de tal tática.

Ela havia atingido apenas uma camada superficial de controle. A partir deste ponto do computador, ela poderia ver as imagens, fazer perguntas, ou alterar configurações. Mas a sua capacidade terminou. Toda vez que ela tentava aprofundar, uma cor dourada escura piscava na tela, forçando-a de volta. "É blindado", disse ela, virando o olhar novamente para Dane.

"Sim", respondeu ele, como se já soubesse. "Você pode quebrar isso?"

Ela inclinou a cabeça para ele. "Esse não é o ponto."

"Não é?"

"Não. Se a Projetista optou por colocar escudos, ela deve ter tido suas razões. "

Aerin poderia dizer pelo jeito que ele apertou seu queixo que ele não se importava.

"Dane, você conheceu essa mulher que inventou o simulador?"

"Não." A resposta foi cortada e completamente inadequada.

Dane se tornava quente, depois frio. Ela sabia disso. O que ela não sabia era a revelação surpreendente das últimas horas. Como poderia uma pessoa que ela conhecia, com seu sarcasmo quase constante e visão pessimista da realidade, vir de um lugar de tanta beleza?

E ele sentia essa beleza. Ela tinha visto o olhar em seus olhos, olhando para as cataratas congeladas e suas réplicas brilhantes no simulador. Ela não sabia que ele poderia sentir isso profundamente. Mas ele tinha lhe permitido ver.

E agora ele estava escondendo algo.

Frustrada, Aerin deixou sua atenção derivar de volta para o painel de controle. Então seus olhos pegaram um nome, esculpido em placa de metal acima da tela. Ela olhou mais perto, a raiva borbulhando na sua língua. "Projetado por E. Madousin", ela leu alto, então ligou a Dane. "O que significa o E?"

"Emma", ele respondeu, sua voz baixa. Então rachou. "Minha mãe".

Dane soltou a cortina atrás dele e se dirigiu cegamente para fora do Centro de visitação. Se ele tivesse perdido sua mente, trazendo Aerin aqui e arrastando-a para esta bagunça? *Isto não é uma bagunça*, seu cérebro argumentou. Como poderia a sua memória de sua mãe ser uma

bagunça? Ele não tinha nenhuma memória dela. Ela estava morta, tinha estado sempre morta, tanto quanto ele estava preocupado. A morte não pode ser confusa. A vida que era. E

a emoção.

Razão pela qual ele não deveria ter vindo aqui. Ele sabia melhor, ter mais conhecimento por muitos anos do que colocar-se na sala com a simulação do magnífico precipício das cataratas. Era como cair numa única coisa real sem uma aeronave.

O som de botas triturando o gelo diziam que Aerin o tinha seguido.

Ela não falou, pelo menos não até que tivesse embarcado no avião e mais uma vez que retiraram. Ele estava agradecido pelo seu silêncio e ingrato também. Havia algo sobre ela, algo que o fez querer tomar medidas que ele sabia que não deveria.

Ela salvou-o de seus pensamentos. "Sinto muito—"

"Não". O que ela tinha para pedir desculpas?

"Eu não sabia sobre sua mãe," ela continuou. "Acho que todo mundo sabe."

"Não importa o que as pessoas saibam", respondeu ele, mantendo os olhos firmemente na tela. As densas florestas foram desaparecendo, quebradas pelos primeiros edifícios espalhados. "Eles não sabiam dela. Eu não a conheço. "

"Você sabe quem ela era. Isso é algo. "

Não muito.

Os edifícios começaram a se aglomerar na borda exterior da cidade, e Dane verificou o medidor de velocidade. Ele estava bem abaixo do limite. *Você pensaria que eu estaria com pressa de acabar com essa conversa.*

As próximas palavras de Aerin o surpreendeu, não a declaração em si, mas o fato de que ela a compartilhou. "Eu nunca soube nada sobre minha mãe".

Ele suspeitava que se houvesse alguém que sabia menos sobre seu próprio passado esse alguém seria Aerin. Talvez esse fosse o motivo real que ele se sentia atraído por ela. Seu passado era ainda mais um buraco negro do que o dele.

"Meu pai nunca falou sobre ela", ela disse. "Lembro-me de perguntar-lhe uma vez. O olhar que ele me deu—não foi feliz, ou triste. Era mais como se ele não pudesse me alcançar. Eu nunca perguntei de novo." O tom da voz de Aerin fez Dane se perguntar se ela não lamentava a escolha de não pressionar seu pai por uma resposta, agora que ela nunca poderia. "Eu costumava imaginar que ele estava pensando sobre ela, quando ele ficava calmo e parava de falar por longos períodos de tempo. Isso pode parecer bobagem— "

"Não." Dane parou o fluxo de palavras. Ela não tinha que explicar isso a ele.

"Seu pai não fala sobre sua mãe? ", perguntou ela.

Não comigo.

"Ela deve ter sido incrível", Aerin sussurrou, "para construir uma máquina como aquela."

Dane fechou os olhos. Por um momento, a cidade desapareceu debaixo dele, e ele podia ver o falcão subindo novamente ao lado do penhasco e ouvir a água derramando sobre as rochas. Ele tinha dados suficientes sobre sua mãe, tinha lido sobre ela. Ela era uma debutante rica de algum planeta, tinha assistido a

Academia 7, casou-se com o seu pai depois da escola, e até foi convidada a participar do Conselho. Ela rejeitou a oferta e morreu jovem.

Mas nada disso, nada disso lhe dizia qualquer coisa. A simulação do penhasco com a sua beleza impenetrável era tudo o que ele sabia sobre ela.

Ele abriu os olhos para a dura realidade da Base militar se alongando abaixo dele. Seu asfalto preto brilhante reluzia como geadas. Suas vísceras tiveram uma súbita vontade de voltar com o avião, mas Dane abriu caminho além do desejo e varreu *Gold Dust* em uma queda brusca.

Mais uma vez, as mãos Aerin moldaram os braços da cadeira. "Você não deveria comunicar seu desejo de pousar? "

Ele balançou a cabeça. "O Controle sabe que eu estou chegando."

E *Gold Dust* deslizou para um pouso abrupto. Ele desligou o avião e removeu o cinto em seu peito. "Eles estavam atrás de mim desde que entrei na atmosfera."

"Atrás de você?"

"Aerin, este é um planeta militar." Ele empurrou a porta aberta, descendo, a fim de continuar a falar. "Eles acompanham todos os veículos no espaço aéreo de *Chivalry*".

Especialmente o meu. Ele abriu o compartimento de bagagem de lado, então congelou.

Não houve nenhum aviso. Nenhum som, nenhum passo, mas de repente ele sabia. O

conhecimento veio gritando até ele. *Conte até dez*, ele ordenou a si mesmo. *Dez, nove, oito. . .*

Você está bem. Você está bem. Você está bem.

E ele virou-se para enfrentar o olhar rígido do General Madousin.

Capítulo 14: Natal

Aerin se encontrou olhando da porta do passageiro para dentro do par de olhos azuis mais profundos que ela nunca tinha visto.

—Deixe meu irmão pra lá. || disse o dono dos olhos. —Por fazer uma garota esperar. ||

Uma mão suave e pálida se levantou a sua frente num gesto de expectativa.

E ela a tomou. Em um momento se encontrou sendo empurrada para frente, levantou contra o tecido escuro de um casaco da Força Aérea, e pousou suavemente sobre a terra. Aconteceu tão rápido que nem sequer teve a oportunidade de acovardar-se.

O homem alto e jovem riu da expressão exaltada dela. Ele botou uma mecha de cabelo louro atrás de sua orelha e levantou sua forte mandíbula.

—Paul Madousin. || ele se apresentou. —E você quem

é? || Calor subiu para suas bochechas quando

respondeu. —Aerin Renning. ||

—Um prazer em conhecê-la.‖ Paul deu um passo lento para trás. —Estou seguro que meu pai estará de acordo.‖ Ele disse gentilmente e pegou seu braço debaixo do cotovelo e a guiou ao redor da cauda do avião.

Seu pai?

Ela quase caiu quando viu a versão maior do jovem que ela acabou de conhecer. Os olhos eram do mesmo azul, a pele do mesmo tom pálido, a linha do queixo tão forte. Sua postura emanava força, como mostrava seu peito com filas de polidas medalhas. Ele era um pé mais alto que seu filho mais novo, e quase cinco centímetros mais alto que o jovem que ainda a dirigia pelo braço.

—Aerin, esse é meu pai, o General Gregory Madousin.‖ Paul deixou sua cabeça cair em um gesto de respeito pelo homem mais velho. —Pai, esta é Aerin Renning.‖

A mão do General tremeu. Então seu polegar se encaixou em seu queixo, e seu dedo acariciou o lado do seu nariz. Quando sua mão se abaixou, um sorriso se espalhou em seu rosto. Aerin havia imaginado o pai de Dane como severo e rigoroso. Mas seu sorriso contradizia sua suposição.

—Senhora Renning?‖ Ele repetiu seu nome com cuidado.

—S.. Sim, Senhor.‖ ela gaguejou.

Ele ofereceu seu braço. —Parece que meu filho menor teve algum sentido depois de tudo. Posso acompanhá-la ao nosso veículo terrestre?‖

Aerin desviou o olhar, procurando Dane. O que ele achava da aparição surpresa do seu pai?

Seu colega estava sentado com os ombros caídos contra o capo de um veículo prateado, seus braços dobrados sobre seu peito. Estava observando seu pai, não ela.

Insegura do que fazer, ela pegou o braço do homem mais poderoso no Universo e subiu no veículo com as janelas abertas, duas fileiras de assentos de frente uma para a outra, e uma cortina separando o espaço do passageiro com o motorista.

Paul se sentou de frente para ela, e o General Gregory Madousin ao seu lado. Dane avançou lentamente por último, batendo a porta.

Ela tentou pegar seu olhar, mas ele caiu em seu assento de frente para seu pai com os olhos fixos no teto.

—Desculpe se não fui muito amável com a sua recepção, Srta. Renning.‖ Disse o General.

—Tenho certeza que eu teria feito melhor com o conhecimento da sua chegada.‖

Aerin corou. —E. . eu lamento, Senhor.‖ Ela disse. —Dane e eu estávamos com a impressão de que você ainda estava negociando com o *Sindicato*. Espero que minha presença não seja um problema.‖

O velho sorriu. —Bobagem, querida. Esta família só pode se beneficiar com uma presença feminina.‖ O General fez uma pausa, em seguida, deu uma piscadela e explicou. —As negociações foram interrompidas até o final do feriado. Às vezes até mesmo é mais fácil de me comunicar com o *Sindicato* do que com meu filho mais novo.‖ O comentário fez ele se incomodar, mas Dane não fez nada para negar. Ele continuou olhando para o teto.

—Diga-nos, Aerin,|| disse Paul —o que convenceu você a passar suas férias aqui?||

As questões a preocuparam, Aerin se encontrava com nenhuma outra escolha, exceto responder. Dane não abriu nenhuma vez a boca. O desconforto cresceu dentro dela com o seu mau humor, mas seu irmão e seu pai faziam ela se sentir tão bem vinda que estavam felizes com sua presença no tempo que o veículo parou. Dane saiu do veículo sem olhar na sua direção, mas Paul ofereceu o braço e sussurrou em seu ouvido:

—Bem vinda na nossa casa, Srta. Renning.||

Ela olhou em choque. Paredes de mármore estendidas atrás dela, três, quatro, cinco andares. Aço polido na guarnição ondulada no seu caminho em torno de dezenas de janelas, bem com um conjunto de portas duplas, no centro de um enorme pátio, uma porta de vidro. Grinaldas de prata cercavam as aldravas da porta, e videiras de prata trançavam em torno de colunas de quinze pés. Dane não podia ter mencionado que vivia em uma mansão? Não, talvez não. Talvez ela não tivesse entendido. Tal como as cataratas.

Uma mulher magra com um lenço cinza abriu as portas, e Aerin entrou num pátio sem fim.

Uma meia-lua azul de vidro formavam três paredes distantes, e em um andar obsidiana rodava com traços de prata e ouro. Era como estar no espaço vazio, era como se alguém tivesse tentado refazê-lo e quase conseguisse.

Uma suavidade repentina acariciou seu rosto. Do outro lado do pátio, Dane enviou a seu irmão um olhar afiado. Paul ignorou o olhar e piscou para ela, então apontou

para cima em um fio de visco. Constrangimento inundou quando ela percebeu que a maciez foram lábios sobre sua pele. Se ela tivesse entrado em uma realidade alternativa?

Até o momento em que ela foi para a cama naquela noite, sob um dossel de seda dourada, ela estava na mesma. Seu primeiro passeio pela casa tinha sido preenchido com um milagre após o outro: os ramos de pinho queimando seu perfume na lareira, o vestido enfeitado com uma cascata de lantejoulas, as velas de baunilha sobre o piano, buffet, e a mesa ampla na sala de jantar. E Dane disse que isso não era um lar. Era mais magnífico do que qualquer coisa que Aerin tinha imaginado nas suas fantasias de sua infância.

A tentação de despertar pela manhã, o cheiro de muffins quentes fez ela deslizar da cama atraída para a mesa de café. Dane se sentou sozinho, limpando as migalhas do seu prato.

—Pensei em voarmos para a Orla Sul hoje||, disse ele, limpando os dedos em dos dois casacos grossos pendurados na parte de trás da cadeira.

Feliz que ele estava falando novamente, ela pegou um muffin da cesta e colocou uma xícara cheia de chocolate quente antes de se sentar. —A Orla Sul?||

—É na beira do oceano. As tempestades são espetaculares esta época do ano.||

—É perigoso?||

Ele sorriu. —Só um pouquinho.||

Uma mordida quente deslizou para baixo da garganta de Aerin. Ela não tinha nenhuma vontade de deixar esse lugar em troca de perigo. —Quando é que vamos?||

—Ir para aonde?|| Uma voz arrastada veio da porta. Paul entrou na sala apenas com a parte de baixo do pijama e um par de chinelos. Os músculos do seu peito brilhavam sob a luz do teto.

Aerin sentiu a boca seca. Levou alguns segundos para perceber que ninguém tinha respondido a pergunta. —A Orla Sul||, ela falou.

—Ah||. Paul sentou facilmente na cadeira vazia dando um olhar significativo para seu irmão. —Essa viagem dura o dia inteiro.||

—Não brinca.|| Dane replicou.

—Isso é um problema?|| Aerin perguntou. Ela pegou a manteiga ao mesmo tempo que o irmão de Dane. Em vez de se afastar, Paul pegou sua mão.

A porcelana bateu com um estrondo contra a madeira do lado oposto da mesa. Os olhos azuis tinham sua atenção. —É justo que nosso pai ficará desapontado de ser ficar privado de sua companhia||, disse Paul, —como eu ficarei||, ele virou os dedos dela e beijou sua palma.

Os pés de uma cadeira arrastaram no chão polido.

Ela não tinha pensado como seria, Dane longe da sua família em seu primeiro dia de férias. —Talvez nós devêssemos esperar alguns dias|| ela disse aos olhos azuis, —em vez de ir tão cedo||.

—Não!||. Dane bateu com tanta força que fez a mesa vibrar, derramando chocolate da sua caneca. Aerin se apressou para enxugar o líquido com seu guardanapo, em seguida, se encolheu quando a mancha marrom infiltrou no pano fino. Aerin o olhou desculpando-se.

Ambos os irmãos se entreolharam. Paul se sentou na sua cadeira, seu rosto calmo e ilegível; de pé Dane, com o peito apertado, preste a explodir. Sentia-se um estranho em outra dimensão, chegando a um argumento que não teve habilidade em interpretar. Então, sem explicação, Dane pegou seus casacos e saiu da sala.

Seus olhos voaram para Paul, que apenas deu de ombro e abriu o pote de mel.

Com um olhar relutante para seu chocolate, pegou um muffin e correu atrás do seu colega, encontrando ele na porta de vidro do pátio. —O que há com você?|| ela perguntou, com pouca paciência. —Seu pai e seu irmão tem sido nada mais do que educados comigo. Pensei que era *sua* hóspede, e não deles.||

Dane apoiando suas mãos sobre as bordas da porta e olhou para o andar de obsidiana. —Sinto muito, Aerin. Eu não deveria te ter colocada nesta posição.||

—Qual posição?|| Ela podia sentir seu desespero crescer.

—Entre.|| Ele deslizou os braços em um dos casacos e foi para o pátio, deixando-a mais confusa do que estava antes.

Ele se virou. —Eu gostaria de levá-la para Orla Sul hoje. . Se você não se importa.||

O que ela podia fazer? Ela não podia concertar a brecha entre ele e sua família. E era evidente que qualquer tentativa de sua parte iria estragar sua amizade. —O que devo levar?|| Ela perguntou.

—Você mesma.|| Atirou o outro casaco para ela. —E isso.||

Aerin nunca tinha visto nada parecido como a Orla Sul. Cristas de ondas brancas se quebrando sobre as pedras pontiagudas. Trechos de nevoeiros espessos cobriam tudo a distancia, apagando o horizonte. A brisa vinha debaixo para cima, e a chuva ameaçava de cima. A água enchia o mundo.

Pelo menos parecia do ponto de vista de Aerin estando por trás de uma janela enorme com cobertura para os visitantes. Dane depositou uma enorme almofada branca pela janela e trouxe uma xícara de chocolate quente. —Para compensar essa manha||. Ele sorriu.

Ela tomou um gole, seus olhos se arregalaram quando o doce sabor de caramelo desceu pela sua garganta. Ele se lembrou do pedido do dia anterior. Ela inclinou a cabeça estudando Dane quando ele se estabeleceu em seus pés, seus olhos observando as ondas que se quebravam abaixo. Havia tanta coisa que eu não sabia sobre ele antes da escola. Seu respeito pela beleza. Sua atenção aos detalhes.

E havia tanto que ela ainda não entendia; o comportamento hostil para seu irmão e seu pai, a intensidade de sua reação quando ela tinha testemunhado o nome de sua mãe, seu entusiasmo pela cena violenta abaixo.

—Você não tem medo?|| perguntou Aerin quando uma rajada forte de nevoeiro martelou a janela.

—É por isso que eu gosto||, ele disse, deslizando a sua mão perto da dela. —Os primeiros exploradores de *Chivalry*, pensaram que se eles encontrassem o material certo, eles poderiam fazer um navio que resistisse a seus mares selvagens. Eles tentaram de tudo: aço, *Ironite*, *Maravan* de ouro||.

Ela ergue as sobrancelhas, *Maravan* de ouro era ainda mais forte do que *Ironite*.

—Eles falharam?||

—Miseravelmente||, disse ele, e apontou a formação da pedra gigante, em seguida, ao outro lado do lugar.

—Você vê que as rochas podem com o metal quando ele bate contra elas na velocidade do vento *Chivalian*. Isso é um resquício de um navio||.

Ela olhou para um pedaço de metal retorcido ao longo da borda do convés dos visitantes.

Buracos profundos no centro do metal e fios de prata muito envolvida em torno das bordas, dobrados diante uns dos outros. Ela tinha pensado que o metal era uma escultura, talvez uma versão abstrata do mar. Lá não havia nada além de formas retorcidas, para ser definido com um navio. —E você acha que é fascinante?||

—Sim||.

Ela pensou em todas as vezes em que invejou a bravura de Dane. Quando ele tinha argumentos do lado polêmico do tema de um debate acalorado ou subido nos andaimes sem uma escada. E ontem, o avião caindo sobre a borda de um penhasco e subindo através de um túnel de gelo. *Havia* algo invejável sobre a sua total falta de medo. E perturbação.

Ela olhou novamente para o metal retorcido que tinha sido um navio. —Por quê?||.

Ela perguntou. —Por que o perigo é tão atraente para você?||

Ele não olhou para ela, seu olhar voltou para a janela onde o céu tinha uma abertura de um raio. Sua mão fechou sobre a dela enquanto ele estremeceu. —Eu não tenho certeza||, ele murmurou, —mas cedo ou mais tarde, as ondas—derrotam as pedras||.

A intimidade que havia se formado na viagem desapareceu imediatamente após a sua volta a mansão. General Madousin, claramente chateado por que seu filho tinha escolhido passar o dia fora de casa, realizou um jantar, um ato que Aerin encontrou dificuldades de entender era Dane se recusar a falar uma única palavra com seu pai. Coube a Paul aliviar os sentimentos de mágoa do pai e manter a conversa fluindo.

O mesmo padrão continuou nos dias seguintes. Aerin e Dane passavam horas do dia a explorar as maravilhas naturais do planeta. À noite, eles retornavam para a mansão, onde ele se calava.

Um padrão que não foi quebrado até o Natal.

Naquela manhã Aerin chegou à mesa do café para encontrar um impressionante colar de esmeralda verde enrolado no centro do seu prato. O General Madousin colocou o extravagante presente em volta do pescoço dela e o fechou. Ela viu a mandíbula de Dane apertar. Ele não queria que ela recebesse o presente?

Em contraste, Paul fez uma profunda reverência.

Ela corou de vergonha por não ter nada para dar em troca, mas o General ignorou as suas desculpas, em seguida, dirigiu a ela e seus filhos para a capela da Base, onde participou de um culto religioso e assistiu a uma performance especial de canto, música e iluminação de velas pela juventude local.

Depois de retornar a casa, o General sugeriu que todos fossem para seus aposentos se preparar para um jantar formal em duas horas. Queria saber como os outros podem exigir mais de uma hora para prepararem uma refeição, Aerin subiu as escadas para seu quarto lentamente.

A visão que recebeu a pegou completamente de surpresa. Um vestido de veludo vermelho com corte dourado pendurado no dossel da cama. Ela se aproximou, tocando o pano macio.

Bordados de renda ao longo do pescoço eram figuras de pássaros: pombas, rouxinóis, cada um único. Nunca em sua vida ela tinha tocado nada que fosse metade tão bom.

Com medo que o vestido não entrasse, Aerin tirou suas roupas pegando o vestido. Ela deslizou sob a saia, passou o decote sobre sua cabeça, e deslizou seus braços nas mangas longas. O tecido macio caiu para baixo sobre a sua pele sem uma ruga. Sua boca aberta quando deu um passo para frente do espelho. O corpete se encaixava perfeitamente, abraçando-a da cintura ao peito, escondendo as cicatrizes, e a saia corria o suficiente para cobrir as botas da escola.

O tempo quase voou ao tentar fazer o resto ser adequado para o vestido. Tomou banho, vestiu outra vez

e sentou-se para a vaidade, esforçando para fazer algo com seus longos cabelos. Seus dedos não tinham tanta habilidade, e ela finalmente desistiu, estabelecendo-se para escovar os fios até que penderam dela a sua volta com simplicidade.

Antes que ela percebesse, o ponteiro do relógio apontava para o dois. Aerin agarrou sua saia em cada mão, descendo as escadas e foi em direção a sala de jantar.

Sua entrada se fez com um silêncio atordoante. Nem Dane nem o General Madousin disseram uma palavra. Ambos olhavam como se uma presença estranha tivesse entrado na sala. O rosto de Dane empalideceu e seus olhos brilhavam num profundo, marrom intenso.

Foi Paul quem a resgatou, pulando da sua cadeira para oferecer sua mão e levá-la a sua cadeira. —Muito eficaz||. Ele sussurrou no ouvido dela.

As luzes tinham sido apagadas, e as velas de baunilha na sala foram acesas. No centro na mesa de jantar formal estavam um enorme peru assado, regado com molho de laranja, e tigelas de creme de batatas, molhos de frutas e saladas foram espalhadas por toda a toalha de renda. Pães cobertos por uma toalha prateada repousava em um cesto, e um trio de empregados estava em pé num canto, à espera para encher qualquer prato ou copo vazio.

O General Madousin curvou-se para agradecer. Em seguida, começaram a servir os pratos, e Paul, que estava sentado à direita de Aerin, disse os nomes dos pratos raros, oferecendo seus próprios conselhos do que comer. A conversa começou com uma conversa de mesa sobre o desempenho sobre a capela, em seguida, derivou

para o tema do ensino avançado e, finalmente, para o desconforto de Aerin, sobre ela.

—Há quanto tempo frequenta a *Academy*, Srta. Renning?|| Perguntou o General.

—Eu comecei este ano||, respondeu ela, levantando uma colherada de molho de cereja picante aos lábios.

—E onde você estava antes?|| O General tomou um gole de vinho.

Sua colher hesitou. *É uma questão natural*, ela disse a si mesma. *Ele não tem nenhuma razão para suspeitar que eu não sou uma cidadã*. Mesmo este homem, talvez mais do que qualquer pessoa, aplica as leis da *Aliança*.

—Eu. ||. Aerin caiu sobre a história que ela tinha dado a Dane. —Meu pai viajava em uma aeronave comercial, e eu viajei com ele até ele morrer||.

—Entendo||. A voz do General Madousin realizou uma nota estranha, ainda convincente.

—E o nome de seu pai?||

Ela se encontrou respondendo com honestidade, embora sua voz tremeu. —Antony era seu nome. Mas a maioria das pessoas o chamavam de Tony||.

O copo de vinho bateu na mesa.

—Quando você disse que seu pai morreu?|| Desta vez, a questão veio com uma abrupta velocidade.

Aerin sentiu seu coração batendo. Ela não disse. Ela não queria mentir para esse homem. Mas ela não poderia

responder as perguntas que viriam a seguir, se ela respondesse a verdade. —R-recentemente||.

Dane a resgatou, conversando com seu pai pela primeira vez em toda a visita.

—Talvez possamos deixar esse assunto por um menos doloroso||.

O pai deu um olhar longo ao filho, como se pesasse as opções. Um acento lento indicando sua escolha. —Bem, Dane, você poderia compartilhar suas impressões sobre minha *A Ima Mater* como alternativa||.

Por um instante Aerin se preocupou que seu amigo pudesse abandonar a conversa, mas ele não fez. Em vez disso, surgiu um diálogo entre o pai e seu mais jovem filho.

—É um desafio|| Dane disse.

—Fico feliz em ouvir que não mudou||. O General limpou os lábios no seu guardanapo bordado. —Em que parte você encontra maior desafio?||

—Viver com a sua reputação||. A boca de Dane enrugou de ironia que para ele era impossível dizer se estava zombando de seu pai ou falando a verdade.

O General resolveu acreditar que era a última. —Eu acredito que ainda tenho uma série de recordes lá.||

Dane girou o copo em um circulo. —O que você diria que é maior?||

O General começou uma história sobre sua habilidade em disparo. Aerin tentou chamar a atenção do seu

colega. A julgar pelas pilhas de placas e troféus que ela e Dane tinham

salvado da corrosão, os recordes dos alunos da época não foram muito valorizados pela *Academia 7*. Era uma maneira de Dane mostrar as realizações de seu pai.

—E isso|| disse o General, terminando a sua história, —foi a última vez que um velho estudante se gabava de ter a melhor pontaria do campo.||

—Os primeiros anos não estão autorizados a atirar||, disse Aerin.

—Hmph||, respondeu o homem mais velho. —Isso é Jane, para você, tomando decisões que comprometem a integridade da *Aliança*.||

Jane?

Dane respondeu a pergunta silenciosa de Aerin. —Eu acho que a Dra. Livinski quer que os alunos tenham primeiro uma base sólida nas formas de combate tradicionais.||

O General zombou. —E com que você tem desperdiçado seu tempo neste ano?||

—Ele ganhou a segunda maior marca de combate físico||, disse Aerin, saltando a oportunidade de melhorar a situação de seu amigo perante os olhos de seu pai.

—O segundo lugar?||. O General ergueu a sobrancelha.

—Você ficaria surpreso com a concorrência.|| Dane encontrou o olhar de Aerin, ameaçando a trazer a conversa de volta para ela.

Ela rapidamente retirou-se de falar, se deixando apreciar o papel de silenciosa observadora.

Os copos tilintavam e esvaziavam e eram preenchidos novamente. As sobremesas vieram, cubos de chocolates em piscinas de creme. Nem Dane e seu pai falaram. Talvez a tensão entre eles agora era maior. Certamente, o que tinha de tensão no relacionamento não iria durar em um lugar tão mágico.

Ela não conseguia dormir naquela noite, nem mesmo sob a colcha dourada e com babados no dossel. A memória desse dia especial tinha envolvido o seu caminho e começava a correr em círculos na batida suave do relógio. À medida que percorria um terço da revolução, ela finalmente desistiu, jogou pra trás a colcha, e pegou seu copo de água vazio em cima da mesa de cabeceira. Tempo para uma missão.

O som de vozes distraídas vinham do andar de baixo. Ela não deveria, então, ser a única a ter dificuldades para deixar esse dia passar. Cuidando para não cair na escuridão, ela caminhou para baixo. Uma luz ofuscante vinha do pátio, e ela podia ver duas sombras do outro lado do vidro colorido, mas quando ela atingiu o andar, diminuiu seus passos. O tom das vozes estavam longe de ser agradáveis.

—O que você achou que ia conseguir, em trazê-la aqui?||
O General exigiu.

Aerin congelou, percebendo que ele estava falando sobre ela.

—Eu pensei que poderia desfrutar das férias||, respondeu Dane.

—Não me iluda.|| A voz do General com a maior sombra se aproximando da menor.

Estando ao lado do seu filho, a altura e o volume extra do General Madousin eram evidentes. —Você e eu sabemos que não é por isso que ela está aqui.||

—Nós sabemos?’

—Até hoje à noite||, disse o General, —eu supus que trazê-la aqui foi idéia sua.||

— *Foi* idéia minha. Eu convidei. .||

—Pare!|| A breve nota veio através do vidro. —Pare de fingir. Eu sabia que você estava me atingindo com aquele vestido.||

—O. .o vestido?|| Dane gaguejou.

—Não finja que não sabe de onde veio. Você deve ter entrado no quarto de sua mãe.||

A acusação passou pela mente de Aerin.

—Eu nunca tinha visto esse vestido até hoje||, disse Dane.

Aerin sabia de alguma forma que ele falava a verdade. O rapaz tinha voado com ela através das cascatas jamais trairia a memória de sua mãe, não para algo tão cru como o rancor, não importando o que seu pai acreditasse. Será que o veludo vermelho pertencia a Emma Madousin? Aerin deslizou em direção a porta de vidro aberta do pátio. Talvez ela devesse se desculpar, explicar como ela tinha chegado a usar o vestido e como ela nunca teve a intenção de qualquer desrespeito. Mas

se nem o General nem Dane tinham deixado o vestido, quem tinha?

A resposta veio de Dane, apenas a poucos metros de distância, mas ainda sem perceber sua presença. Suas costas e ombros estavam rígidos. —Eu suponho que não ocorreu a você||, ele disse a seu pai, —que meu irmão poderia ter pegado o vestido.||

—Que interesse poderia ter seu irmão em uma garota de rua como aquela?|| As palavras do General eram como bofetadas. E de repente Aerin não queria estar ali, não queria ouvir onde isto estava indo. Mas ela não conseguia se mexer.

Ela podia ver claramente agora, através da abertura. O General estava diante dela, mas em um ângulo, sua atenção estava totalmente ocupada para seu filho. A raiva estava estampada em seu rosto de linhas duras.

—Oh, eu tenho certeza que Paul não tem nenhum interesse em Aerin||, disse Dane, —mas ele não gosta de nada melhor do que ter que me acusar.||

—Não culpe seu irmão por isso!||

—Como eu poderia? Nada é culpa dele.||

—Isto não é sobre ele.||

—É sobre o que?||

—Aerin *Renning!*||. O General rosou o sobrenome dela.

—Você vai tira-la desta casa amanhã ao meio-dia.||

—O que eu devo dizer a ela?|| A resposta de Dane a surpreendeu. —Que meu pai perdeu a cabeça e quer que

ela se vá.||

A fúria na voz do General caiu a uma calma assustadora. —Diga-lhe a verdade. Eu peguei ela mentindo no jantar hoje a noite, e você correu para cobrir seus passos. Vocês estavam juntos, jogando na minha cara.||

O copo de água caiu da mão de Aerin.

Dane deu um passo a frente, em direção ao seu pai. —Eu. . não. . sei o quê. . você está falando.||

E nesse instante, o General Madousin disparou seu punho e atingiu ao lado do rosto do seu filho. Aerin pulou de horror.

Dane tinha se dobrado, com a mão segurando o rosto.

—Vá para o inferno||, disse o General, sua voz tão baixa como tinha sido antes do ataque repentino.

—Eu ficaria feliz em deixar você lá||, disse Dane, tropeçando na entrada.

E então ele estava lá, olhando para Aerin, bloqueando-a da vista do General. Suas mãos caíram de seu rosto, e ela podia ver a marca vermelha brilhante em todo o início de sua bochecha. Sem uma palavra, ele agarrou seus ombros, levou-a em direção as escadas, empurrando.

Ela podia ouvir a porta de vidro se fechar atrás dela.

Capítulo 15: Dor

Dane acordou com dor no chão frio. Seu lado esquerdo gritava de dor, muito pior do que a maça do rosto

ardendo sob seus olhos. Ele se esforçou a levantar e sentiu que a escuridão pairava ao seu redor.

Fogo queimava através de seu torso, e algo caiu.

As memórias perturbadoras da noite anterior se chocaram com a sua consciência. Ele deveria ter sabido melhor do que lutar de volta. Dois meses da formação heterodoxa de Aerin dificilmente compensariam toda uma vida. Dane sabia que ele não tinha uma chance.

Não houve sangue. Muito malfeito. Não era o estilo do General.

De alguma forma, Dane se levantou do chão. Ele tropeçou na abertura de vidro, em seguida, afundou-se na parede.

Escadas.

Ele considerou não subir, girar em seu lugar e ir embora, e nunca voltar.

Mas ele não podia deixar Aerin para trás. Um passo, horrível ranger de ossos em um momento, ele fez seu caminho até a escada. Após a segunda etapa, uma névoa cinza nublou tudo, e ele parou de pensar sobre o movimento, apenas continuou. Uma coisa incrível, a dor. Como uma droga, massacrando os pensamentos.

No topo, ele bateu do lado de fora da sua porta e chamou, —Aerin, vamos embora.|| Ele não se preocupou em voltar ao se quarto. Não havia nada lá que valesse a pena à agonia de se mover. —Aerin!||

Ela apareceu na porta, a bolsa nas mãos, seu rosto cheio de preocupação.

Ele não conseguia falar com ela, não poderia pensar no que ela tinha visto. Não agora.

Ela era uma sombra na borda da sua visão periférica, um apoio necessário e nada mais.

Caixas estavam esperando por ele na entrada: dez, talvez quinze. Todas rotuladas com o seu nome sobre elas, a forma geral de chutá-lo para fora da mansão. Dane ignorou. Nenhum pensamento ou emoção apareceu para lidar com as caixas. Ele só podia andar ao redor delas, atravessar o cimento árido, e ir para o aeroporto.

Ele tinha que andar. De jeito nenhum ele iria pedir uma carona para o motorista de seu pai.

A dor só forneceu seu sustento. Sentia-se nu, como se cada alma da Base estivesse observando-os. A única defesa que conseguiu reunir era manter a cabeça abaixada, evitando os olhares. Ele agradeceu a dor pela sua névoa bem-vinda.

A névoa desapareceu quando viu os cabelos grisalhos, as mãos gordurosas, e o rosto conhecido esperando por ele na cauda do avião. *Pete*. Dane sentiu tudo dentro dele se quebrar, como um milhão de galhos se quebrando sob uma a corrente de uma ventania.

—Está me evitando?|| O mecânico acusou.

Com um gesto tremido, Dane fez um sinal para Aerin subir a bordo no avião.

Ela franziu a testa, focando seu olhar no homem mais velho, mas ela seguiu as instruções, empurrou a bolsa para o compartimento de bagagem e subiu para o assento do passageiro.

Pete viu ela fechar a porta, em seguida, virou-se para Dane. Sua cabeça balançou num ritmo trêmulo que o fazia parecer mais velho do que a sua idade. —Você sabia que isso ia acontecer||, ele disse.

Dane não se preocupou em perguntar o que. Pete sabia, da mesma forma que ele sempre soube e sempre estava lá para pegar as peças.

—Você não pode se dar ao luxo de voltar||, disse o homem mais velho. —Seu pai nunca vai mudar. Ele vai te destruir.||

Dane piscou. Pete nunca foi tão contundente, nunca saiu afirmando a verdade sobre o General, pelo menos, ele nunca tinha antes.

—Ou ele vai encontrar um alvo fácil||, o velho acrescentou, mergulhando a cabeça para o lado do passageiro no avião.

—Ele não vai machucá-la,|| Dane apressou a dizer. *Ele nunca bateu em ninguém além de mim.* —Ele pode. Se ele achar que pode chegar em você.||

As palavras foram as mesmas que tinham batido no cérebro de Dane na noite passada, quando ele tinha ouvido Aerin largar o copo. E ele tinha experimentado o medo real, o tipo que ele pensava que ele tinha esquecido. Imune. Mas sua imunidade tinha falhada.

—Ele nunca receberá uma nova chance, Pete|| Dane embargou. —Eu não vou mais voltar.||

O homem mais velho não protestou, apenas estendeu a palma da mão calejada. Isto foi, então, por que ele havia ido ao aeroporto.

E pela primeira vez, Dane sabia porque ele tinha retornado a *Chivalry*. E por que ele convidou Aerin contra o seu melhor julgamento. Não porque ela queria vir. Essa tinha sido a desculpa. A verdade é que ele precisava dela, precisava de alguém para validar suas próprias ações, para estar em seu ombro e distraí-lo do fato de que ele nunca ia ver o planeta novamente.

Nem a densidade, a beleza pura da natureza, ou o espetacular simulador que era legado da sua mãe. Ou o intemperizado rosto do homem em frente a ele. Por uns minutos intermináveis, Dane olhou a pista, tentando reunir controle. Então ele obrigou-se a cumprir o olhar do seu amigo mais próximo e, lentamente, tomou a oferta de um aperto firme de mão, para dizer adeus.

Capítulo 16: Negação

Ele não deveria estar aqui, Aerin pensou, quando pisou no campo da Academia e olhou Dane

através do dilúvio de chuva. Ela poderia não culpá-lo por não ter falado com ela durante a semana desde o seu retorno a escola, isto é, ela poderia, mas ela provavelmente teria feito a mesma coisa em sua situação. E ela não podia culpá-lo por se manter em seu quarto e deixado ela se virar sozinha, em um campus quase vazio. Tampouco por ele não assistir as aulas da manhã no primeiro dia de aula. Ela compreendeu isso também. Mas isso, era uma idiotice.

A Srta. Maya poderia ter dado uma pausa para chuva com sua palestra sobre as expectativas para o segundo semestre, mas ela tinha sido muito clara que essa pausa não estaria disponível durante um combate. —Você deve aprender a lutar em todas as condições||, tinha sido seu

lema desde o início da estação chuvosa. E agora, com a condução das gotas ricocheteando no asfalto e na grama, Aerin sabia que ela estava preste a enfrentar o verdadeiro significado dessa afirmação.

Ela nunca havia lutado na lama antes, nem nada pior do que um constante chuvisco.

Não haveria problemas, ela deveria se preocupar com as armadilhas. Técnicas que ela deveria considerar.

No outro dia, a perspectiva de combates na chuva poderia ter consumido toda a sua atenção.

Mas a estupidez de Dane estava fazendo isso impossível.

Ele não está certo de estar aqui.

Srta. Maya, pareceu mais confortável no temporal do que ela estava na sala de aula superlotada, trouxe o apito prata aos lábios. Deu um grito estridente quando ela fez um gesto para os alunos se colocarem em equipes. —Tudo bem, vamos ver quem quer ficar na escola||, ela gritou em meio à chuva.

Aerin olhou para Dane quando ele se colocou na frente dela se estabelecendo em seus pés em posição aberta. O que ele pensa? Que ela não sabia que ele mal podia andar. Ele não tinha ido ao médico. Se tivesse, Srta. Maya nunca teria deixado ele no campo. Não era justo, ele colocar Aerin nesta posição.

Mas uma vez o apito.

Ele não atacou.

Não é surpreendente para alguém que não podia levar a sua própria bagagem. Ela duvidou que ele

pudesse bloquear, e muito menos fazer um salto. E se ele estava contando com ela para o primeiro ataque, ele poderia esquecer.

Ela não se mexeu.

Ele esperou, e ela podia ver a compreensão que surgiu lentamente em sua face, uma substituição da sombra de ilusão. Ela podia ouvir os outros alunos em torno deles, lançando manobras, jogando um ao outro no chão encharcado, erguendo seus corpos para fora da lama.

Ele fechou os olhos e deu um passo para trás gaguejando.

Aerin não falou. Ela não precisava.

Porque Srta. Maya estava de pé sobre eles agora, seu olhar afiado, vendo um passo desigual e um machucado feio no rosto de Dane. Ela deu um passo entre ele e Aerin, em seguida, colocou as mãos nos quadris. —Madousin||, a professora ordenou, —vá direto para a enfermaria||.

Aerin ainda não se mexeu. Ela o viu sair ate não ver mais nada a não ser a espessa cortina de chuva caindo. E o reflexo intenso de traição em seus olhos.

Ela tentou não pensar nele até o resto da tarde. Abaixando sua cabeça. Focou as competências necessárias para não se matar ou ao seu parceiro. Depois, ela tomou banho, enterrando-se em seus estudos e, então se apressou para o refeitório. Sozinha.

Mas lá, sua cuidadosa evasão desmoronou.

—Você pode acreditar que deixaram ele ficar?|| uma irritada voz feminina falou em uma mesa quase vazia.

—É claro que eles deixaram||, veio uma segunda voz.

—Ele é o favorito de Maya||.

Aerin deu uma olhada rápida para as duas que falavam, reconhecendo-as como companheiras do primeiro ano: uma menina morena com um pendor para as cópias e a outra loira atlética cujo trabalho não valia à pena copiar.

—Ah!|| zombou a menina morena, entrelaçando a colher entre os dedos esguios. —Você não acha que se um de nós fosse apanhado durante uma briga nas férias, ainda estaríamos aqui?||

Uma briga? Era isso que eles estavam falando? Bem, o boato teve que vir como uma explicação para o ferimento na bochecha de Dane, e conhecendo-o, ele não teria desencorajado o boato. Era até possível que ele ter começado.

—Difícilmente||, respondeu a loira. —Ele teve sorte de escapar com apenas três costelas quebradas.||

Aerin estremeceu. Três costelas quebradas! Como ele poderia considerar ir para a aula de qualquer forma?

—É por causa do pai dele||, continuou a loira, —Qualquer outra pessoa, e eles teriam expulsado com um baque. Essa é provavelmente a única razão pela qual ele foi aceito em primeiro lugar.||

Aerin sentiu o sangue escorrer em sua língua antes de perceber que a tinha mordido. Ela sabia que Dane não

gostaria que ela o defende-se. Vê-lo hoje tinha sido com ver ele se auto-destruindo.

Ainda assim, essas meninas não tinham o direito de especular.

—Isso não é verdade||, Aerin encontrou-se interrompendo. —Dane é um dos melhores alunos da escola. E ele não precisa de favores especiais.||

Dois olhares amargos foram em direção a ela. —Sério?||, disse a loira. —Ele está recebendo um adiamento de dois meses de treinamento físico, isso não soa como um favor especial para você?||

—Quem é você?|| a morena acrescentou. —A namorada dele?||

—Eu duvido||, sorriu a sua amiga. —Você viu o olhar que ele lhe deu quando ela o humilhou na aula hoje?||

—Mortal||.

—Alem disso||—apontou a loira do outro lado da sala—
—ele não poderia estar sentando mais longe dela?||

Aerin virou a cabeça pra cima. Na verdade, Dane estava no canto da sala. Por um instante a sua cabeça levantou-se e encontrou o olhar dela, em seguida, virou-se sem reconhecimento.

Ela começou a cortar a casca de uma batata com a faca. Se ele quisesse puni-la por se recusar a deixar que ele se matasse em um combate físico, esta bem. Ela poderia viver com isso. Ele poderia ignorar tudo o que ele queria. Ela sempre esperava que ele perdesse seu interesse

nela. Lentamente, porém, a força por trás de sua faca era menor.

Se ela fosse honesta consigo mesma, verdadeiramente honesta, então deveria admitir..

Que ela tinha começado a pensar na sua amizade com Dane mais do que temporária.

Que ela entendia por que ele entrou naquele dilúvio esta tarde.

E que o muro de separação que havia crescido entre eles esta semana era erro dela. Ele havia construído para substituir o que Aerin havia destruído. Ela tinha visto o que ela não deveria

ver, e ele não poderia perdoá-la, porque o equilíbrio de sigilo havia se quebrado, a escala móvel estava longe demais de sua direção.

Ela sabia disso. Ela entendia.

E ela sabia como terminá-la.

A única maneira de reparar o dano era reequilibrar a balança através do derramamento da sua própria escuridão no buraco que havia sido feito em sua amizade.

Mas ela não podia fazê-lo. Isto estava fora de questão.

Alguns segredos eram muito dolorosos para serem compartilhados.

Capítulo 17: A noite

Todas as noites o pesadelo vinha. Durante cinco meses. Dane tentou ignorá-lo. Ele tentou eliminá-lo, aplicando-se aos seus estudos e enchendo o cérebro com todos os tipos de conhecimento. Ele empurrou o seu corpo para a borda, em primeiro lugar na reabilitação, em seguida, na formação, na esperança de esgotar-se, para torná-lo impossível de sonhar.

Não funcionou. *Quando você tem o mesmo sonho repetidas vezes, seu cérebro está tentando resolver um problema, Pete sempre dizia. Ele sabe que há uma resposta.*

Se houvesse respostas para o pesadelo de Dane, elas ainda não tinham se revelado. Ele acordou na noite do final do ano letivo, como sempre, o suor escorrendo por sua pele, sua mente mais uma vez determinada a viver e reviver sua última conversa com o pai. *Sortudo, a enfermeira tinha dito. Se o individuo tivesse furado você mais fundo, você teria morrido.* Sorte não tinha nada a ver com isso. Se o General quisesse uma punção pulmonar, ele teria, e ele não teria quebrado as costelas, se ele não quisesse.

Mas Dane foi o único a causar danos mais profundos. Ele havia escolhido romper seu relacionamento com Aerin. Porque ele não tinha sido capaz de enfrentá-la, não podia aceitar o fato de que ela tinha visto ele mais fraco e mais vulnerável.

Novamente Dane lutava com a memória dela em pé atrás da porta de vidro. Observando.

Ele empurrou a imagem para longe e se revirou, imaginando ela, em um vestido vermelho.

Era isso que tinha deixado o General irritado? O vestido? Aquilo tinha sido Paul, decretando sua vingança pela entrada de Dane na escola.

Paul nunca tinha sido capaz de suportar ser vencido por seu irmão mais novo. E isso tinha acontecido antes. Muitas vezes, o suficiente para que Dane aprendesse a reconhecer o padrão e as repercussões, ao longo do tempo. O General iria explodir, explodir para fora as acusações, e de alguma forma Dane era sempre o centro da explosão. Mas seu irmão, era o estopim.

Desta vez, porém, não havia mais a luta com Paul. *Eu peguei ela mentindo no jantar hoje a noite*, o general havia dito, *e você correu para cobrir seus passos*.

Qual mentira? Dane tinha resgatado Aerin de falar sobre seu pai quando o General tinha perguntado sobre seu passado. Mas qual foi a mentira que ele pensou que tinha descoberto?

E por que os segredos de Aerin sobre sua vida pessoal importavam para o pai de Dane?

Era quase meia-noite quando um pensamento tomou Dane em uma nova direção. Seu pai tinha sondando Aerin no jantar. Olhando para os dados pessoais, mas as suas perguntas não tinham virado exigências até que ela lhe tinha dito o nome de seu próprio pai. *Tony*.

Não, Antony. Antony Renning.

Dane tinha visto esse nome antes.

Sentou-se, empurrando os lençóis para fora. Depois de puxar um par de calças, chinelos e uma camisa, ele se

apressou para o corredor. Ele tinha que falar com Aerin. Agora.

Ela não estava em seu quarto. Ele se convenceu de que era verdade só depois de bater em sua porta e acordar meia ala das garotas. Naquele momento ele percebeu que ela deveria ter saído sorratamente pela janela, a monitora de plantão da ala chegou na cena: Yvonne, ainda completamente vestida em seu uniforme, um relógio caro, e um colar verde.

Lembrando do que o pai havia colocado em torno do pescoço de Aerin no Natal, estrangulando Dane quando ele colocou o feixe de bronze. Ele queria rasgar as jóias falsas fora de seu pescoço, para acusar o pai e o irmão de usá-la para chegar até ele. Ostentando seu poder através de sua ingenuidade. Mas ele não sabia como avisá-la da falta de sinceridade deles, sem assustá-la.

Foi você mesmo quem você estava protegendo. Admita, sua consciência o insultou.

Inferno que sim, ele está protegendo seu próprio segredo. E isso quase lhe custou tudo.

"Problemas?" Yvonne perguntou, arqueando uma sobancelha.

"Não." Ele foi para longe da porta de Aerin, seu cérebro carregando rapidamente, caçando uma maneira de explicar a si mesmo e manter fora o radar de Yvonne para Aerin. "Eu devo estar com sonambulismo." Ele deu um sorriso tímido. "Desculpe".

A menina exótica distinguiu-o com sua versão de um olhar aplacador, uma expressão que lembrava um predador fingindo. Ela passou o braço sobre os ombros e

conduziu-o de volta até o salão. "Você teve sonambulismo na ala errada", brincou ela, então, em vez de escoltá-lo de volta para seu quarto, ela parou na escada. "Gostaria de ir para baixo tomar algumas cidras quentes?"

Não. Mas a máquina de bebida estava no primeiro andar, o que iria colocá-lo quase onde ele

queria estar: lá fora procurando Aerin. Ele balançou a cabeça. Yvonne deixou-o abrir a porta para ela.

Eles começaram a descer os degraus. Ela ficou olhando para ele como se esperasse que ele dissesse alguma coisa. "Nervoso com amanhã?", Ela finalmente perguntou.

Ele franziu a testa, em seguida, percebeu que ela devia estar falando da cerimônia da manhã quando os nomes dos alunos que retornariam seriam anunciados para o universo.

Desejou que seus nervos fossem tudo que mantinham-no acordado. Isso era uma desculpa boa o suficiente. "Eu acho", respondeu ele.

Ela traçou uma unha violeta sobre seu pulso. "Eu teria pensado em você de todas as pessoas que não se preocupariam. Suas marcas são ainda melhores que as minhas." Uma pitada de amargura vasculhou a voz dela. "As suas e as daquela. . . Garota-garça".

Dane esmagou o desejo de corrigir o nome de Aerin. Ele tinha chegado ao fim da escadaria.

O saguão estava diante dele, com a porta da frente uns dez pés de distância. "Você sabe, Yvonne." Ele tentou

afastar os dedos dela. "Eu acho que um pouco de ar fresco pode ser melhor para mim do que a cidra."

Ela deu uma risadinha, colocando os braços dele em torno de sua cintura e ficando de frente para ele. "Você sabe que eu estou de plantão, e estamos depois do toque de recolher".

"Eu só acho que poderia ajudar tirar minha mente um pouco das coisas." Ele freou uma ânsia de se afastar dela e baixou a voz em nome de uma causa maior. "Talvez na hora que eu voltar, você não vai estar. . . em serviço. "

"Esteja de volta perto das duas", ela sussurrou em seu ouvido, em seguida, o deixou ir.

Esse era um compromisso que ele não se importaria em faltar. Três passos suaves e ele estava fora da porta, fechando-a firmemente por trás dele.

A noite já tinha transformado o jardim em uma floresta como algo de uma fantasia sombria.

Dane acumulava arranhões e hematomas enquanto ele escolhia seu caminho através das sombras. A doçura doentia agarrava forte no ar, a mistura caótica da exuberância, flores descuidadas. Seus tímpanos estavam invadidos pelo grito estridente dos grilos desafinados, acabaram substituídos pelo *shhh* de água corrente.

Ele encontrou Aerin em uma piscina de luz da lua, junto à fonte. Galhos de árvores esticavam seus dedos em direção a seu corpo esguio, mas a luz parecia emanar dela, empurrando-os embora. Suas costas diante dele, seus longos cabelos castanhos separados no meio e colocados para frente através de seu ombro esquerdo, braços finos dobrados nos cotovelos.

Ela é linda. O pensamento escorregou em sua consciência como havia antes, quando ele a

tinha visto pela primeira vez no vestido vermelho. De repente, a descoberta que o levou até ali se fez menos urgente. Ele precisava reparar os danos que ele tinha causado primeiro, para se explicar e pedir desculpas. Ela merecia muitas.

"Eu nunca quis colocar você em perigo", disse ele, avançando a partir das sombras.

Os ombros dela se endireitaram, mas ela não virou.

"Eu não sabia que meu pai estaria lá", acrescentou. "Eu nunca—Eu nunca deveria. . .".

"Seu pai não me atingiu." As palavras dela vacilaram.

Ele engoliu em seco. Isto seria duro, mais difícil do que qualquer coisa que ele nunca tinha feito. "O General começou a me bater quando eu tinha nove anos. Ele disse. . . "Dane engoliu e se esforçou para manter a sua voz. "Ele disse que era porque eu era um covarde."

Um som tenso entre um riso e um soluço veio dela. "Então agora você não tem medo de nada?"

Um mal-estar se apoderou dos ombros de Dane. Essa era a idéia, mas não era a realidade.

Ele tinha sido treinado para nunca demonstrar medo, nunca admiti-lo. "Eu estava com medo de você", ele disse a ela, "do que significava isso para você *saber*".

Houve um longo, longo silêncio. E justamente quando ele pensou que nunca poderia ultrapassá-lo, ela falou. "Eu

sou a razão pela qual seu pai estava com raiva. Naquela noite, ele estava chateado por causa de mim. "

"Não". Raiva sufocava a voz de Dane. Tinha a sua rejeição feito ela pensar que ele a culpava?

"Ele é como uma bomba-relógio, Aerin. O mesmo teria acontecido com ou sem você lá. Eu só. . . Eu não poderia falar sobre isso. . . o que aconteceu naquela noite. Não tinha nada a ver com você ", ele se apressou a dizer.

Ela estava balançando a cabeça. "Sim, ele estava, Dane. Talvez você esteja certo sobre seu pai. Se eu não estivesse lá, poderia ter sido outra coisa, mas naquela noite era eu. Foi o que eu disse no jantar. Seu pai, ele queria saber quando meu pai morreu, mas eu não poderia dizer-lhe. Eu estava com medo, se seu pai soubesse, ele queria saber onde eu estava depois da morte de meu pai, antes. . . antes que eu viesse para aqui. Eu não. . . Eu não sei como ele sabia— "

"Que você estava mentindo." A peça que faltava começou a deslizar em seu lugar, e Dane sentiu uma onda repentina de traição.

"Eu não tinha a intenção de mentir."

Ainda era uma mentira. Ela estava mentindo para ele todo esse tempo. E ela sabia o mais profundo, mais imperdoável segredo que Dane tinha. "Onde você estava, então?", Perguntou ele, não estando mais disposto a respeitar a privacidade dela. "Se você não estava em uma aeronave de comércio?"

Ela prendeu a respiração. Ele podia ver os músculos apertando no pescoço dela. Houve um outro longo

silêncio, e então ela disse: "Meu pai morreu naquela aeronave há sete anos."

Dane olhou, não estava certo do que pensar.

"Em um acidente", ela concluiu o pensamento. "Eu estava com ele."

Instintivamente, ele estendeu a mão para tocar o ombro dela.

Ela tomou distância. "O computador. . . se avariou. Meu pai estava tentando nos levar para uma estação espacial mais próxima, mas ela estava dias longe, e eu não podia voar sem o piloto automático. Eu estava tentando consertar o processador. "

"Sete anos atrás? Mas você só tinha—

"Quase onze anos de idade." A mão dela percorria seu cabelo. "Eu sempre tive um dom com a tecnologia, mas não o suficiente para aquilo. A aeronave desceu e colidiu. "

"Eu pensei que você disse que você estava dias longe— "

"Para a estação espacial, mas não para o planeta mais próximo. Nós aterrissamos em *Vizhan*." O nome saiu pela língua, empurrando através de sua memória.

Seu cérebro folheou as pilhas de material que ele havia estudado nos últimos meses.

" *Vizhan?*", Ele repetiu.

E então ele lembrou o pouco que sabia. *O menor planeta do nível-X no setor Dyan do universo, governado por um*

pequeno grupo de pessoas que sujeita a maioria dos habitantes do planeta a escravidão e ao refugio esporádico.

Refugio? A palavra parou suas vísceras. O que era aquilo? Uma palavra educada para o assassinato?

Ela olhava para a cortina de folhas da fonte. "Eu não me lembro muito de logo após o acidente. Vi o corpo do meu pai e. . . Acho que eu estava em choque. Havia pessoas. Eu não me lembro deles tentando falar comigo. Estavam mais preocupados com a aeronave. Levou um longo tempo antes de eu perceber que eles não sabiam o que aquilo era. "

"A aeronave?"

" *Vizhan* é isolado. As pessoas não têm noção de vôo. "

Sua garganta rejeitou a idéia. Ele sabia que havia planetas fora da *Aliança* que haviam perdido o conhecimento científico, mas ainda assim, se o planeta era habitado por vida humana, o povo deveria ter chegado lá por aeronave originalmente. "Sem noção em tudo?", Perguntou ele.

Ela balançou a cabeça. "Acho que os líderes devem ter se rebelado contra a viagem espacial, em algum momento, embora o dono da propriedade onde nós caímos, ele manteve a aeronave do meu pai, embora ele não sabia o que fazer com ela—deixou-a como um monumento no campo onde ela desembarcou. Ele coletava coisas: propriedades, máquinas, pessoas "

Dane apertou as mãos em punhos. "Você foi uma escrava?", Perguntou ele.

Ela fez uma pausa. Uma sombra traçou o seu caminho a trazendo de volta. Então as palavras começaram a derramar de sua garganta, como se ela já não pudesse contê-las. "Eu estava alojada em um galpão com mais de uma centena de pessoas. O cheiro. . . Era como a morte. Não havia comida suficiente. Você tinha que lutar. "

Foi assim que ela aprendeu a técnica que ela usava em combate, e porque ela falava sobre elas como se fossem uma questão de sobrevivência. Entendimento deslizou na mente de Dane.

"Fomos levados a trabalhar nos campos", disse ela, "áreas planas abertas, onde apenas alguns guardas com armas poderiam controlar dezenas de pessoas. Os guardas. . . ficavam sobre as plataformas. Se estivéssemos muito lentos, ou cometêssemos um erro, ou eles simplesmente não precisassem mais de nós, eles disparavam seus lasers. "

A bile passou na garganta de Dane. Suas mãos foram para os braços dela, e desta vez ela não se afastou.

"Um dia"—A voz de Aerin tinha ficado áspera—"O proprietário me puxou para fora do campo para concertar um computador antigo. Ele tinha um laboratório cheio deles, mas eles estavam quase todos quebrados. Ele deve ter pensado que eu poderia saber algo, considerando todas as máquinas da aeronave. Eu reparei aquilo, o computador. E quase todos os seus outros. Ele me manteve fora dos campos alguns dias por semana. Em três anos, por tentativa e erro, eu fiz que tudo naquela casa fosse executado pelas máquinas: as luzes, as portas, a água corrente. Então havia apenas um computador que estava na necessidade de reparo. Eu

fiquei sobre ele durante meses. Até o dia que ele perdeu a paciência. "

Dane apertou as mãos sobre os braços dela.

Ela estendeu a mão, cobrindo a mão esquerda dele com a palma da mão dela, e ergueu os dedos, desfazendo os botões de cima de seu uniforme e tirando o tecido por cima do ombro. Para revelar as linhas escuras de um 'X' queimado em sua pele. "Ele me marcou."

O corpo de Dane deu um solavanco. Ele não podia aceitar aquele 'X' e a dor que ele sabia que ela tinha sofrido. Isso não rivalizava com qualquer coisa que seu pai houvesse feito com ele. Fisicamente.

"Naquela noite"—ela tomou uma respiração profunda—"em vez de voltar para o barracão, ele me trancou no laboratório." Sua voz endureceu. "Esse foi seu erro. Assim quando estava escuro, eu sabotei seu sistema de segurança, fechei tudo e deixei-me fora. Havia uma floresta ao redor da propriedade para o campo com a aeronave. As árvores me deram cobertura. Eu nunca teria feito isso sem elas."

Tensão corria sob a pele de Dane. *Mas a aeronave tinha sido danificada antes do acidente. E se ela não tivesse sido capaz de corrigir isso?*

"Difícilmente nada não foi danificado", disse ela como se estivesse lendo sua mente. "Eu aprendi muito no laboratório, e eu consegui concertar o piloto automático e fazer parte do sistema de controle, mas se a aeronave tivesse falhado. . "

Ela se virou para ele, lágrimas silenciosas escorrendo pelo rosto. E então ela estava tremendo, soluços

escapando de sua garganta. Ele sabia agora o que ela tinha feito. Um escravo fugitivo cometendo sabotagem e roubo. Uma missão suicida realmente. Fixando sua vida a uma chance, não importa quão pequena, de fuga. Não admira que ela vivia com medo, pulando do perigo. Não admira que ela questionava sua segurança na *Aliança*. Não admira que ela julgava e duvidava das pessoas sem deixá-las se aproximar. Ele passou os braços em torno dela e apertou-a contra seu peito em um abraço forte.

"Aerin." Ela ouviu Dane dizer o nome dela através de uma camada de memórias turvas. "O

que você sabe sobre seu pai? Quero dizer sobre o seu passado, onde ele cresceu, sua família?

"

"Eu não tenho nenhuma família." Ela falou na camisa dele.

Dane começou a se afastar, e ela não queria que ele fosse, não queria perder esse sentimento estranho, irreal. De segurança.

Mas as mãos firmes saíram de suas costas, e retiraram-na do casulo quente quando ele insistiu em falar. "Seu pai deve ter tido uma família, em algum ponto. Ele deve ter vindo de algum lugar. "

Ela estremeceu, tentando limpar as lágrimas que bloqueavam sua visão. "Eu não sei. Eu daria tudo para saber mais sobre ele. "

A vista de Dane nadou, uma embaçada figura misturada com a escuridão. "Então, há algo que eu preciso te mostrar." Ele estendeu sua mão e a puxou.

Ela encontrou-se a segui-lo com um estranho senso de desapego. Muito abalada emocionalmente para pensar muito, ela se concentrou em seus passos. Ele abria o caminho adiante de forma imprudente, levando-a através do jardim e de toda grama.

Não até que ele puxou um par de gazuas⁸ do bolso que ela se deu ao trabalho de perguntar por que ele estava levando-a longe do dormitório.

"Você se lembra daquela conversa no jantar de Natal?" Ele parou ao pé do Grande Hall. Não tinha ela apenas admitido que isso a assombrou durante meses?

Ele diminuiu os passos inclinando-se, em seguida, olhou para ela. "Você disse que não sabia como meu pai sabia que você estava mentindo."

Ela olhou para ele com uma carranca. "Foi quase como se— "

"Ele soubesse quando seu pai morreu."

Ela congelou, incapaz de reagir quando Dane deslizou uma pequena ferramenta para a fechadura da porta principal. Seus dedos se moviam com uma facilidade hábil. *Clique, clique, clique*, veio a resposta. E então a porta maciça estava abrindo. Ele empurrou-a e apontou para ela entrar. Ela balançou a cabeça em recusa.

Ele correu de volta para ela, colocou a mão sob seu cotovelo, e guiou-a facilmente com ele.

8 [N/T: Gazua: Chave falsa; Ferro curvo, ou de gancho, com que se podem abrir fechaduras]

O corredor estava escuro. Escuro demais para ver depois da luz do luar lá fora, mas Dane não esperou seus olhos se adaptarem. "Fique aqui", disse ele, em seguida, surgiram as escadas.

"Não." Ela tentou impedi-lo, mas ele desapareceu na escuridão. O som de passos ecoando mais e mais acima dela, ecoando no espaço elevado.

Ela caiu para trás contra a parede. O que ela estava fazendo? Uma vez antes ela sentou-se neste edifício sozinha, na sala subterrânea vazia, o terror do escuro que rasgava distante a sua sanidade mental. E nesse caso, também, tinha sido culpa de Dane. Na época, ela nunca teria acreditado que ela correria o risco de perder seu lugar na escola. No entanto, ali estava ela, colocando-se na mesma situação que ela tinha sido falsamente acusada oito meses atrás, e Dane ainda não tinha dado a ela um motivo real. O que mudou no mundo dela que ela poderia aceitar isto?

Tudo. Tudo tinha mudado.

E nada.

"Aerin." Ele estava parado diante dela novamente. Até agora os olhos tinham se ajustado, e ela podia vê-lo. A luz da janela jogava em seu rosto: as maçãs do rosto forte, cabelos negros ondulando atrás das orelhas, os olhos brilhando de expectativa. Ele chegou mais perto.

"Você se lembra daquele dia quando a Dra. Livinski nos fez limpar a sala de troféus?"

Lembrava-se muito bem. O castigo que ela iria receber pela excursão desta noite seria muito pior.

"Xioxang me entregou uma condecoração," Dane continuou falando. "Ele me ordenou para limpá-lo. Eu não teria sequer olhado para a coisa, mas tinha o nome do meu pai sobre aquilo. Equipe de vôo: Gold"

A sua paciência tinha desgastado. "Seu pai ganhou um milhão de prêmios." Ela se empurrou para fora da parede e se virou para sair.

"Ele ganhou." Dane bloqueou seu caminho. Em sua mão estava um pedaço retangular de madeira polida. "Mas cada equipe de vôo tinha dois membros."

"Eu não me importo se havia cinqüenta membros. A cerimônia de anúncio é amanhã, e se a Dra. Livinski nos encontra aqui, nenhum de nós vai estar em uma equipe de vôo. Nunca ".

"Aerin, há outro nome sobre esta placa."

Ela esperou.

"Antony Renning. "

O nome ecoou pelos seus tímpanos. Isso voou ao longo da escada, repetindo e repetindo e repetindo até que ricocheteou no teto e entrou em sua alma.

"Meu pai", ela sussurrou.

Dane passou a placa.

Ela tomou-a, puxando a superfície manchada esculpida contra a luz da janela.

E leu o nome de seu pai.

"Como?" Suas mãos começaram a tremer. "Como sabemos que é ele?"

"Isso explicaria muita coisa", respondeu Dane ", sobre a reação do General com você. Se ele sabia quem era seu pai, ele poderia ter pensado que eu a trouxe para casa como alguma espécie de truque. E ele poderia ter sabido quando seu pai morreu."

"Como poderia—"

"Não se esqueça quem é meu pai, Aerin. Ele tem acesso a dados que nunca atingem o público, e mesmo se ele não soubesse sobre o acidente, ele ainda poderia saber quando seu pai desapareceu. "

Ela sentiu uma torrente de emoções: raiva do pai de Dane porque ele sabia e não disse a ela, qualquer dúvida de que isto poderia ser real, e esperança—ridícula, estúpida, a esperança de tirar o fôlego. Suas palavras saíram em uma firme pergunta. "Como podemos saber?"

Dane fez um gesto em direção ao porão. "Nós olhamos. Ou seja, se você puder quebrar o novo programa de bloqueio de Zaniel. "

Ela encontrou seu olhar.

Ele não precisava de nenhuma outra resposta.

Dentro de instantes eles estavam na escuridão completa fora do laboratório de tecnologia.

Havia uma outra série de cliques enquanto Dane trabalhava na fechadura abaixo do teclado, então a porta se abriu. Luz marfim brilhava nas máquinas. O zumbido macio da sala a levou para dentro.

E um zumbido alto vibrou quando ela ligou o computador de Zaniel. Luz dourada difundia em toda a tela. Seus dedos se moviam, interrompendo o processo de carregamento e ignorando o programa de proteção.

"Se o seu pai era um estudante aqui, seus registros devem estar nos arquivos", disse Dane.

"No mínimo, deveria haver uma foto que você pode usar para identificá-lo." Com o conselho de Dane, ela começou a busca, digitando os arquivos restritos da escola, então os arquivos. A caixa branca apareceu, perguntando por um nome.

Seus dedos digitaram as letras, A-N-T-O-N-Y-R-E-N-N-I-N-G.

Zumbidos! Cores piscaram na tela enquanto a máquina vasculhava sua memória. Uma pausa.

Então apareceu um diretório base com links para as graduações, prêmios, e os dados de pós-graduação.

Abaixo deles surgiu uma foto simples de escola de um estudante, um jovem com olhos negros. Um topete recuava o seu cabelo escuro saindo da testa. Uma imaculada pele cobria as maçãs do rosto e a mandíbula. Sua boca propagava um sorriso irreprimível.

Assim, ao contrário do homem que ela tinha conhecido. E ainda era esse. O seu pai.

Aerin olhou, absorvendo a visão daquele rosto. Vivo. Ileso. Uma imagem para substituir a imagem que assombrava seu passado.

"É ele, então?" Dane perguntou, mudando sua postura e trazendo-a de volta ao presente.

"É ele." Pela segunda vez naquela noite, sua visão estava manchada de água salgada. O pai dela. Aqui. Na *Aliança*. Seu coração descompassou quando ela tomou suas implicações. Ele era um cidadão afinal. E de acordo com a lei dos Aliados, por isso ela eram também. Seria possível? Sim. Na verdade, saber o que isso fazia agora sobre a sua segurança na *Academia 7*, que era a única explicação real para o motivo de ter sido aceita aqui com seu nome real, e por que ela nunca tinha sido exposta como uma impostora. Porque ela não era uma delas.

Ela tinha apenas como um direito muito legal de estar aqui como mais ninguém.

Aerin piscou, reunindo e acalmando suas emoções. Mas se o pai dela tinha crescido aqui, porque ele nunca tinha falado sobre a *Aliança*? E por que ele a deixou? Ela deslizou o cursor para a primeira posição na página. Suas notas saltaram na tela.

"Não parece que você herdou todos os pontos fortes dele", disse Dane, apontando para uma linha de C para a Análise da tecnologia.

"Não." Ela apontou para um outro C para Combate. "Mas ele teve uma de suas fraquezas."

"Eu", grunhiu Dane, "tenho um A em Combate."

"Você não teria se eu não tivesse lhe ensinando."

"Bem, há uma razão para ele não ter." Dane deslizou sua mão em direção a uma linha de A, nos termos do

Introdução ao vôo. "Parece que ele estava destinado a ser um piloto."

"Talvez", veio a resposta dela quando ela mudou-se para a página de prêmios.

"Definitivamente". A lista de prêmios de vôo cobriu a parte superior da tela. "Melhor na Classe para Piloto: Primeiro Lugar, Estrategista aéreo," Dane leu alguns dos títulos em voz alta. "Você pensaria que ele era o único na fila para o posto de General militar em vez de meu pai."

"Eu acho que eles tinham algo em comum", ela sussurrou.

"Eu vou dizer:" Dane respondeu. "Será que eles eram rivais."

"E membros da equipe de vôo?", Ela perguntou com dúvida. Ela rolou para baixo a página, desta vez leu em voz alta sozinha. "Melhor Ensaio do primeiro ano: Rebelião dos Planetas.

Melhor Ensaio do segundo ano: Falhas na *Aliança*. Melhor Ensaio do terceiro ano: Fracasso dos Aliados ".

"Ouch!" Dane murmurou. "Acho que nós sabemos por que ele não chegou a General."

"Segundo Argumentador: Equipe de Debate. Campeão de Debate do Universo. "

"Eita, Aerin, seu pai soube argumentar."

Ela olhou para Dane, mas não conseguiu conter um sorriso se espalhando por todo o rosto.

Este era um novo sentimento, o orgulho em partilhar o seu pai com outra pessoa. Ela se mudou para os prêmios no final da lista. "Orador da turma."

"Nada mau", brincou Dane.

Ela se sentou na cadeira ao lado do computador e clicou nos dados do título de pós-graduação.

Uma sombria tela em branco encontrou o seu pedido.

Ela esperou, mas nada apareceu, e seu peito começou a se sentir oco.

Dane deve ter ficado desapontado também.

"Experimente fazer uma pesquisa mais geral", ele insistiu.

"Eu fiz isso antes", disse ela. "Nada vem à tona. Ele não é famoso como seu pai. "

"Experimente-o aqui. Talvez haja algo mais no banco de dados privado da academia, algo que não está em arquivos de estudante. "

Ela seguiu suas instruções, a dúvida em conflito com a esperança quando ela produziu uma nova caixa de pesquisa. Novamente ela digitou o nome do seu pai. Novamente acendeu-se a cor da tela quando o computador procurou e procurou e procurou. Aerin olhou para o relógio brilhante, 01:06 AM. Ela voltou para a tela.

E o sangue deixou seu rosto. O nome, Antony Renning, tinha aparecido, não uma, mas uma e outra vez, todo o caminho até a tela. Sua mão tremia rolando para baixo a lista de sites por quase um minuto.

Dane soltou um assobio baixo.

Ela clicou em um link. Puro negro cobria a tela, e eles esperaram, mas como com os dados de pós-graduação, nada apareceu.

Aerin voltou para a lista e escolheu um outro site. Mais uma vez a escuridão.

Ela puxou um fio de cabelo castanho entre os dentes e mordeu a ponta quando site após site produzia a mesma reação.

A palma de Dane se fechou sobre sua mão direita. "Aerin, olhe para o ecrã." Seus olhos moveram-se mais uma vez sobre a página com a lista do nome de seu pai. "Leia as descrições ao lado do sites."

Ela tinha esquecido a letra branca pequena. Parecia irrelevante com a atração de notícias sobre o pai apenas um clique de distância, mas agora a escrita agarrou-a, não só pelo conteúdo, mas porque era tudo a mesma coisa.

Lentamente ela rolou para baixo na lista. Cada endereço era diferente. Eram todos diferentes sites, todos os lugares diferentes, com algum laço com Antony Renning. E ao lado de cada posição, aquela fonte branca pequena, era a mesma palavra única. *Confidencial*.

Capítulo 18: Vôo

Confidencial. O termo queimava dentro do cérebro de Dane, mas seus olhos se focaram em Aerin. Isto era sua palavra. Seu bloqueio.

O que não explicava o olhar em seu rosto. As sobrancelhas e os lábios franzidos implicavam mais do que frustração e muito mais do que o tipo de pensamento necessário para cobrir seus passos, ela saiu do computador.

Uma pontada de medo deslizou pelas costas de Dane.

Ela empurrou a cadeira e saiu do laboratório.

—Aerin!|| Dane deu um último olhar ao redor da sala para se certificar de que estava igual a quando eles entraram. Ele se esforçou para trancar a porta, em seguida, correu atrás dela.

Ela já tinha feito o seu caminho descendo as escadas exterior pelo tempo que ele chegou nela.

Ele pulou os degraus e pousou antes dela. —Diga-me,|| ele exigiu.

As nuvens tinha se movido, cobrindo uma das luas, mas a luz continuou forte o bastante para realçar o olhar determinado em seu rosto. —Eu preciso encontrar respostas||.

—Para quê?||

—Para o que o Conselho está escondendo.|| Ela atravessou o gramado.

—Onde você vai?|| Ele não tinha certeza se queria saber.

Ela parou. E olhou para cima. Sobre o teto do Grande Hall. Acima da sólida parede preta que cercava o terreno. Para onde as nuvens se moviam ao redor das espirais rotacionais da torre escura.

—Não!|| Suas vísceras respondeu. Quando ela tinha começado a escutar os boatos? —Você nem ao menos sabe o que está lá em cima.||

—O Centro de Inteligência dos Aliados.||

—Você não sabe disso.||

—Mas você sabe, você não sabe, Dane!|| Ela virou-se para enfrentá-lo. —Ser filho de um membro do Conselho deve ser bom para alguma coisa.||

—Isso não é justo.|| *Verdade. Mais desleal.*

—Se houver informações sigilosas sobre o meu pai, tem que estar armazenadas em um computador em algum lugar. E que lugar melhor do que a torre?

Que só acontece de ser a razão de uma escola ser gerida por um membro do Conselho. E

o Eixo apenas passou a ser construído logo após a Dra. Livinsk se juntar ao Conselho.||

Aerin e suas pesquisas. —Você não sabe o que você está arriscando.|| Tentou raciocinar com ela. —Se alguém te encontrar hackeando o material, poderia acusá-

lo de fazer espionagem, e apenas se você sobrevivesse à viagem.|| Ele apontou para as espirais negras girando no ar. —Esse tubo é a única entrada para o *Eixo*. Ele move em sentido anti-horário o que significa que o piloto tem que voar em rotação. E as mudanças de inclinações. Alguns dos melhores pilotos do mundo não poderiam fazer esse vôo.||

—Você pode||.

—Não||.

—Então eu vou.|| Ela foi em direção a pista.

—Infernos, Aerin, você não tem uma nave.|| Ele a seguiu.

—Vou levar a sua.||

—O inferno que você vai!|| Ele agarrou o braço dela.

Ela se virou para enfrentá-lo, com os cabelos chicoteando seu rosto. —Você começou isso Dane. Você é aquele que almeja o perigo. Por que você está tão assustado agora?||

Emoções caíram sobre ele. Ele havia construído isso desde sempre. Desde que ela bateu seu traseiro no primeiro dia de Combate. Ele deveria ter percebido isso quando ele tinha praticamente rasgado seu caminho para sair do confinamento pensando que ela estava na prisão, ou quando ele explodiu de raiva após Yvonne ter ameaçado ela. Mas ele não tinha entendido. Nem mesmo quando ele quez lançar seu irmão na parede quando Paul a atraiu debaixo do visco.

Não até que ela entrou pela porta com aquele vestido vermelho. Sua pele nua caindo pelo decote, o veludo vermelho escorrendo pelos braços, seu peito, a sua cintura—e ondas fluindo até o chão. Isto tinha amedrontado ele, não a sua beleza, mas seu desejo repentino e a urgência de puxá-la para ele. Porque ele sabia então que este relacionamento tinha ido longe demais do que jamais se pretendia. Longe do seu controle. Embora estivesse tentado há meses—negar a inevitabilidade desse momento.

Ele beijou-a. por um único instante seus lábios gelados nos dela, suplicando-lhe para compreender. Esse medo

dele veio da necessidade dela. Era o perigo pela a sua vida que o assustava.

Então, ela lhe deu um tapa, dando um grito agudo, como se ela fosse a única que tivesse sido golpeada. —Eu não preciso de alguém para me dizer *não*.||

Sua rejeição bateu em seu peito com uma intensidade severa. Se ele tivesse parado para pensar, ele teria percebido que ela não estava pronta para um beijo. Seu coração ainda estava ferido pela morte de seu pai. Mas naquele momento Dane sabia que ele tinha perdido. Não a batalha em si, mais o argumento. Ela tinha previsto o desafio, e ele tinha todo o direito de ter medo.

Ele podia sentir o destino apertando suas garras quando ele entrou na pista. A umidade tinha crescido, as nuvens continuaram a se formar, bloqueando o restante do luar. Estava escuro, muito escuro.

Thud! Aerin jurou. —Desculpe||, ela sussurrou, duplicando o erro.

Ele manobrou para trás e seguiu em frente. Sua mão liquidada em suas costas, empurrando-o ou tentando acalmar seus nervos através do toque humano, talvez ambos. Mas ele não estava prestes a ser empurrado. Todos os aviões têm seus próprios sistemas de alarme.

Ele avançou logo o seu caminho. Passando inclinado desde a cauda ate as asas do avião.

Duas vezes ele abaixou para evitar que o equipamento não o visse até que quase foi tarde de mais, e foi quando ele puxou Aerin para cima perto de salvá-la de bater a cabeça em um tubo de escape.

Gold Dust estava na parte de trás do monte, onde ele vinha estacionando nos últimos dois

períodos escolares. Ele traçou seu caminho em torno dos veículos utilizados e abusados pelos alunos do segundo e terceiro ano em formação, então contornou um punhado de máquinas mais caras que assumiu que pertencia aos membros do pessoal da academia.

Finalmente, ele avistou a curva suave do seu próprio habilidoso. A mão de Aerin caiu das suas costas, e em poucos minutos ambos tinha subido a bordo do avião. Dane apoiou sua testa contra o painel de controle. A tensão recusava a sua fuga.

Ele não sentiu nada na corrida que normalmente o acompanhava em um ato de provocação.

Ele poderia perder sua licença por isso, para não mencionar a sua liberdade e educação. Mas não era isso que o incomodava. Foi o conhecimento de que ele não estava sozinho. Um deslize. Um erro lá em cima, e ela iria morrer logo ao lado dele.

Sua mão pairou sobre os controles. Ele sabia que o próximo passo era o mais perigoso em termos de serem apanhados. Apesar de *Gold Dust* ter um motor suave, a partida inicial poderia causar uma explosão momentânea de som antes de seu zumbido ficar baixo.

—Você está certo disso?|| Pediu Aerin, mantendo sua voz suave. —Você ainda pode optar por sair||. *E assistir à cerimônia amanhã, sem medo de rejeição.*

—Eu não posso||. Sua voz saiu rouca.

Ele entendia, mas ele queria no fundo da sua alma que ele não entendesse.

—Ligue o motor, Dane||.

Ele obedeceu. Os painéis de controle iluminaram, som rugia em seus ouvidos. Os pelos das costas da mão se arrepiaram.

Levante-se! Levante-se! Sua mente gritava, pedindo para ele se retirar antes que ninguém

distante tivesse a chance de encontrá-los. Ele reinava em pânico, obrigando-se a fazer a varredura do radar aéreo. Nada.

E ele saiu.

Verticalmente, sem luzes.

Cada músculo em seu corpo treinado assegurou que estava inseguro, mas ele não podia correr o risco de colocar as luzes no chão. Ele se colocou olhando para o radar. Este mantinha-se limpo.

A leitura de ampla altitude. A mil pés. Dois mil. Três.

Essa era sua deixa. Os faróis com vigas em foco, e sua mão foi para frente, mudando para manual. Ele inclinou o avião.

O ponto mais baixo para o tubo longo e preto do *Eixo* era montado um pouco acima do avião e corriam em outro circuito. A escuridão camuflava a espiral restante, mas Dane sabia que oito rolos inteiros estavam acima dele. Uma maratona.

Por enquanto, porém, apenas a entrada importava. *É tudo sobre ângulo*, ele disse para si, posicionando o avião. *O ângulo e a velocidade.*

Aerin ofegou quando se aproximava cada vez mais da entrada, movendo-se a setenta milhas por hora.

Ele não olhou para ela, não queria ver a dúvida em seu rosto. Era tarde demais. Os faróis seriam fonte de inspiração para qualquer pessoa olhando debaixo para cima da terra. Ele necessitava entrar na espiral. Ele precisava entrar agora.

Agora!

Ele bateu no acelerador, e engolfou no tubo rotativo. Linhas brancas dividiam a escuridão.

Use-as. Mandou-se Dane. Eles estão lá para definição.

Sangue trovejava em seu peito, e o som do batimento crescia mais e mais rápido quando ele disparou para cima. *Fique forte*, ordenou a si mesmo. *Acalme-se.* As bordas do dispositivo de direção estavam em suas mãos. O pé dele recusou a levantar. Não havia nenhum ar, nenhum em que ele pudesse sentir. Nenhum pulmão. Nenhuma respiração.

Apenas os rolos de sucção de espirais rotacionais como linhas de costura branca na escuridão. Ele aproximou-se dele. Nada existia além das espirais. Nem Aerin. Nem a escola.

Nem seu pai.

Dane moldou seu avião. Seus olhos eram o pára-brisa, com as suas mãos no controle, o coração no motor,

batendo e batendo e batendo o seu caminho até o topo.

As espirais cresciam mais íngremes, mudando o padrão de vôo. E agora não havia mais linhas. Vermelho nesse momento, e transversalmente em execução. Nada orientador.

Distração. Saltando nele. Brilhando na passagem. Thrum. Thrum. Thrum. Tentando arrastá-

lo para baixo. Dane filtrou para outro vermelho. E se as linhas brancas, também, estivessem enganando? Ou se eles também eram desvios ou desapareciam do nada?

Onde ele estava? Na quinta espiral? A sexta?

Não ache. Voe.

E agora, o tubo estava diminuindo. Um centímetro de cada vez. Aproximando-se mais perto da borda das asas. Um engate. Um empurrão na trajetória de vôo, e o avião seria atingido, saltar para fora da espiral faria eles se chocarem e rebaterem, e fixar-se em um banho de chamas.

Ele tinha sido um louco por tentar isso. Insano em pensar que ele tinha habilidade.

E então as linhas foram embora! A vermelha. A branco. O impulso o levou para entrar no tubo negro para dentro da morte na certa.

Capítulo 19: O Eixo

Então a luz.

Um cone de luz aberto.

Gold Dust subiu para a cavidade vazia. A aeronave balançava em um arco íngreme, drenando

velocidade, e mergulhou para baixo numa descida lenta, uma vez mais uma máquina, uma entidade separada. Pairando no ar. Sem ser capaz de aterrissar.

Dane examinou a sala aberta. A haste preta do *Eixo* levantando-se através do centro. Um teto plano esticado acima dele, e uma parede branca que correspondia à sua maneira inclinada circular a partir das bordas do teto para baixo a um ponto na parte inferior.

Ele examinou a superfície inclinada. Suave. Exceto por uma crista única. *Lá!* A costura soldada varrendo horizontalmente em todo o cone. Ele se concentrou, ele poderia apenas ter uma mudança de luz e uma superfície plana, superfície de vidro—uma superfície de pouso.

Delicadamente, ele colocou *Gold Dust* para baixo, lançou o trem de pouso, e sentiu o balançar leve da aeronave vindo para descansar. Ele mudou seu aperto no dispositivo de direção, em seguida, ergueu as mãos para olhar com admiração para o sangue escorrendo para baixo em suas palmas.

Aerin olhou. O sangue era como um punhal, mais um pedaço do que ela pensava que sabia sobre Dane, e não sabia. Ela empurrou-o para este vôo, nivelando em cima dele, porque ela achava que ele não poderia resistir ao desafio. A partir do solo, a espiral tinha sido apenas um projeto em uma estrutura volúvel para ela, um obstáculo no caminho decorativo do que ela queria e achava que ela precisava. Seus desejos.

Suas vísceras haviam se contraído quando ela viu o tubo girando de perto, mas ela ainda não tinha realmente

compreendido o perigo.

Até aquele passeio. Não era uma viagem através de um tubo de material em movimento negro, não para ela. Tinha sido uma vida, memórias urgentes. Não uma espiral em movimento, mas uma espiral em queda em outra aeronave seis anos antes. Com um outro piloto. Aquele que ela invocava e confiava. Um com muito mais experiência do que o jovem que ela tinha empurrado para voar esta noite.

E o sangue no final daquele acidente tinha sido fatal.

Muito pior do que o par de linhas carmesim escorrendo da palma das mãos do amigo ao seu lado. Ou Dane era mais que um amigo? *Seu beijo*: ela não sabia como reagir, só tinha conhecido o medo súbito da incerteza.

Ela deveria dizer algo, agradecer a Dane ou pedir desculpas, mas a sua língua se sentia oprimida, incapaz de formar as palavras. Em vez disso, ela arrancou dois trechos do revestimento do interior de seu uniforme e envolveu cada uma das palmas das mãos dele no tecido, amarrando em um nó seguro na parte de trás de cada mão.

Com o segundo nó, a língua dela voltou. "Nós não vamos voltar."

"O quê?" Dane falou como se estivesse em um torpor. Ela perguntou qual horror ele tinha vivido em sua mente sobre a viagem até aqui.

"Nós não vamos voar de volta por nós mesmos. Nós vamos contatar alguém e pedir ajuda."

Eu vou lhes dizer a verdade. Foi idéia minha. Eu nunca teria—nunca deveria ter lhe pedido para fazer isso por mim. "

Ele puxou a mão dele de forma abrupta. "Nós estamos aqui agora. Vamos descobrir o que você precisa. "

Ele abandonou a aeronave, e um momento depois, Aerin estava no chão de vidro transparente. Ela olhou para o ponto abaixo dela com o tronco preto girando através dele.

Dane estava se movendo agora em um círculo lento em torno da plataforma de pouso. "Este é apenas o hangar. Os registros devem ser mantidos em outro andar. Deve haver uma entrada em algum lugar. "

Aerin partiu na direção oposta, seus nervos tremendo. Ela examinou uma fenda menor na parede branca, mas nada interrompia o fluxo do marfim liso. "No centro", disse Dane, do outro lado da sala, "há um teclado."

Ela se aproximou do cilindro vertical. Uma pequena parte do tronco foi dividido em painéis, todo preto, sem letras ou números, mas eles eram, como Dane tinha dito, na forma de um teclado.

Ela mordeu o lábio inferior. Esta máquina não era simples. Aerin sabia que todos os computadores tinham um controle, construído pelo fabricante, em caso de reparos necessários, mas uma coisa era encontrar o controle de um computador normal. Se ela falhasse, ela sempre poderia desligar a máquina e tente novamente. Poderia não haver segunda chance com este teclado, e a julgar pela espiral mortal, as conseqüências disso poderiam ser fatais. Seus dedos tremeram quando ela digitou o código de entrada, *Aliança*.

Uma tela curva de luz branca acendeu em cima do tronco um pouco acima do teclado.

Antes que tivesse tempo de tentar um comando base, um labirinto de letras e números começaram a mudar toda a tela.

Um mapa, ela pensou. Estes eram os passos, se pudesse descobrir como lê-los. Lá! Em meio

ao labirinto, a letra J apareceu em toda a tela em uma reta diagonal. Ela bateu a chave, onde o J deveria estar. Em seguida, a letra A na mesma formação. A letra N. Ela bateu os dois. E.

E todas as outras letras e números rodaram abaixo em um tornado na parte inferior da tela, onde desapareceram. Uma pergunta simples, substitui-as, seguidas por um cursor piscando,

"para cima ou para baixo?"

Aerin virou-se para Dane. O que poderia ser para baixo? Eles podiam ver o ponto baixo do *Eixo*.

"E eu pensando que isso ia ser difícil", disse ele com um sorriso.

Com a testa franzida ela digitou o comando, "Para cima".

Zzzzh. Ao lado do teclado, uma divisão quebrou e alargou dentro da haste preta. Uma

abertura, de oito pés de altura e dois pés de diâmetro, revelou o interior oco de um tubo.

Ela ouviu Dane recuperar o fôlego. Costuras brancas finas beiravam o interior do tronco em duas longas linhas verticais. Baixando. Todo o caminho para o nada.

Aerin agachou-se, colocando a mão sobre a superfície de vidro da plataforma de pouso.

Ela deslizou a palma para a frente no tronco oco. Seus dedos deslizaram pela rachadura, em seguida, mudou-se para a frente. Sólido. "Mais vidro", ela sussurrou. Com cuidado, ela pisou no interior do tronco. "É um elevador."

Dane não mostrou nenhum sinal de se juntar a ela. Ele ainda estava olhando para as costuras branca e finas. Temendo que ela pudesse ser deixada sozinha, Aerin agarrou-o pelo braço e puxou-o para o tronco. Um segundo depois, a porta se fechou, levando-os. Mais uma vez, eles entraram num tubo oco, a criação do pesadelo de alguém. Aerin sentiu as mãos de Dane circulando sua cintura.

Inclinando a cabeça para trás, ela podia ver o topo da haste. A distância era difícil de julgar, talvez uma centena de pés. Em seguida, a superfície sob seus sapatos deu um leve tremor, e ela estava se mexendo. A distância começou a encolher. Agora uns noventa pés.

Agora oitenta. Setenta. O queixo de Dane freou sua clavícula, e braços apertados pressionado a sua caixa torácica.

Um segundo tremor trouxe o movimento a uma parada, e novamente uma rachadura se abriu, revelando ainda uma outra sala branca grande, uma imagem espelhada da primeira.

Ela tropeçou a frente, grata por escapar do tronco estreito e grata de estar no chão sólido branco. A parede esticada até o ponto mais alto do *Eixo*, a superfície inclinada, uma vez mais suave.

E vazia. Aerin sentiu um caroço se alojamento em sua traquéia quando ela procurou por algo que possa armazenar informações. Ela contornou a parede exterior do tronco. Nada.

Nem mesmo outro teclado.

Isto ela percebeu quando as porta se fecharam.

"Nós estávamos errados". Ela sentia as pernas vacilarem quando a esperança foi drenada de seu corpo. "Não é um Centro de Inteligência".

Dane firmou-a. "Ninguém atravessaria a dificuldade de construir esta torre para segurar nada."

"É uma prisão."

"Eu não penso assim", respondeu ele. "Há alto-falantes no chão." Ele abaixou-se e passou a mão ao longo da superfície.

Ela se agachou ao lado dele e sentiu os pequenos cumes agrupados.

Ele se afastou em direção à borda exterior da sala e olhou para o alto.

"Junto da crista do tronco." Ele apontou. "São luminárias".

"Luzes e alto-falantes." Ela podia ouvir sua voz tremer.
"De que utilização eles tem na busca de respostas?"

Agora Dane encontrou seu olhar, um brilho em seus olhos. "É uma simulador."

Ela varreu um outro olhar ao redor da sala. "Pensei que havia apenas um."

Ele sorriu. "Isso faz dois".

"Como nós. . . como podemos ligá-lo sem um teclado? "

Dane levantou a sua voz, já não falando com ela.
"Simulador, solicitação de dados."

"Código de acesso, por favor", respondeu uma voz eletrônica com clareza.

Dane olhou Aerin, e ela olhou para trás. Como poderia qualquer um deles achar o código de acesso? *Um controle?* Ela perguntou para ele sem falar.

Ele balançou a cabeça, deslizou os dedos entre os fios de seu cabelo, e descansou as mãos na parte traseira de seu crânio. Ela viu o seu peito subir e descer. Então ele levantou o queixo e falou. "Emma".

Houve uma pausa, um leve *zumbido*, e uma resposta.
"Código de acesso confirmado.

Aguardando pedido de dados. "

A boca de Aerin abriu e fechou. *Claro, o código de acesso era o nome da mulher que havia concebido o primeiro simulador e, sem dúvida, este também.*

"Solicitação de dados em espera." O computador repetiu.

Dane apontou para Aerin. Esta era sua missão, sua busca.

"Antony Renning", disse ela, deixando sua voz ecoar nas paredes brancas.

"Há uma centena de arquivos disponíveis. Limite a busca."
"

Limitar a busca? Como ela poderia fazer isso? Ela queria saber tudo sobre seu pai. Mas ela poderia não ter muito tempo. Ela teve que começar com as suas perguntas mais vitais.

"Por que ele deixou a *Aliança*?"

Houve um zumbido suave. Dane deslizou ao lado dela, quando a sala ficou às escuras. E a simulação começou.

Capítulo 20: Simulação

Gritos invadiram a escuridão. Aerin sentiu Dane ficar rígido e se afastar com ela reconhecendo a voz de seu pai. —Eu não posso acreditar em você, Tony. Você é um traidor!||

—E você é um vendido, Gregory Madousin! Eu pensei que você queria salvar o universo.||

O coração dela explodiu com a voz do segundo locutor. Sete anos ela vinha tentando silenciar em sua mente a lembrança daquela voz, a partir da memória do homem que a tinha dado origem e a amado e a deixou para trás no inferno quando sua aeronave bateu. O

homem, cuja morte havia cortado seu coração em fragmentos e que quase a destruiu.

E agora a imagem de seu pai se solidificando: ombros estreitos, cabelos escuros e os olhos cinzas salteando com manchas verdes. Era ele.

E, no entanto, não era ele. Tanto ele quanto o homem que enquadrava na frente dele estava mais jovem do que ela já tinha visto, um pouco mais velho que Dane ou ela.

A cena inteira estava estanha. Cadeiras pretas, candeeiros de correspondência, e um par de banquinhos surgiu, todos claramente no lobby do dormitório da *Academia 7*. E, no fundo, duas figuras femininas vagamente familiares permaneciam em um sofá marrom.

Mas Aerin não teve tempo para identificar as mulheres jovens. Seu foco, como a delas, articulada na discussão entre o sei pai e o futuro General.

—Depois de tudo o que a *Aliança* tem nos dado||, a versão jovem de Gregory argumentou, —o ensino e as habilidades.|| Ele atirou um par de braços magros acima como se tivesse descrevendo as alturas. —Você deseja ignorar tudo isso!||

—Não estou traíndo minha educação||, respondeu o pai de Aerin. —Eu quero colocar as minhas crenças em ação||.

Quais crenças? O homem que ela lembrava sempre tinha sido amável, mas ela não podia

recordá-lo empregando esse traço em nome de qualquer coisa maior do que seu bem-estar.

—Você pode fazer isso no seio da *Aliança*, Tony. Junte-se a frota.|| —E seguir as ordens como você? Acho que não.||

Um tom de vermelho subiu acima do pescoço de Gregory.
—É uma

honra voar para *Aliança*.||

O pai dela deu um único passa para trás. —Eu não estou dizendo que não é.|| Ele tomou uma respiração. —Não é para mim, não quando eu quero fazer a diferença.||

Um breve silêncio desceu e, em seguida uma voz feminina invadiu a calmaria.

—Onde você vai, Tony?|| Uma das jovens mulheres deixou o sofá e parecia flutuar em vez de andar quando ela veio para a frente para ficar do lado de Gregory.

Seus cabelos pretos encaracolados de modo formal, e braços delgados descansando com facilidade em seus lados.

—Eu pensei em começar com *Mindowan*,|| respondeu Tony. —Não é muito longe da *Aliança*, e os seus cidadãos compreendem o conceito de liberdade, apesar de nunca experimentarem.||

Mindowan, Aerin já tinha ouvido esse nome antes, na aula de Debate, por Yvonne, de todas

as pessoas, afirmando que a *Aliança* não podia se dar ao luxo de perder outro parceiro comercial como *Mindowan*.

A mulher inclinou a cabeça. —É uma monarquia, não é? Com um rei.||

—É uma princesa à espera de herdar. As pessoas não tem absolutamente nada a dizer em seu governo.||

—Então eles não pediram um||, reclamou Gregory.

—Eles não lutaram por um lado, quer dizer,|| argumentou Tony. —O Conselho se recusa a ajudar eles, porque *Mindowan* é um parceiro comercial vital. É um dos poucos planetas na região dispostos a vender *Ironite* para a *Aliança*. E ah, o Conselho nunca quis perturbar seus interesses.||

Uma pontada de dor familiar torceu no estomago de Aerin, a mesma dor que ela sentiu na aprendizagem da política de não-intervenção da *Aliança* em relação aos planetas do nível-X.

— *Mindowan* é um planeta de paz no meio de um setor violento||, resmungou Gregory.

—E isso é umas das razões que eu vou lá. Eu quero o efeito de protesto pacífico, não de violência.||

—Eu sei que você nunca foi fiel à *Aliança*, mais achei que você poderia pelo menos permanecer leal a nós.|| Gregory moveu a mão para incluir as duas jovens.

—Nós somos amigos há anos, pelo menos pensei que nós éramos.||

Tony franziu os lábios. —Não estou nos traindo, e eu não acredito que estou traindo a *Aliança*. Às vezes você tem que quebrar a lei para viver os valores do Manifesto.||

A cabeça de Gregory tremeu. —O Conselho não verá dessa maneira.||

—Nós entendemos o que você está dizendo, Tony||, disse a jovem mulher atrás do ombro de Gregory. —Nenhum de nós pensa que a *Aliança* é perfeita. E o que você quer

fazer, ajudar as pessoas a terem liberdade em planetas não membros, é uma meta admirável.‖

—Mas ele poderia fazê-lo através da *Aliança!*” Gregory rosnou.

—Não é sobre *Mindowan*‖, disse Tony, —ou qualquer outro planeta marcado fora dos limites. Alguém tem que ajudar essas pessoas.‖ Seu rosto estava rígido, linhas finas atravessam a sua testa, queixo proeminente de determinação. Aerin nunca tinha visto seu pai dessa forma antes, lavado com paixão. Ele tinha realmente gostado deste tempo?

—Você pode estar certo‖, disse a mulher, —mas você sabe que se tiver sucesso, Tony, se você incitar rebelião nesses planetas, o Conselho vai denunciar você. Eles não podem se dar ao luxo da raiva de outros governos.‖

—É por isso que eu tenho que ir Emma, porque o Conselho não vai.‖

Emma? Aerin voltou o olhar para a jovem mulher. Ela se destacava como um alívio contra o

futuro General ao seu lado. Onde ele era pálido, ela era escura. Onde ele estava com raiva e ela estava com calma. Ela escorregou a mão delgada em Gregory, e Aerin sabia agora porque a mulher parecia familiar. Porque ela tinha passado os mesmos olhos e cabelos escuros para o filho.

Pela primeira vez durante a simulação Aerin poupou um olhar para Dane. Seus olhos brilhavam muito, e ela sabia que a visão de sua mãe tinha lhe afetado muito como a imagem de seu pai havia afetado a ela. Dane tinha

estava mais pálido do que Aerin já tinha visto, a cor havia desvanecido de seus lábios.

E então a simulação, também, começou a desvanecer-se. Seu coração torceu quando seu pai desapareceu. Ela fechou os olhos, esforçando-se para imprimir cada momento do passado em alguns minutos em seu cérebro.

Em seguida, a ironia a atingiu. Sete anos ela afastou as lembranças de seu pai, e agora ela se agarrava a uma que nem se quer era dela. Os momentos se esticaram quando ela se deparou com essa realidade.

As palavras de Dane quebraram o silêncio. —Pois bem... Agora sabemos o que aconteceu entre seu pai e o meu.||

—Eles eram amigos||, ela conseguiu dizer.

—Muito próximos, ou o meu pai nunca teria estado tão zangado com o seu, por trair a *Aliança*||.

—Você acha que meu pai fez, então, ele os deixou para começar uma rebelião em um planeta estranho?||

—Isso foi o que você pediu para o simulador, não foi? Para explicar por que seu pai deixou a *Aliança*?||

Ela tinha esquecido sua pergunta inicial. —Sim||. Aerin esforçou-se para tomar ações sobre seu pai. Seus motivos, claro, foram nobres, mas como ele poderia ter arriscado todas as

bênçãos da *Aliança*? Um calafrio correu através de seus membros. —E você acha que meu pai foi denunciado pela *Aliança*, como sua mãe disse?||

Dane esfregou com as costas de sua mão seus olhos.
—Isso poderia explicar por que seu pai nunca mais voltou.||

E por que ele nunca falou sobre a Aliança. Ou Academia 7. Ou que alguém daquela época de sua vida.

Mas não explicou porque seu pai havia mudado. Por que ele tinha perdido a paixão que ela acabara de testemunhar e parou de lutar por suas crenças. Por que ele tinha trocado seus sonhos durante meses em isolamento em uma aeronave de comércio apenas com a sua filha como companhia. Ou porque de alguma forma teve uma filha.

E então Aerin sabia qual a pergunta para fazer em seguida. Não tinha nada a ver com a *Aliança*, nada a ver com a revolução política ou o que era legal ou ilegal. Essa era a pergunta que ela havia pedido apenas uma vez e pensado que ela nunca seria capaz de perguntar novamente. A pergunta não respondida que assombrava sua vida muito antes da classe de Debate, ou *Academia 7*, ou mesmo *Vizhan*. —Simulador||, ela disse, —quem era minha mãe?||

Antes que ela tivesse uma chance de adivinhar ou se perguntar como o computador poderia esperar para identificá-la, muito menos a sua mãe, o zumbido da máquina começou. E mais uma vez a simulação começou com vozes.

—E se nós perdermos?||, questionou um homem.

—Yeah!|| Gritou outro. —E se nós formos presos? Eu tenho família em casa que vai ser jogada nas ruas, se eu não puder trabalhar.||

—Eu vi os seus lugares, George||, disse um terceiro.

—Não acho que as ruas seriam muito pior.||

Imagens começaram a se formar. Uma multidão diversa numa praça empedrada recolhida em torno de um pódio. Os homens, a maioria deles em trapos, empurrados na direção do centro, as suas vozes empilhando uma sobre a outra. Um segundo grupo de homens, estes em bermudas e jaquetas limpas, olhava com curiosidade, e uma pitada de mulheres, carregando algumas crianças sobre os quadris largos, dispersas nas bordas da multidão.

Aerin olhou para as mulheres, em busca de alguém que poderia ser sua mãe, mas ela se distraiu com a voz do pai.

—Ouça, eu não estou aqui para vos dizer que é melhor para você ou sua família.||

Suas palavras vieram do pódio. —Eu não posso prometer-lhe segurança e liberdade. Mas posso dizer-lhe que a única chance de vocês mudarem *Mindowan* é trabalhar como um grupo.|| O uniforme de seu pai da escola e o corte de cabelo curto que ele usava na última simulação tinham ido. Ele estava vestindo como um dos membros da multidão, em uma veste

esfarrapada, calças e blusa de lã longa. Seus cabelos desgrenhados caíam soltos até os ombros.

—O rei não pode prender todos||, continuou, prendendo os espectadores com a força da sua voz. —E ele não pode executar suas minas por conta própria. Se vocês quiserem ter uma palavra a dizer em seu governo, vocês precisam falar juntos.||

Houve um ruído dentro da multidão.

—E quem deverá liderar este grupo?||, perguntou um homem.

—Deveríamos ter uma reunião||, disse uma mulher.

—Uma reunião?|| zombou um homem de barba escura.

—O bem que isso fará! Eu digo o tempo para falar já passou.||

Os gritos começaram, e Aerin perdeu o fio da discussão.

Em seguida, um silêncio súbito caiu quando um cavalo galopava para a praça. Um homem de plumas no chapéu, camisa de babados, e um par de calças de seda guiando o alto cavalo castanho escuro até a margem da multidão. Lá ele fez uma pausa, mudando sua elegante montaria em modo desconfortável. O homem chegou com uma bolsa de couro na parte de trás da sela e retirou um tubo marrom. —Correspondência para o Sr. Antony Renning||, ele afirmou.

Sussurros de impacto, em resposta, e comentários rudes sobre o cavalo e o cavaleiro e suas roupas extravagantes.

—E você é?||, exigiu o homem barbado quando ele adiantou-se da multidão. Ele bloqueou o caminho do cavalo e cruzou os braços sobre o grande e musculoso peito.

—Theodore Lorry, correio real||, disse o homem com o chapéu de pluma.

Aerin sentiu um calafrio percorrer seu corpo. Mesmo que ela soubesse que tudo isso tinha acontecido há muito

tempo, ela não podia ajudar, mas se preocupava. Por que um mensageiro real tinha uma mensagem para seu pai, a menos que o governo estivesse consciente de seus esforços para derrubá-los.

Uma fenda se abriu entre o cavaleiro e o pódio. —Eu sou Antony Renning||, disse seu pai, sem dar um passo em frente. —O que você quer de mim?||

O mensageiro não desmontou, um movimento que Aerin não podia culpá-lo. Em vez disso, dirigiu seu cavalo em torno do homem de barba e escolheu seu caminho através da multidão. O cavalo fez o que foi dito, cheirando a quem chegava perto demais. À frente no pódio, o mensageiro puxou as rédeas, estendeu a mão para depositar o tubo marrom na mão de Tony, e declarou calmamente. —Você tem uma citação da princesa.||

Em seguida, as imagens começaram a se dissipar. *Não, não!* Pânico passou pela garganta de Aerin. Ela ainda queria saber qual era a resposta para a sua pergunta. Mas a simulação não tinha chegado ao final, apenas aquela cena, uma nova foi tomando o seu lugar.

Uma elaborada sala iluminada por um candelabro de ouro surgiu à sua frente. Cadeiras esculpidas de carvalho varridas em uma crescente em torno das bordas da sala. Uma mesa polida servia a sala como um elemento central, e as folhas de papel de bom gosto, enrolavam caligrafias dispersas na superfície da mesa. Dois quadros pendurados nas paredes, uma bela de uma configuração pastoral e de um homem idoso com um cetro na mão. *O rei*, supôs Aerin.

A única janela, localizada em uma parede de cinco pés de espessura, dava para um pátio.

O pai dela ficou olhando para fora, em silêncio, apertando os dedos na pedra. Suas roupas eram as mesmas que ele usara na última cena, embora ele tivesse tirado o colete rasgado, dobrado a camisa, e amarrado o cabelo em uma fita.

—Então é você que tem uma intenção de iniciar uma guerra na própria cidade de meu pai||, uma voz feminina veio da porta. Tony girou, e seu queixo caiu com a visão do acusador.

Ela era diferente de qualquer uma que Aerin já viu. Seus cabelos castanhos ondulados em torno das bordas de um aro de prata. Olhos escuros brilhavam debaixo de sua testa com sobrancelhas arqueadas. Um de cor de rosa profundo propagava sobre suas elevadas maçãs do rosto e lábios franzidos, e um vestido canela escuro agarrava a partir dos ombros suas curvas antes de deslizar para o chão.

Tony, tendo recuperado a compostura, baixou a cabeça no menor indicio de assentimento.

—Vossa Alteza||, disse ele.

—Sente-se, Sr. Renning.|| Ela apontou para uma cadeira.

—Eu não desejo ter uma falta de hospitalidade adicionada na lista que você levanta contra a minha família.||

Ele não sentou.

—Diga-me, senhor, como um jovem da *Aliança* passou a se importar tanto em perturbar um dos únicos planetas

desta região que se preocupa em lidar com o Conselho.‖

Tony deu um meio sorriso. —Duvido que Vossa Alteza tenha qualquer desejo de ouvir a verdade.‖

—Pelo contrário, fui criada para ouvir as opiniões além do meu próprio entendimento.‖

Ela atravessou a mesa do centro da sala, ergueu um frasco de tinta, e colocou-o de volta com um baque. —Se eu não tivesse, você estaria apodrecendo na masmorra neste exato momento. E a *Aliança* teria de administrar sem seu mais recente prodígio.‖

—Estou aqui por minha conta‖, Tony endireitou os ombros. —Não em nome da *Aliança*. ‖

—Então eles querem nos fazer crer. Segundo o embaixador, se você não retornar ao espaço da *Aliança*, será enviado para a prisão. Você está ciente disso?‖

Seu maxilar se contraiu. —Isto não é inesperado.‖

—Diga-me então.‖ Ela virou o poder daqueles olhos escuros para cima dele.

—Se você não está aqui para ajudar a *Aliança* a ganhar o controle do nosso abastecimento de *Ironite*, por que você está tentando provocar uma rebelião em nosso planeta?‖

—Porque o povo de *Mindowan* merece o melhor.‖

A princesa deu um passo a frente balbuciando, em seguida, voltou, e quando ela falou suas palavras tinham perdido o tom de comando anterior. —Melhor sobre o que, Sr. Renning?‖

—Do que os anos de trabalho duro nas minas para que os outros possam usufruir das vantagens do metal descoberto.||

Trabalho duro. Mil memórias dos campos de *Vizhan* passaram através da mente de Aerin: os machucados em suas mãos depois de capinar, sem luvas, a dor lancinante nas costas e ombros curvados, o implacável calor sangrando sobre ela. Seu pai estava tentando salvar o povo deste planeta da escuridão de um trabalho sem esperança? Ela tinha vivido essas trevas. Essa eliminação ela poderia defender.

A princesa levantou uma caneta de pena da mesa e correu os dedos ao longo das penas.

—Estamos totalmente de acordo sobre isso. E o que devo fazer sobre o meu pai? Unir ao Sindicato?||

—O Sindicato está buscando o poder, não uma vida melhor para seu povo.||

—Então, repito, o que você tem com o meu pai? Ele trabalhou a vida inteira para manter *Mindowan* livre do controle do Sindicato. Eu lhe asseguro, ele não passaria por todo esse esforço só para engolir a *Aliança*.||

A mandíbula de Tony apertou. —Eu não estou sugerindo que ele dê *Mindowan* para a *Aliança*. || Seus olhos se estreitaram. —Então o que você sugere?||

—Que as pessoas do planeta tenham o direito de governar a si próprios.||

A princesa reagiu à declaração, a caneta de pena caindo no chão. —E você acredita que isso daria certo?||, perguntou delicadamente.

—Acredito que as pessoas devem ter essa oportunidade. || —E você pretende ajudá-los a ter essa oportunidade? || —Sim ||, ele respondeu.

—Através da violência? ||

—Através das palavras e da convicção. ||

Lentamente, ela recuperou a caneta, seu movimento foi tão suave que nem mesmo a saia se mexeu. Por um momento Aerin pode imaginar a princesa esticando o dedo num gesto de comando ordenando a morte de Tony em um instante. Mas as próximas palavras que surpreenderam Aerin, devem ter surpreendido seu pai.

—Então eu vou mandar você falar com o rei, Sr. Renning. ||

A simulação acabou, as imagens desaparecendo sem outra palavra falada. Aerin esperou por uma nova imagem se formar, mas nenhuma veio. —Está concluída? || murmurou Aerin.

Dane esticou os braços para trás. —Isso responde a pergunta. || —Não, isso não fez. Eu perguntei-- ||

—Quem era a sua mãe. O computador respondeu. ||

A mente de Aerin está rodando. Aquela linda mulher com um porte real e aura de comando?

—Ela não poderia ser a minha mãe. ||

—Ela poderia ||, disse Dane com firmeza. Ele parou o alongamento e virou o rosto para Aerin, seu olhar era

intenso. —Você parecia com ela no Natal, com o vestido vermelho.||

Aerin olhou para além da profundidade de seus olhos castanhos escuros. Ela se sentiu da realeza naquela noite, como ela pertencia. E ela não poderia ter estado mais errada. —Talvez o computador pensa que sou outra pessoa. Como ele pode saber que sou eu?||

Ele quebrou o olhar. —Ele deve ter percebido quem você era quando nós estávamos falando após a primeira cena. Um simulador é projetado para entrada de dados sempre que é executado.||

Ele não poderia ter mencionado isso antes? Agora, a máquina seria capaz de segui-la. Mas que importância tinha isso depois de tudo o que ela tinha visto? Além disso, ela estava presa aqui. Ela poderia muito bem tirar proveito de cada momento.

—Simulador, meu nome é Aerin Renning. Se essa é a minha mãe, o que aconteceu com ela?||

Foi uma pergunta tão vaga que, tão logo Aerin tinha dito, ela queria apagar, mas a sala estava escurecendo e não havia nada o que ela poderia fazer, só observar.

Ela sentiu o braço de Dane ao redor de sua cintura.

Eles estavam em um quarto pequeno, simples, pouca iluminação. A noite já tinha caído.

Uma mulher com um vestido caseiro e um lenço azul estava agachada ao lado de uma lareira. Ela balançava os lados de um berço e cantarolava melodias suaves. Seu rosto brilhava na luz de velas, a mesma cara que tinha pertencido a princesa.

É verdade. Aerin entendeu. *Essa mulher é minha mãe. E o bebê no berço deve ser eu.*

Desesperadamente, Aerin levou a imagem de sua mãe, preenchendo o vazio que existiu na vida inteira de Aerin. Embora mais velha do que na cena anterior, a mulher ainda aparentava ser jovem, não mais rica, mais de boa saúde. Seus olhos escuros olhando para a porta.

Então, uma feroz batida fez vibrar as tábuas de madeira. A mãe de Aerin se levantou e tirou o trinco. Um homem estava em pé na soleira, ofegante.

—Oh, é você, Stephen. Decepção soou pesado em sua voz.

—Sra. Renning, disse ele, lutando para recuperar o fôlego, —seu marido está aqui? —Não, Tony esta fora à espera do anúncio.

—O anúncio foi feito, mais de uma hora atrás. Eu pensei que ele já estaria aqui para contá-la

—E o que aconteceu então? Meu pai sancionou *Mindowan* para seu povo? Eu sabia que ele assinaria. Se alguém pudesse ganhar isso, esse seria Tony.

—Isso é muita fé que você tem no seu marido, Sra. Renning, desistir de tudo para segui-lo.

—Ele é um homem fácil de seguir, como tenho certeza que você sabe. Não levou todos os cidadãos de *Mindowan* a liberdade esta noite?

Orgulho estourou no peito de Aerin. Seu pai conseguiu então!

Sua mãe fez um gesto para que o visitante entrasse na sala, mas ele balançou a cabeça.

—Ele levou||, Stephen respondeu, —mas é por isso que eu estou procurando por ele. As multidões não estão comemorando. Eles estão atacando o castelo.||

A onda de orgulho caiu.

O medo passou pela voz da sua mãe. —O que?||

—Eles estão bêbados, minha senhora, e querem mostrar que ganharam. Você sabe que houveram aqueles que se opunham as negociações do seu marido com o rei. Eles queriam ação, não palavras. E depois do seu casamento...||

—Eles romperam com Tony, ele estava certo. Eles devem ver isso agora.

Eles tem sua liberdade e sem derramamento de sangue.||

—Há aqueles que não vêm dessa maneira. Eles não querem uma transferência pacífica de poder. Eles querem vingança.||

Aerin sentiu decepção marcada pelo medo. Era isso o que tinha acontecido com os sonhos de seu pai? Sua mãe pegou um xale de lã pesada em um cabide atrás da porta. —Cuide de Aerin pra mim? Você vai?||

—Mas eu queria encontrar seu marido. Ele é o único que pode parar esse tumulto.||

Ela fez uma pausa. —E eles sabem disso. Eles podem ter prendido ele em algum lugar, ou...|| Seu rosto foi drenado de cor, e ela não terminou essa declaração. Ao invés

disso, ela, passou pelo homem em sua porta. —Eu tenho que ir.||

—Não, minha senhora, diga-me aonde e eu vou buscá-lo.||

—Eu não estou indo atrás de Tony. Estou indo avisar meu pai.||

—Mais isso é perigoso. Eu pensei que seu pai não tinha falado mais com você uma vez que ele te deserdou antes do casamento. E se ele não escutar?||

—Ele vai ter.|| ela correu, e desapareceu na noite.

Aerin mal teve tempo de assimilar a notícia que não só ela era da realeza - um fato de que ela não tinha dificuldade de aceitar - mas que sua mãe tinha de bom grado renunciado seu próprio estado para se casar com Tony. Porque então - *porque* - ele tinha sido tão relutante em mencionar o nome de sua mãe? Mais uma vez a simulação parou.

Pound. Pound. Pound. Quase um minuto se passaram antes de Aerin poder reconhecer seu pai

na escuridão. Ele estava batendo com um porrete improvisado contra uma porta velha, e ela percebeu que ele deveria estar preso, como sua mãe tinha afirmado. *Pound. Pound.* Então crack! A divisão da porta perdeu o trinco.

Tony atacou a fraqueza com ferocidade, e o porrete fez seu trabalho.

Ele empurrou a porta quebrada e correu para a noite sem olhar para trás. Sombras dos edifícios de madeira,

passavam por ele em ambos lados da rua. Ele foi para um canto, depois outro, em direção acima. Duas vezes ele tropeçou em obstáculos invisíveis, mas ele continuou, agora sua respiração era pesada e ofegante. *Ele deveria estar morto em seus pés até agora*, Aerin pensou quando ele cortou atrás de uma loja de um comerciante e pulou sobre

uma cerca, em seguida, lançou mais uma vez em uma corrida constante.

O céu começava a clarear a distancia, e ainda assim continuou. Agora ele foi contornando a borda de uma parede de pedra alta, a silhueta do castelo no fundo. O portão, com as dobradiças arrancadas, deitado no chão.

Seu pai correu através da abertura. Nenhum dos guardas mudou-se para bloquear seu caminho. Não tinha nenhuma pessoa no pátio. Ou na entrada do castelo. Ou no lobby.

Tony acelerou por um corredor cheio de cacos de vidro e derrapou até parar na borda de uma porta grossa. Estava entreaberta. Por um momento Aerin só podia vê-lo, não o quarto em que seu pai estava olhando. Então ele caiu no chão.

E ela viu o que ele viu: a espessura das vigas atravessando o teto, as cordas adicionadas em torno das vigas, e as figuras penduradas nas cordas—e dois corpos, suas cabeças penduradas

contras os —nós|| que tinham cortado as suas respirações e terminaram com suas vidas.

Eram um homem idoso de cabelos brancos. E a outra era a mãe de Aerin.

Os gritos de Aerin encheram a câmara do *Eixo*. O pânico batia nas paredes e ecoavam de volta para ela, como um corte a laser em sua pele que queimava através dos seus órgãos.

Ela caiu no chão.

A simulação tinha a muito tempo chegado ao fim, a sua imagem final se apegou ao seu cérebro. O que mais era necessário para transformar seu pai no homem que ela conhecia?

Um homem, sem paixão ou convicção, que ficava em silêncio por horas enquanto criava sua filha sozinha, fora do âmbito de qualquer planeta ou fronteiras políticas.

Seus pulmões começaram a doer, mas ela não conseguiu para de gritar. Depois de anos de horror, a angústia tinha encontrado uma maneira de sair, e ela não podia fazer nada para travar a sua escape, não teria se pudesse.

Então braços quentes a cercaram balançando-a para trás e para frente. Dane estava dizendo alguma coisa. No começo, as palavras não conseguiram romper a emoção, mas elas continuaram, suaves e constantes, até que ela percebeu que ele estava repetindo a mesma linha mais e mais. —Você está bem. Você está bem. Você está bem.||

Ela queria discutir com ele para lhe dizer que não podia estar bem, que ela não deveria estar.

Mas as palavras estavam emaranhadas em seu cérebro, e seus gritos afogados em lágrimas.

—Eu não...Eu não.|| Ela engasgou.

—Não o que?||, ele sussurrou em seu ouvido.

Ela estava pensando em sua mãe. —Eu nem sei o nome dela.‖

—Ilaina.‖ Não foi Dane quem respondeu. —Ou mais corretamente, Sua Alteza Real, Ilaina Seranee de *Mindowan*.‖ A figura rígida da Dra. Livinsk apareceu no elevador.

Capítulo 21: Repercussões

Dane estava vivendo outro pesadelo. Com os ecos dos gritos de Aerin ao fundo e as imagens da última noite vagando livremente através de sua visão, o olhar penetrante da Dra.

Livinski quando ela saiu do elevador, o trecho longo e silencioso de escuridão sobre o caminho, descendo através da haste do *Eixo*, não pelo hangar, mas todo o caminho até ao túnel subterrâneo secreto que levava ao porão vazio do Grande Hall, a casca quase vazia que Aerin estava quando ela e ele foram escoltados de volta para o dormitório pela diretora. E o amor—sim, o amor—o qual havia sido mostrado nos olhos de sua mãe quando ela pegou a mão de seu pai durante a primeira simulação.

Ele tentou afastar as visões. Mas a experiência atual de espera para o início da cerimônia de anúncio não era mais reconfortante.

O banco duro machucou várias vezes sua coxa quando outros primeiro-anistas subiam e desciam sem parar. Vozes se sobressaiam umas sobre as outras, e o suor descia na parte de trás do seu pescoço, sem dúvida, o resultado da densa multidão aglomerando o auditório—

pais, mães, avós, avôs, irmãos, irmãs, tias, tios, e quem sabe que outros—todos ansiosos para dar apoio emocional para seus Zack ou Zelda. O pai de Dane não havia chegado.

A diretora caminhou para a frente da sala com a sua pilha grossa de convites para os estudantes de sorte que retornariam para a *Academia 7*. Ele não estaria entre eles.

Não se importe, ele disse a si mesmo. *Não sintá*.

Ele tinha conhecimento de que quando havia concordado levar Aerin até o *Eixo* o que lhe custaria. E não importava que ele ainda tinha de ser punido. Porque a mulher que estava no pódio com a cabeça alta, com seu pescoço rígido, era a mesma mulher que havia olhado para ele ontem à noite, com aquele olhar frio. . . decepção. Ele não sabia de que outra forma descrevê-lo. Ela controlava o seu destino, e ele nada podia fazer para alterar este desequilíbrio de poder.

Não se importe, ele lembrou a si mesmo. Porque se ele não se importasse, ela não poderia

machucá-lo.

Mas ela poderia ferir Aerin. Ele não poderia tirar a memória dos gritos de Aerin de sua cabeça. Eles tinham cortado ele ao meio, explodido para fora dela como a voz da loucura, e não havia nada que ele pudesse fazer. Nada além de segurá-la e mentir para ela dizendo que ela estava bem.

Ele não conseguia olhar para ela agora. Não podia suportar ver o olhar vazio que tinha passado direto por ele quando ela se afastou dele noite passada.

"Senhoras e Senhores," a voz da Dra. Livinski rompeu através da sala, "Bem-vindos à cerimônia de anúncio da *Academia 7*."

A sala mergulhou num silêncio brutal.

Seu coração parou. Talvez foi por isso que ela não havia os castigado na noite passada.

Porque ela sabia que ia ser mais doloroso passar através da cerimônia, sem ouvir o seu nome.

Não se. . importe.

Ela começou com os alunos do segundo ano. O terceiro ano teria sua cerimônia de formatura mais tarde a noite, um momento de pura celebração. Isso. Isto era completamente diferente.

Ele tinha quase esquecido que o segundo ano estaria aqui, que eles também tinham de ser convidados a retornar. Não havia limite para o número de futuros alunos do terceiro ano. Eles só tinham que satisfazer a Dra. Livinski.

Uma incumbência, Dane sabia que não valia a pena tomarem por concedido.

Ele ouviu com atenção maçante um por um, o segundo ano subiu ao som de seus nomes.

Os alunos escolhidos, sorrisos de alívio espalhavam-se através de suas caras, recuperavam seus envelopes e subiam a pequena escada para o palco. A linha humana crescia lentamente, até que cobriu a distância entre as cortinas grossas reunidas em ambos os lados.

A diretora entregou seus envelopes remanescentes e apertou juntas as palmas das mãos.

"Apresento-lhes a classe sênior do próximo ano."
Aplausos polidos encheram a sala, mas despencaram rapidamente sob o aumento da tensão quando os alunos mais velhos partiram do palco. E o clímax da manhã se aproximou. Dane não podia sentir suas mãos. Ou os pés.

A respiração estava estranha, enchia o peito desafinado quando a diretora mais uma vez levantou um convite.

E chamou um nome. Não o dele. Ou o de Aerin. Sua alma esvaziava, então recarregava quando ela pegou em outro envelope.

Não, ele ordenou a si mesmo. Sem esperanças.

Mas uma e outra vez seu peito subia e descia quando os envelopes diminuía. Apesar de si mesmo, ele começou a contar os alunos do primeiro ano no palco. "21, 22, 23." Faltavam dois postos à esquerda.

Mas nunca os nomes vieram. Dra. Livinski estava levantando a mão, introduzindo a classe ao ano seguinte. Dane não podia ouvir as palavras. Aplausos quebraram em toda sala. E os envelopes se foram.

Não se importe. Não sinta. Mas era muito, muito tarde para isso. Porque ele se importava.

Isso assustou o quanto ele se importava. E ele sentia. Ele sentiu seu músculo do coração se rasgar, e não havia nada que pudesse fazer, a não ser ver sangrar todo os sonhos que ele nunca teve a intenção de ter.

Um grito agudo escapou do final dos assentos. Yvonne. Ele não tinha prestado muita atenção para perceber que ela tinha relatado a Dra. Livinski sobre ele na noite passada, mas não houve satisfação em saber que ela também não conseguiu passar no corte. Ou que os

dois últimos lugares, aqueles que a diretora não havia escolhido para preencher, pertenciam a ele e a Aerin. Até ontem à noite.

O público desceu em uma nuvem estridente: apressando-se para o conforto dos alunos rejeitados e felicitando os do palco. Balançando os braços e empurrando os cotovelos enquanto passavam. Pernas mexendo sobre o chão, e as vozes batiam em seus ouvidos.

Ele sentiu a aproximação de outra pessoa. Aerin. Ele não conseguia encará-la ainda.

Em seguida, outra sombra, esta ele não podia adiar ou evitar. Desaprovação cortava o ar frio quando a Dra. Livinski emitiu rígida e direta. "Os dois. No meu escritório. Agora ".

Capítulo 22: Autorizados

Dane sentiu as paredes de vidro da sala da diretora em torno dele. Ele afundou numa cadeira, deixando as barras de ferro cavar em sua coluna e lembrá-lo onde estava indo.

Houve um momento de silêncio.

Vagamente, Dane percebeu que Aerin ainda tinha que se sentar. Ele estendeu sua mão, mas ela balançou.

Dra. Livinski, também de pé, começou a citar os crimes da noite passada, contando deliberadamente com os dedos. —Invasão de propriedade, entrada em local privado, acesso ilegal a banco de dados confidencial —

—Foi minha a culpa.‖ Desabafou Aerin.

Não. Dane tentou puxá-la para baixo. Eu sou o único com o registro para você. Mantenha a sua boca fechada.

Mas, novamente Aerin rejeitou. —Foi idéia minha invadir o *Eixo*, não do Dane.‖ Ela puxou a mão livre.

Os pés da cadeira raspavam o piso, enquanto a diretora deslizava em seu assento, com as sobrancelhas arqueadas. —Elabore, Sra. Renning.‖

Dane encolheu os ombros. Ele não poderia esperar que Aerin compartilhasse a conta brutal de sua vida. Ela tinha despojado-se emocionalmente na noite passada, e ele tinha visto o preço que isso tomara. Mas antes que pudesse abrir a boca para argumentar, ela começou a falar. Seu queixo para cima, seu olhar nivelado. Os eventos foram os mesmo que eles tinham compartilhado ontem à noite, mas as palavras vieram rápidas, sucintas, saindo de seus lábios com. . confiança.

A diretora interrompeu uma única vez, limpando a garganta. —Na verdade, eu tive o conhecimento da morte de seu pai pouco antes do Natal. Sua aeronave foi identificada antes de ser esmagada.‖ Ela correu os dedos juntos. —Aqueles de nós no Conselho realizamos uma reunião para ouvir o gravador de você do *Fugitive*.‖

Dane estremeceu e fechou os olhos. Então, aquilo explicava o motivo real do General ter voltado e como ele tinha sabido—como e quando o pai de Aerin tinha

morrido. E sabia que Aerin estava mentindo. *Ele pensou que eu estava zombando dele por trazê-la para casa,* percebeu Dane, *que ambos estávamos.*

Mas Aerin não permitiu que a revelação da diretora interferisse com ela própria. Ela dobrou um fio de cabelo castanho atrás da orelha, deu um breve aceno, e começou a falar sobre a

invasão do laboratório de alta tecnologia, depois do vôo, através do *Eixo*, e, finalmente, a simulação, que terminava com a descrição dramática da morte da sua mãe.

Dra. Livinski descruzou os dedos e esfregou a testa. —Essa rebelião toda||. A raiva passava através da sua voz. —Que desperdício!||

Os olhos de Dane se arregalaram pelo comentário insensível. Ele não havia considerado a possibilidade da diretora saber mais sobre os eventos que giraram em torno das simulações.

As palavras dela de ontem à noite de repente, voltaram-lhe: *Ilaina Serranee*, o nome da mãe de Aerin.

Claro que Dra. Livinski sabia mais. Ela estava no Conselho. — *Mindowan* foi engolida pelo Sindicato.|| Ela falou, em seguida, enfiou a mão na gaveta da escrivaninha e retirou um objeto fino e preto. —A rebelião desmoronou sem Tony.||

Tony? O nome informal soou pela sala.

Aerin agarrou a borda da mesa, em seguida, afundou-se na cadeira vaga. —Você.. você sabia sobre meu pai?||

Sua voz vacilou pela primeira vez desde todo o confronto.

Houve uma longa pausa enquanto a diretora corria o polegar em toda a borda do retângulo em sua mão, em seguida, virou-se sobre o objeto.

Para revelar uma fotografia.

O choque atravessou o corpo de Dane. Ele nunca tinha visto essa foto antes, mas ele reconheceu cada um dos quatro alunos da *Academia 7*: o pai de Aerin, com um sorriso largo e radiante; o próprio pai de Dane, menos jovial mais ainda sorrindo; a mãe de Dane, tão bonita, e tão. . feliz; e a jovem mulher da simulação da noite passada, a única que havia permanecido no sofá em todo o argumento de seu pai com Tony. Dane levantou seu olhar lentamente para enfrentar a diretora, em seguida, caiu novamente na jovem da foto. As acentuadas características eram as mesmas.

—Nós fomos unidos.‖ Disse a Dra. Livinski, a compaixão estava isenta em seu tom.

Ela fez uma pausa. —Por um tempo.‖

Nunca lhe ocorrera que ela poderia ter conhecido sua mãe.

—Você estava lá durante a discussão entre meu pai e o de Dane.‖ Aerin sussurrou.

A diretora tocou a borda da imagem, balançando acentuadamente. —E eu preferia não ter estado. Gregory ficou furioso.‖ Seus olhos cinza voltaram para Dane, em seguida, voltaram para Aerin. —Claro, Tony poderia ter dado a notícia mais suavemente.‖

—A amizade não sobreviveu?|| Aerin perguntou.

—Não.|| Disse a diretora. —Gregory tinha acabado de se alistar a Força Aérea dos Aliados, e ele não fez de ânimo leve.||

Ele nunca faz nada com ânimo leve.

—Quando ele se alistou, ele entregou sua alma inteira a *Aliança*.|| Dra. Livinski colocou a foto bruscamente de volta na gaveta. —Tony nunca fez isso. Para ele, liberdade era o que valia a pena lutar, mas não era inseparável da *Aliança*. Ele acreditava que o melhor lugar para fazer a diferença estava em um planeta onde as pessoas não poderiam obter apoio dos Aliados. Gregory nunca entendeu isso||, ela fez uma pausa, em seguida, estendeu o pensamento. —embora Emma entendia.||

Algo no peito de Dane foi arrancado ao som do nome. A raiva começou a aumentar dentro dele. O que deu a esta mulher o direito de ter lembranças de sua mãe?

Uma sombra breve substituiu o olhar duro nos olhos da diretora. —Acho que Tony esperava que ela mudasse a mente de Gregory. Havia muito mais em Emma do que sua família rica. Ela era brilhante, você sabe.||

As palavras explodiram de Dane, antes que ele pudesse contê-las. —Então porque ela se casou com meu pai?||

A diretora piscou. —Sua mãe sabia a sua própria mente. Ela compreendeu Gregory e alisou todas as suas arestas. Os pais dela não aprovaram. . então ela se casou com ele, fora da escola.||

—E não entendo||, Aerin interrompeu. —Se ela poderia ter convencido ele a perdoar meu pai, por que ela não

convenceu? O que aconteceu?||

A sensação de frio se desenvolveu não boca do estômago de Dane.

Os olhos cinza voaram para sua cara. Ele não gostava daqueles olhos. Eles viram muitas coisas.

—Emma morreu||, disse a diretora. —Ela ficou doente na sua segunda gravidez. Os médicos trataram a febre, mas isso a deixou muito fraca, e eles sugeriram abortar o bebê.||

Um arrepio rastejou através da cabeça de Dane. Ele nunca tinha ouvido falar dos detalhes.

—Gregory estava ausente no momento||, continuou a diretora. —Ele tinha sido promovido apenas alguns meses antes. Quando soube que ela estava doente, ele tentou voltar para a casa, mas até então, Emma só estava com febre. Entrou em contato com ele a bordo da aeronave, disse-lhe para não se preocupar, e ela o deixou pensar que ela tinha marcado um aborto.|| *O deixou pensar*: a frase tinha um anel de assombro.

—Mas ela não tinha?|| Aerin perguntou.

Não

Dra. Livinski respondeu a sua pergunta, mas falou diretamente com Dane. —Sua mãe nunca considerou em deixá-lo. Ela sabia que no momento que seu pai retornasse a *Chivalry*, seria tarde demais para interromper a gravidez, e ela assumiu que teria tempo de o convencer à sua maneira de pensar. Mas a caminho de casa, a aeronave de seu pai foi desviada

para *Mindowan* para remover os diplomatas aliados durante a rebelião. Quando ele chegou,

Gregory rastreou Tony e tentou convencer ele a se entregar, dentro dessa época, seus pais e eu tínhamos ganhado uma certa quantidade de respeito entre o governo. Teríamos testemunhado em seu nome, mas Tony recusou.||

—Então a culpa foi do meu pai que eles nunca se conciliaram?|| Aerin questionou.

A diretora deu de ombros. —Tony estava desorientado. Ele culpou a si mesmo pela morte da sua esposa, e que Gregory soube daquilo. Ele poderia ter perdoado a discussão. Exceto, então Emma morreu.||

—Como?|| Aerin sussurrou.

—Eu a matei|| As palavras correram pela boca de Dane, antes que pudesse detê-las. Elas bateram pela sala, destruindo como fogo de gelo.

Os olhos cinzentos estavam de volta a ele quando Dra. Livinski sacudiu a cabeça, outra coisa aderiu à nota firme em sua voz. —Ela pode ter morrido ao dar a luz a você, mas foi sua decisão, sua escolha. A dor quase destruiu Gregory. Ele a amava tanto que ele não poderia encontrar isso em si mesmo para culpá-la, e ele não conseguia lidar com todas as culpas que ele mesmo teve que espalhar ao seu redor. Ele culpou Tony e o exilou permanentemente da *Aliança*, acusando-o como traidor e fazendo-o de bode expiatório para a violência de *Mindowan*.||

Então o pai de Aerin também tinha sido vítima da ira do General.

—Por que nós nunca aprendemos isso na escola?|| Aerin sussurrou. —Por que é confidencial?||

Dane sabia a resposta, mais foi a diretora quem explicou. Ela não mediu suas palavras.

—Porque a perda de *Mindowan* como um parceiro comercial foi o maior golpe que a *Aliança* sofreu nos últimos milênios. Foi competência do Sindicato a expansão repentina, e no momento da aquisição, ninguém do Conselho teve coragem de admitir publicamente que o responsável por trás da perda era um traidor.||

—Ele não era um traidor!|| A voz de Aerin tinha a fúria que havia tornado no primeiro Debate.

—Talvez não.|| Dra. Livinski fustigou pela tempestade.
—Mas ele era um cidadão dos Aliados treinado em nossa maior instituição de aprendizagem. O Conselho não tinha o desejo de compartilhar esse fato, e os atuais membros, especialmente Gregory nunca foram obrigados

a corrigir a história.|| O jeito em que ela disse a última frase, inclinando-se ligeiramente para frente, olhando Aerin, fez Dane tremer. Era um desafio.

—Meu pai fez a coisa certa.|| Aerin entrou na armadilha.
—Os cidadãos da *Aliança* devem saber a verdade.||

Ela estava certa, é claro. Seu pai não merecia ser apontado como o único a causar problemas entre a *Aliança* e o Sindicato. Ele tinha vivido os ideais do Manifesto. E ele não poderia saber que as suas ações terminariam em um desastre.

Mas também não deveria ser a sua filha a ter que enfrentar as acusações que viriam com o lançamento público do que sei pai havia feito em *Mindowan*. —É secreto, Aerin||, disse Dane. —Você é a única que precisa saber.||

—Eu não tenho vergonha do meu pai.|| Ela encontrou o olhar de Dane. —Segredos nunca fizeram a mim||- ou a você, seus olhos pareciam dizer- —nenhum bem.||

Dra. Livinski recostou-se, com as mãos repousando sobre os braços duros da cadeira. —Você insiste em dizer ao público então.||

Aerin endireitou suas costas. —Eu vou, se ninguém mais fizer.||

Finalmente, satisfação velada emanou através da voz da diretora. —Vou informar ao resto do Conselho a sua decisão, Sra. Renning. Eu não tenho nenhuma dúvida, de que a maioria prefere liberar os arquivos confidenciais, ao invés de esperar para responder a uma conferência de imprensa. Gregory, é claro, vai ficar descontente.||

Sua atenção voltou-se a Dane. —Embora seu pai nem sempre gostasse de segredos.

Tony não foi o único alvo de sua ira após a morte de sua mãe. Gregory me culpou porque ter mantido segredo sobre a escolha de Emma para com o bebê.|| Os olhos cinzas eram diretos. —E eu tenho medo, Dane, que ele tenha culpado você.||

Ela sabia que seu pai o odiava. O conhecimento fez Dane quase fisicamente doente.

—Eu devia ter percebido que havia algo de errado quando ele tentou removê-lo da escola no início do ano||, disse a diretora. —mas eu só pensei que ele estava testando a minha autoridade. Recusei-me||, ele deu um sorriso irônico, —e na manhã seguinte, acordei com uma crise de rede.|| Seu sorriso desbotado. —Eu atribuí aos dois trabalharem juntos, esperando que vocês pudessem formar uma conexão e finalmente convencer Gregory a perdoar Tony. Claro, isso foi antes de eu saber que ele estava morto. Acho que deveria ter expulsado vocês, mas o que ele teria conseguido, exceto libertar os meus alunos mais talentosos em um universo insuspeito? "

Talentosos? Ninguém jamais havia chamado Dane disso.

—Não é todo estudante que tem um avião no hangar do *Eixo*.||

E lá estava a essência amarga dessa conversa. Em um breve comentário, lembrando-lhe por que ele estava aqui. Ele havia quebrado a lei, e ela tinha as provas que ela precisava para condená-lo. Nada mais importava.

—Esta escola é o futuro da *Aliança*||, a Dra. Livinski continuou, com as mãos dadas apertadas.

—Trata-se de treinamento de líderes: os líderes que vêem os problemas passados e conflitos de hoje para encontrar soluções de longo prazo, os líderes que assumem riscos e definem metas além das expectativas atuais, e os líderes que desafiam o que é seguro ou popular||, ela olhou para ambos de Dane para Aerin, —para defender o que é moralmente correto.||

As palavras seguintes da diretora exigiam uma resposta. —Por que você veio para essa escola, Dane?||

Ele se esforçou para falar, para dizer algo, qualquer coisa para se defender, mas as únicas palavras que vieram foi à verdade. —Para me vingar do meu pai.||

—E você, Aerin||, perguntou a Dra. Livinski.

—Eu não tinha outro lugar para ir.||

A diretora fez uma pausa.

Dane lutou contra o silêncio. Ele tentou se convencer a formar um argumento antes que ele acabasse na prisão, mas ele só conseguia pensar que ele havia perdido seu lugar aqui, e com ele, uma saída para o futuro.

As próximas palavras da Dra. Livinski confirmaram seus pensamentos. —Nenhum desses motivos são bons o suficiente.||

Não, eles não eram. Eles estavam longe de serem adequados. Mas ele tinha medo de seu sonho permanecer. Ele não sabia, quando ele chegou aqui, que ela ficaria entre ele e seu pai. Ou que os professores o incentivariam a pensar por si próprio. Ou que ele se reuniria a Aerin, cujos problemas eram piores do que os dele e cuja a sua vontade mais forte era que ele tivesse um futuro em que ele poderia começar a conhecê-la melhor. Agora era tarde demais.

—Vocês tem que fazer o seu melhor para não jogar fora a oportunidade de atender esta escola||, disse a diretora.

—E você não vai ficar aqui por aparência. Isto não é para se esconder, ou vingança, ou|| -ela franziu o nariz-
—delatores. Se vocês ficarem, vocês vão fazê-lo como líderes.||

A cabeça de Dane voou para cima.

—Há dois lugares de estudantes restando na *Academia 7* para o próximo ano.|| A diretora levantou a mão antes que Dane ou Aerin pudessem falar. —Se vocês aceitarem os lugares e ficarem abaixo das minhas expectativas— asseguro-lhes que astronomicamente—vocês vão

sair daqui na velocidade da luz. Esta é uma escolha. Vocês devem tomar a responsabilidade de fazê-la.||

A realidade girou e bateu nele. Sua escolha. As memórias do ano passado chegaram pulsando a Dane de uma só vez: a demanda de Pete dizendo que o convite era o futuro de Dane e que seria melhor levá-lo; a acusação de seu pai que Dane tinha enganado e não merecia estar aqui e as palavras da diretora ontem à noite, aos poucos as palavras que tinha mudado sua vida.

Sua mãe nunca considerou desistir de você.

Isso era algo, não era?

Aerin olhava para ele com a uma fixa expectativa.

—Você vai ficar?|| ele perguntou, não importando em ouvir o medo em sua voz.

O sorriso dela ficou largo. Havia uma luz no rosto que ele nunca havia testemunhado antes.

—Bem, eu não posso deixar o futuro do universo em suas mãos, agora eu posso?|| ela brincou. Seus olhos estavam brilhando. *Brincando*. Apesar de toda a tragédia que eles tinham sabido sobre seus pais, ela se tornou mais confiante do que ele jamais havia visto.

—E você, Dane||, perguntou a diretora. —Você vai

ficar?|| —Sim||, disse. E, finalmente, ele acreditou.

Capítulo 23: A Fonte

Aerin escapou aquela noite. Era bobagem, ela supunha, quando ela deslizou uma perna sobre o parapeito da janela e envolveu suas mãos em torno dos sólidos ramos do bordo.

Com o período escolar oficialmente terminado, não havia nenhum toque de recolher.

E não havia monitor de plantão para impedi-la de simplesmente descer as escadas e sair pela porta principal.

Mas ela tinha escolhido sair escondida.

A cerimônia de formatura tinha acontecido até tarde da noite, e enquanto muitos dos alunos e suas famílias se dispersaram por toda a cidade, havia ainda muitas no dormitório para assegurar que sua fuga iria passar despercebida. E ela precisava completar esta missão sozinha.

Ela fez seu caminho através dos galhos emaranhados, tendo o tempo para desfrutar de seu abraço e sua força. Até agora cada mão, cada ponto de apoio estava impresso dentro de seu corpo de modo que ela não tinha que pensar sobre a mecânica da subida. E como ela tomou o cuidado de não evocar sons desnecessários, a ameaça de perigo real havia se desgastado. Ela era livre para se perder em pensamentos durante a noite.

Os grilos tinham sintonizado suas chamadas, e o coro de sapos completava a melodia.

Quando ela teceu seu caminho para baixo, de um ramo para outro, a canção construída tinha seu clímax vibrante, em seguida, seu silêncio cronometrado para coincidir com a imediata queda final de seus pés no chão. Aerin sabia que o coral iria começar de novo num momento, e com certeza, quando ela deslizou para dentro do labirinto do jardim, um solista de anfíbios reprisou as notas de abertura da canção.

As árvores deram boas vindas a sua tranqüilidade. A umidade pesada tinha se escondido ao longo do dia, e enquanto a queda do sol tinha facilitado a opressão, nem mesmo o mais ínfimo punhado de brisa sussurrava nos vestidos de folhas dos carvalhos e cedros. Hoje à noite o jardim estava em paz. Ao contrário de ontem à noite.

Ou talvez o próprio jardim não estivesse tão diferente. Talvez apenas os olhos e o coração dela haviam mudado, em alguns aspectos e não em outros. O jardim não tinha chamado ela desde o primeiro dia de sua chegada? E não tinha também a fonte, desde a primeira vez que tinha visto o seu brilho cintilante?

Ela havia respondido dezenas de vezes.

Mas esta noite, ela sabia o porquê.

A memória havia chegado depois das outras, muito tempo depois da primeira onda na noite anterior quando ela abriu o —baú|| na parte traseira de sua mente, permitindo-se ver todos os momentos com seu pai que ela havia escondido com cuidado nesses últimos sete anos . Os

gritos e as lágrimas que tinham soprado através dela, à vista do cadáver de sua mãe tinha sido um choque, mas

também tinha sido uma libertação. Uma versão do desconhecido inimaginável.

Tinha sido muito difícil, em *Vizhan*, pensar sobre o que ela tinha perdido. E depois de sua fuga, ela tinha medo. Mas, enquanto as simulações foram preenchidas com a perda, raiva, e a morte, também haviam sido preenchidas com seu pai. E lembrou-lhe que ele não era nenhuma dessas coisas. Havia machucado, sim, lembrar dele, mas a dor havia diminuído a cada memória. E pela madrugada, Aerin tinha certeza de que ela poderia sobreviver.

A memória da fonte veio depois: esta tarde, uma vez que ela estava em paz. Isso tinha se apresentado. Como uma dádiva. Ela tinha visto o pai, alto e firme, como ele olhava para ela quando ela tinha sete ou oito. Ela tinha se zangado com ele, porque ele tinha se recusado a responder à sua pergunta sobre sua mãe.

Ele tinha a levado a um parque em um planeta cujo nome ela não se lembrava e tinha levado ela até o dique submerso de uma fonte. Sabendo que ele estava tentando trocar o seu perdão, ela tinha estado de mau humor. Mas essa fonte.

Era enorme, com sua borda redonda e longa com lados inclinados. Havia música.

E cor—verde brilhante e rosa e um afiada azul que dançavam nos fluxos de água.

Mas o que ela mais lembrava foram as crianças: correndo e gritando e gritando quando se esquivavam dos rítmicos feixes de spray, na esperança da inevitável captura. Seu pai tinha feito um gesto para que ela se juntasse a meninos e meninas com as roupas encharcadas e

movimentos desordenados. E ela queria. *Ah, ela queria ir!*

Mas ela tinha estado assustada. As outras crianças tinham irmãos, irmãs e amigos, alguém com quem jogar. Seu pai se ofereceu para ir para a água com ela, mas nenhuma das outras crianças tinham pais segurando suas mãos.

E ela disse que não.

Ele havia sido ferido. O olhar em seus olhos tinha mostrado que ele acreditava que ela o estava rejeitando. Ela não queria, mas ela estava muito envergonhada para admitir o medo.

Em vez disso, ela sentou-se com o pai em silêncio por um longo tempo na parte superior do dique. E invejava aquelas crianças correndo e brincando e rindo na água. Ele nunca tinha voltado para o parque.

E ela nunca tinha perguntado sobre sua mãe novamente. Mas Aerin nunca explicou a ele sobre o medo na fonte. Nunca se desculpou. E talvez nunca o perdoou por não lhe dizer toda a verdade.

Talvez por isso ela não queria lembrar. Não só porque ela estava com medo de sentir a agonia prima de sua perda, mas porque ela tinha vergonha que, apesar de sua morte e todo o seu amor, ela não conseguiu perdoar-lhe dessa única coisa.

Até ontem à noite. Quando ela finalmente entendeu por que ele não tinha contado a ela sobre sua mãe. Porque ele havia amado, amado muito para poder falar sobre ela, e amou Aerin muito para compartilhar sua dor pelo seu sofrimento.

E agora ela só conseguia pensar em uma maneira de lhe pedir desculpas.

Eu vou fazer você se sentir orgulhoso, ela disse ao seu pai em seus pensamentos. Eu vou provar-lhes tudo o que você me ensinou bem, que você era leal aos ideais do Manifesto, e que eu pertença a Aliança.

Ela acreditava agora. Embora não tivesse sido o conhecimento de que ela era uma cidadã que houvesse mudado seus sentimentos. Tinha sido o idealismo de seu pai e a bravura de sua mãe. Foi seu legado que tinha dado a Aerin a confiança para aceitar a oferta da Dra. Livinski para retornar. E foi esse o legado que ela deveria abraçar.

A fonte estava esperando por ela. Ela não tinha luzes fluorescentes ou alto-falantes escondidos, mas tinha cor, o verde profundo da noite nublada da Academia e o brilho reluzente do luar refletido. Os sapos e grilos ainda cantavam sua música acompanhados pelo *shhh* sempre presente do spray de água.

Ela estendeu as mãos, os dedos em primeiro lugar, deixando que eles interrompessem o fluxo perfeito.

Suas palmas das mãos abertas e fechadas, tentando capturar a essência da água, mas o líquido fresco derramou-se pelos seus pulsos e braços em vez disso, escorrendo sob seus cotovelos. E então ela entrou na chuva, fechou os olhos, inclinou o rosto, e pensou com um abandono imprudente, *Eu não estou com medo.*

Epílogo: Punição (REPRISE)

"Dane", Aerin disse enquanto ela se equilibrava no andaime. As placas estavam quentes sob seus pés

descalços, o sol alto batia em sua testa. Suas mãos circundavam todo o comprimento do corrimão a frente dela. A espiral do *Eixo*. Imóvel. "Acho que nós podemos ter subestimado a Dra. Livinski".

"O que lhe dá essa idéia?", Disse ele sobre o barulho do fatiador portátil quando ele o guiou através da superfície de *Ironite*.

"Que ela nos pegou todas as vezes que quebramos as regras, ou que ela tenha nos fornecido trabalho ao ar livre com milhares de pés acima do solo." Ele curvou o *fatiador de Éfeso* sobre a borda e viu o pedaço de material sólido negro cair sendo capturado na cesta.

Aerin puxou a cesta, verificando os ganchos do sistema de polias, e deixando o recipiente navegar em direção a base. Ela ignorou o barulho do metal. "O fato de que ela criou um castigo que ajuda a nós todos."

"Oh sério?" Dane desligou o interruptor. O zumbido cessou quando ele desligou a ferramenta leve em um poste nas proximidades. "E o que", disse ele, pesando sua lancheira no ombro dele ", é tão grande quanto gastar nosso verão desconstruindo essa afiada ameaça de morte?" Agarrou os trilhos do andaime e subiu ao lado da espiral, não esperando por uma resposta. Aerin subiu ao lado dele, garantindo uma posição na *Ironite* inclinada.

Ele estabeleceu a lancheira pelo corrimão e entregou-lhe uma garrafa de água. Ela brigou com ele por uma maçã, perdeu a luta, e conseguiu um nectarina no lugar, depois voltou para o segmento anterior da conversa. "Bem, a partir da perspectiva de que a Dra. Livinski, começa a nos fazer limpar a sujeira dos nossos pais."

Dane gemeu. "Eu deveria ter sabido que este tubo era uma idéia louca do meu pai." Ele deu uma mordida na valorizada maçã e franziu o cenho.

Aerin sorriu, satisfeita que ele pudesse falar agora sobre seu pai. De acordo com a relutante admissão da diretora, o projeto do *Eixo* tinha sido o projeto sênior dela e seus amigos próximos. O simulador foi invenção de Emma; o elevador, Dra. Livinski, e os pais de Dane e Aerin eram os culpados pelo espiral em movimento.

"Você sabe que nenhum deles jamais quis colocar ninguém em perigo", Aerin lembrou a ele.

"Eles pensaram que o tubo iria deter as pessoas a tentar entrar no *Eixo*."

Afinal, quem seria imprudente o suficiente em voar para uma coisa dessas? "Ela abaixou-se quando Dane arremessou a maçã nela."

"Como eu estava dizendo", disse ele, "como a ordem da Dra. Livinski para desmantelar esta armadilha nos ajuda?"

"Temos que ficar aqui durante todo o verão", Aerin respondeu. "Nenhum de nós tem de encontrar um lugar para morar ou um trabalho a curto prazo."

"Certo, porque um trabalho de milhares de pés acima da superfície do planeta é uma posição tão confortável, que não queremos abrir mão disso."

Aerin recostou-se de lado e deu uma mordida em sua nectarina macia. Seu suco rico deslizou sobre sua língua. Esticou os pés descalços ao sol e deixou-os desfrutar de seu calor durante alguns minutos enquanto ela deixava cair seu olhar para a cena abaixo, não para o Grande Hall

ou o seu gramado ao redor, mas para além da parede externa havia milhas e milhas de edifícios na cidade, parques, bibliotecas e livrarias—apenas esperando para serem explorados. "Pelo menos estamos livres para viajar para além do muro", disse ela, "Todo longo verão. E não temos ninguém para supervisionar o nosso trabalho. "

"Você está certa." Dane se aproximava, a sombra de seus olhos castanhos mudando. "Isso é um extra." Ele se inclinou para frente, o cabelo caindo na frente de seus olhos, e abaixou sua boca como se quisesse beijá-la.

Então parou, os olhos pedindo permissão.

Os raios do sol irradiavam a partir dos pés dela, nas suas pernas, seus braços, seu rosto.

Não houve estremecimento, nenhum frio, nenhum desejo irreprimível de fugir. Ela passou as mãos atrás do pescoço dele, puxando sua boca para perto. E sentindo o gosto quente da segurança quando seus dedos dos pés enrolaram debaixo dela.

FIM!

Créditos:

Comunidade Traduções de Livros

[[http://www.orkut.com.br/Main#Community?
cmm=25399156](http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=25399156)]

Tradução: Lívia di Medeiros

[[http://www.orkut.com.br/Main#Profile?
uid=17374734838963324488](http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=17374734838963324488)]

Tradução: Júlia Gava

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=9885328759777619575>]

Revisão: Lívia di Medeiros

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=17374734838963324488>]

Twitter

<http://twitter.com/tdlivros>

Blog

<http://traducoesdelivros.blogspot.com>

Skoob

**[http://www.skoob.com.br/usuario/mostrar/140942/
perfil:on](http://www.skoob.com.br/usuario/mostrar/140942/perfil:on)**